



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA
LINGUAGEM

VIVIANE RUFINO DA SILVA

**A AUTORREFERÊNCIA NO DISCURSO LITERÁRIO: POR UMA ANÁLISE
SEMIOLÓGICO-ENUNCIATIVA DA OBRA “SÃO BERNARDO”, DE GRACILIANO
RAMOS.**

RECIFE
2024

VIVIANE RUFINO DA SILVA

**A AUTORREFERÊNCIA NO DISCURSO LITERÁRIO: POR UMA ANÁLISE
SEMIOLÓGICO-ENUNCIATIVA DA OBRA “SÃO BERNARDO”, DE GRACILIANO
RAMOS.**

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em estudos
interdisciplinares da linguagem da
Universidade Federal Rural de
Pernambuco, como requisito para
obtenção do título de Mestra.

Orientador: Dr. José Temístocles Ferreira
Júnior.

RECIFE

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Bibliotecário(a): Ana Catarina Macêdo – CRB-4 1781

- S586a Silva, Viviane Rufino da.
A autorreferência no discurso literário: por uma análise semiológico-enunciativa da obra São Bernardo de Graciliano Ramos / Viviane Rufino da Silva. – Recife, 2024.
104 f.
- Orientador(a): José Temístocles Ferreira Junior.
- Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia - UAEADTEC, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Recife, BR-PE, 2024.
- Inclui referências e anexo(s).
1. Enunciação. 2. Análise do discurso literário. 3. Semiótica. 4. Ramos, Graciliano, 1892-1953. São Bernardo
I. Ferreira Junior, José Temístocles, orient. II. Título

CDD 470

VIVIANE RUFINO DA SILVA

**A AUTORREFERÊNCIA NO DISCURSO LITERÁRIO: POR UMA ANÁLISE
SEMIOLÓGICO-ENUNCIATIVA DA OBRA “SÃO BERNARDO”, DE GRACILIANO
RAMOS.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em estudos interdisciplinares da linguagem da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito para obtenção do título de Mestra em estudos da linguagem.

Aprovado (a) em: ____ / ____ / 2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Temístocles Ferreira Júnior (Orientador)

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Prof.^a Dr.^a Ivanda Martins (Examinadora Interna)

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Prof.^a Dr.^a Isabela Rêgo Barros (Examinadora Externa)

Universidade Católica de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

Gratidão a Deus por me ajudar a seguir nesta jornada acadêmica. Sou grata, também, à minha família, aos meus amigos, aos colegas do mestrado que dividiram essa jornada rumo ao conhecimento, bem como aos professores que ministraram, magnificamente, cada cadeira do nosso currículo. Dedico esta pesquisa ao meu pai, Valdemir Alfredo da Silva (in memoriam), que sempre investiu nos meus estudos, mesmo com poucos recursos, mas que se foi durante a minha caminhada no mestrado sem a possibilidade de estar comigo na conclusão deste desafio.

Expresso minha eterna gratidão ao Prof. Dr. José Temístocles que, com muita paciência, vem conduzindo e orientando esta pesquisa, demonstrando apoio e compreensão durante todo o período de estudos e escrita. Agradeço também à Profa. Dra. Ivanda Martins, a qual, por meio das disciplinas ministradas no PROGEL, ajudou-nos a construir portfólios de leitura que muito auxiliaram nesta pesquisa. Obrigada à Profa.Dra. Isabela Rêgo Barros que, em meio à rotina corrida, se dispôs a ler e avaliar esta pesquisa.

“Aquietai-vos, e sabei que eu sou Deus;
serei exaltado entre as nações; serei
exaltado sobre a terra. O Senhor dos
Exércitos está conosco; o Deus de Jacó é
o nosso refúgio.”

(Salmos 46: 10-11)

“Bem antes de servir para comunicar, a
linguagem serve para viver”.

(Benveniste, 1966).

“Comovo-me em excesso, por natureza e
por ofício, acho medonho alguém viver
sem paixões.”

(Graciliano Ramos em Memórias do
Cárcere, 1953).

RESUMO

Este trabalho aborda a autorreferência em uma perspectiva semiológica-enunciativa com o intuito de analisar a personagem Paulo Honório, protagonista do romance *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, e como a autorreferência, materializada nos signos plenos, é imprescindível à compreensão do discurso da personagem literária protagonista do enredo. A investigação parte da pergunta: como a autorreferência é desempenhada na construção da subjetividade de Paulo Honório, narrador-personagem de *São Bernardo*? Para alcançar a resposta dessa indagação, é fundamental reconhecer que este estudo está fundamentado nos conceitos teóricos de Benveniste (1958,1989) e nas pesquisas mais recentes sobre os fundamentos dos estudos desse autor, como os escritos de Flores (2013,2019), Flores e Teixeira (2013), Ferreira Júnior (2014) e Laplantine (2008) no campo da Enunciação. Além disso, buscou-se analisar a obra "*São Bernardo*" à luz das ideias de Antonio Candido (2006), renomado autor que abordou a obra em um conjunto de ensaios chamados *ficção e confissão*. Como parte de nosso estudo, optamos por realizar uma pesquisa teórica com caráter qualitativo-interpretativista por meio da qual empreendemos uma leitura da reflexão semiológico-enunciativa de Émile Benveniste, buscando elementos para compreender o papel da autorreferência no discurso literário. Pretendeu-se demonstrar, com as análises, aqui, empreendidas, como os estudos linguísticos, sobretudo, os que dizem respeito à autorreferência, podem servir de base para a compressão de um enigmático personagem, o qual é considerado um dos mais significativos da literatura brasileira, não apenas pela complexidade de sua construção, mas também pelo papel que desempenha na crítica social presente em "*São Bernardo*". Assim, a forma como Honório se apresenta, e aos que o rodeiam, revela muito sobre a sua posição social e as relações de poder que o cercam. Além disso, o discurso do protagonista foi perspectivado a partir de um mundo construído por meio das contradições e de conflitos sociais do tempo em que o enredo é perpassado. Logo, a análise apresentada, neste estudo pautado nas concepções semiológicas-enunciativas de Benveniste, vai além da simples descrição do comportamento de uma pessoa, isto é, a autorreferência revela a complexidade de Paulo, como personagem e narrador, convidando o leitor a refletir sobre a relação entre subjugação e construção social. Diante disso, ratifica-se a importância do interdisciplinar entre a linguística e a literatura, estabelecendo, entre essas duas áreas, uma relação de complementaridade no que diz respeito aos estudos da linguagem.

Palavras-chave: Enunciação; Discurso Literário; Semiologia; Autorreferência; "*São Bernardo*".

ABSTRACT

This paper addresses self-reference from a semiological-enunciative perspective with the aim of analyzing the character Paulo Honório, protagonist of the novel *São Bernardo*, by Graciliano Ramos, and how self-reference, materialized in full signs, is essential to understanding the discourse of the literary character who is the protagonist of the plot. The investigation starts from the question: how is self-reference performed in the construction of the subjectivity of Paulo Honório, narrator-character of *São Bernardo*? To reach the answer to this question, it is essential to recognize that this study is based on the theoretical concepts of Benveniste (1958, 1989) and on the most recent research on the foundations of this author's studies, such as the writings of Flores (2013, 2019), Flores and Teixeira (2013), Ferreira Júnior (2014) and Laplantine (2008) in the field of Enunciation. Furthermore, we sought to analyze the work "*São Bernardo*" in light of the ideas of Antonio Candido (2006), a renowned author who addressed the work in a set of essays called *fiction and confession*. As part of our study, we chose to conduct theoretical research with a qualitative-interpretative character through which we undertook a reading of Émile Benveniste's semiological-enunciative reflection, seeking elements to understand the role of self-reference in literary discourse. The aim of this study was to demonstrate how linguistic studies, especially those related to self-reference, can serve as a basis for understanding an enigmatic character who is considered one of the most significant in Brazilian literature, not only due to the complexity of his construction, but also due to the role he plays in the social critique present in "*São Bernardo*". Thus, the way Honório presents himself and those around him reveals a lot about his social position and the power relations that surround him. In addition, the protagonist's discourse was viewed from a world constructed through the contradictions and social conflicts of the time in which the plot is set. Therefore, the analysis presented in this study based on Benveniste's semiological-enunciative concepts goes beyond the simple description of a person's behavior. That is, self-reference reveals the complexity of Paulo, as a character and narrator, inviting the reader to reflect on the relationship between subjugation and social construction. In view of this, the importance of interdisciplinarity between linguistics and literature is confirmed, establishing, between these two areas, a relationship of complementarity with regard to language studies.

Keywords: Enunciation; Literary Discourse; Semiology; Self-reference; "*São Bernardo*".

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 – A AUTORREFERÊNCIA EM BENVENISTE	20
1.1 Noções implicadas na autorreferência	20
1.3 O semiótico e o semântico: signos plenos/signos vazios	27
1.4 A enunciação: a realidade de discurso	31
1.5 Implicações sobre a autorreferência e como esta se apresenta em leitores de Benveniste:	34
CAPÍTULO 2 – A PERSPECTIVA ENUNCIATIVA DE BENVENISTE E A AUTORREFERÊNCIA NO TEXTO LITERÁRIO	38
2.1 A presença da literatura em Benveniste	38
2.2 A instância de discurso: a autorreferência e seu papel na constituição das personagens	45
2.3 Entre o semiótico e o semântico: o signo linguístico e o signo literário	49
2.4 O aparelho formal da enunciação: implicações para abordagem da autorreferência no texto literário	55
3. METODOLOGIA	58
4. A ANÁLISE DOS DADOS:	71
4.1 As inovações da passagem do século XIX para o XX	71
4.2 Contextualização geral da obra São Bernardo de Graciliano Ramos	73
4.3 O discurso de Paulo Honório e a autorreferencialidade	80
CONSIDERAÇÕES FINAIS:	98
REFERÊNCIAS:	101
ANEXOS:	104

INTRODUÇÃO

Com a publicação do *Curso de Linguística Geral* (Saussure, 1916), houve a inserção de novas perspectivas a respeito dos desdobramentos de uma abordagem imanentista do objeto *língua* como sistema de signos. Ao eleger a língua como objeto de investigação da Linguística, Saussure destacou seu papel principal diante de outras manifestações semiológicas, mas não explicitou os fundamentos que justificariam a centralidade do sistema da língua em relação aos outros sistemas que integram a linguagem. As ideias do teórico enfatizavam a necessidade de analisar a estrutura linguística para produzir significados, voltando-se sua atenção para a *langue* em função de sua natureza social e essencial, tomando a *parole* como um ato individual de vontade e inteligência, de natureza acessória e mais ou menos acidental.

De acordo com Marcos Antônio da Costa (2012), a corrente estruturalista defendia a inter-relações como agente construtor de sentido, enxergando a língua como sistema e não como substância, isto é, um conjunto de unidades com o funcionamento ligado às leis internas. Segundo o teórico, o *Curso de Linguística Geral*, construído a partir das anotações das aulas de Saussure, vai além das dicotomias tão conhecidas como *langue x parole*, *sincronia x diacronia*, *significante x significado*, *sintagma x paradigma*, *arbitrariedade x iconicidade*¹, pois essa obra impactou os diversos estudos sobre a língua/linguagem, contribuindo, dessa forma, para a compreensão da Linguística como uma ciência autônoma.

¹ Para o estruturalismo, a Linguística tem um objeto duplo. Para Saussure, o indivíduo não pode criar e nem alterar nada na língua. De acordo com os estudos estruturalistas, a língua (*langue*) é social e abstrata, por outro lado, a fala (*parole*) é individual, por isso, enquanto a *langue* corresponde ao sistema e a *parole* seria a realização. A segunda dicotomia, *Sincronia x Diacronia*, designa um estado e uma fase de evolução de uma língua, por exemplo, um estudo sincrônico de uma língua retém-se a analisá-la em um momento específico, já o estudo diacrônico analisa uma língua através de uma cronologia, buscando fazer comparações. Com a continuidade dos estudos linguísticos, Saussure percebe que um signo é a unidade constituinte de um sistema linguístico o qual é formado por duas partes inseparáveis, sendo impossível conceber uma sem a outra: *um significante* (a imagem acústica) e *um significado* (o conceito, sentido). A relação que une esses dois elementos (significante e significado) é marcada pela arbitrariedade, pois, na estrutura da palavra, não conseguimos ter a percepção de um referente construído no mundo, essa relação de signo, relacionado a um elemento criado, dá-se pelo viés da convenção social que é reconhecida pelo falante determinada língua. Com relação à iconicidade, os estudos saussurianos vão afirmar que tem a ver com a forma figurativa pela qual um ser pode ser representado, isto é, se um indivíduo faz um desenho de uma casa, essa está mais próxima da entidade existente (iconicidade), do que propriamente a estrutura do substantivo “casa” (arbitrariedade). Já a dicotomia Sintagma X Paradigma, para Saussure, está no âmbito da língua, não da fala, pois esses elementos dizem respeito a forma como a língua se estrutura e se organiza no aspecto fonológico e morfológico.

Com as perspectivas estruturalistas, a introdução do conceito de *signo* linguístico com a relação entre o *significante* e o *significado* influenciou, diretamente, nos estudos do significado de forma ampla, a Semiótica, e de forma estrita, a Semântica. Além disso, O CLG contribuiu para que os estudos, a respeito da linguagem, fossem ampliados por cientistas posteriores a Saussure², podemos citar, dessa maneira, a influência saussureana nos pensamentos de Roman Jakobson e Émile Benveniste, este último será imprescindível para os estudos do campo da enunciação, os quais estão imbricados à análise do corpus deste trabalho .

De acordo com Flores e Teixeira (2021), Roman Jakobson, linguista russo co-fundador do Círculo Linguístico de Praga, foi responsável por mais de seiscentas publicações que circulam por diversos temas que vão da fonologia à aquisição de linguagem. Quando pensamos no texto literário e na linguagem literária, devemos mencionar o autor supracitado, pois foi o pioneiro em teorizar as funções da linguagem, dentre elas, destacamos a função poética que foi proposta por Jakobson no ensaio *Linguística e Poética* (1974). Nessa publicação, há a concepção de que a estrutura verbal não interessa só à Linguística, mas também à teoria dos signos como afirma o autor:

Em suma, numerosos traços poéticos pertencem não apenas à ciência da linguagem, mas a toda a teoria dos signos. vale dizer, à Semiótica geral. Esta afirmativa, contudo, é válida tanto para a arte verbal como para todas as variedades de linguagem, de vez que a linguagem compartilha muitas propriedades com alguns outros sistemas de signos ou mesmo com todos eles (traços pansemióticos) (Jakobson, 1974, p.119).

Dessa maneira, Jakobson (1974) discorre que a linguagem poética não se constitui como uma ferramenta comunicacional apenas, mas também tem sua natureza estética que foca na mensagem e na maneira pela qual é expressada, a qual, na perspectiva do autor, pode voltar para si mesma. Assim, o poético pode ser incorporado à teoria dos signos como um todo. Segundo o autor, quando se foca na mensagem e nos múltiplos sentidos, temos a função poética que não,

² Vale ressaltar que Saussure é importantíssimo para os estudos da linguagem, no entanto, o estudioso é rememorado, em diversos trabalhos da área de Letras, apenas, pelas dicotomias apresentadas no Curso de Linguística Geral. Essa é, contudo, uma visão reducionista sobre o autor e sobre as contribuições, sobretudo, que ele fez à Ciência da Linguagem, dentre elas, podemos citar a visão saussuriana a respeito da “língua como um sistema de signos”. (CLG,p.21), perspectiva que vai ser retomada no campo da Enunciação por Émile Benveniste.

necessariamente, aparece apenas em poesias, pois o *poético* está relacionado com as combinações estéticas, voltadas para as formas subjetivas de expressão linguística.

Ao incluir a função poética nos estudos da linguagem, Jakobson contribuiu para que houvesse a distinção entre a função e linguagem poética; quanto a esta última, pode-se afirmar que é a maneira nem sempre convencional pela qual a linguagem é utilizada, explorando combinações linguísticas e sentidos a partir do que está escrito na instância discursiva. Portanto, podemos compreender que os textos literários, muitas vezes, exploram a capacidade de representar o mundo, podendo questionar a relação entre palavras e significados. Nesses aspectos, podemos verificar que a Linguística sempre forneceu ferramentas teóricas valiosas para a análise literária.

No entanto, segundo Fiorin (2008), apesar da Linguística e a Literatura demonstrarem esses pontos convergentes supracitados, ao longo do tempo, convencionou-se a separar essas áreas. Contudo, essa visão reducionista corroborou para que crescesse “a ignorância literária dos linguistas e, mais ainda, constatar que eles não dão à literatura nenhuma importância”. (p.38). Essa visão do autor pode estar relacionada tanto ao desconhecimento da literatura por parte dos estudiosos da linguística, como também ocorre o inverso, pois há muitos estudiosos no campo da literatura que “desprezam” os elementos linguísticos, esquecendo que ambas as áreas constroem uma “via de mão dupla”, isto é, uma não pode subestimar a outra.

Devido a isso, o teórico propõe uma perspectiva que reconhece a complementaridade entre a linguística e a literatura, pois ambas as áreas, apesar de analisarem o mesmo fenômeno de maneira distinta, possuem um interesse em comum: a linguagem e as idiossincrasias que a perpassam. Logo, por ser a linguagem um cavaleiro de diferentes domínios cujo raio de abrangência é bastante amplo e heterogêneo, há necessidade de delimitação de um ponto de observação para que a investigação dessa zona de convergência entre o linguístico e o literário seja possível. Na visão de Fiorin (2008), os estudos enunciativos e discursivos se apresentam como ponto de partida por meio do qual seria possível realizar investigações dessa natureza.

Na introdução do “Dicionário de Linguística da Enunciação”, Flores (2009) afirma que “o campo da enunciação no Brasil se dá, de certa forma, mediado por outras disciplinas dos estudos da linguagem.” (p.8), isto é, a Enunciação vai mais além, pois, o objetivo dessa área não é delimitar objetos de estudos, mas agregar

conhecimentos de múltiplos campos científicos, dentre os quais, podemos citar a psicologia e as ciências humanas (Flores, 2013), para explicar a partir das postulações de Émile Benveniste, que existe uma instância que coloca a língua em funcionamento por um ato individual, isto é, a enunciação é a instância de mediação entre a língua e a fala. (PGL II, 1989).

Esse campo de estudos estabeleceu-se como uma área de conhecimento que perpassa não só o caráter teórico, mas também o empírico e observacional no que tange à linguagem humana. Benveniste manteve-se fiel às abordagens saussurianas sobre signo, voltando-se justamente para o ponto de encontro entre a língua (sistema de signos) e a fala (o ato, o sistema em uso), o teórico evidenciou a necessidade de perspectivar a língua não apenas como um sistema abstrato e imanente de regras, mas como uma prática social que inscreve o “homem” na língua. (Flores; Teixeira, 2021). Esse pensamento influenciou profundamente a teoria linguística, especialmente, no que diz respeito ao papel do sujeito na enunciação. Embora Benveniste tenha feito mais contribuições à linguística, as ideias dele também podem ser aplicadas aos estudos literários.

Nesse sentido, a presente pesquisa volta-se para os estudos semiológico-enunciativos desenvolvidos por Benveniste (1958-1989), pois o autor, além de fundamentar uma discussão sobre os aspectos enunciativos e semiológicos da linguagem, tentou desenvolver uma investigação sobre o discurso literário, segundo Laplantine (2008), Benveniste, enquanto linguista, não apresentou contribuições diretamente à literatura, todavia, os estudos que o autor fez, no campo da enunciação, podem subsidiar muitas análises nos estudos do texto literário, basta observarmos os manuscritos do teórico sobre a poética de Baudelaire, os quais foram guardados, desde a morte do autor, na Biblioteca Nacional da França, como aponta Laplantine (2008). Mesmo sem uma menção direta sobre a literatura nos compêndios mais conhecidos dele como, por exemplo, *Problemas de Linguística Geral I e II*, o autor trouxe o texto literário à análise, mesmo que de forma não sistematizada e/ou até publicada, mas houve a menção e um olhar a respeito *d’As flores do mal* de Baudelaire.

E, com o objetivo de traçar uma análise convergente entre o texto literário e as discussões semiológicas-enunciativas-discursivas de Benveniste, além de acionar as postulações sobre o discurso literário, nos manuscritos sobre Baudelaire, este trabalho busca ecoar as considerações sobre a autorreferência que aparecem nas

discussões teóricas do autor, mesmo que ele não tenha abordado o termo de forma tão explícita (Flores, 2019), é possível afirmar que, a partir das discussões nos ensaios dos PLG's I e II, esse conceito é abordado como um elemento fundamental para o entendimento do papel do locutor no processo enunciativo, pois representa um mecanismo semiológico-enunciativo fundamental para a construção da trama desenhada no texto literário. A partir disso, o locutor constrói um posicionamento na instância discursiva e, conseqüentemente, a própria subjetividade.

Nesse sentido, este trabalho busca empreender uma leitura da reflexão enunciativa de Benveniste para formular princípios que subsidiem uma análise do fenômeno da autorreferência no texto literário. Por isso, formulamos a hipótese de que, por meio do mecanismo autorreferencial, é possível identificar se o narrador, Paulo Honório, estabelece e projeta as próprias perspectivas, na narrativa, relatando ações e comportamentos de si mesmo para reafirmar as visões que ele tem do mundo e das relações interpessoais à sua volta.

Nesse sentido, a figura do narrador-personagem assume relevância por permitir essa dupla perspectiva – ele narra os acontecimentos e, simultaneamente, é parte integrante desses eventos. Dessa forma, o estudo da autorreferência na construção da personagem Paulo Honório permite uma análise enunciativa que contribui para compreender as estratégias discursivas empregadas pelo sujeito para se constituir como sujeito. Para que seja possível analisar esses aspectos, será necessário responder à seguinte inquietação: como a autorreferência é desempenhada na construção da subjetividade de Paulo Honório, narrador-personagem de São Bernardo?

Para responder a essa indagação, é necessário saber que esta pesquisa se encontra embasada, principalmente, nas concepções teóricas de Benveniste (1958/1989) e também nos estudos mais recentes sobre esse autor, a partir de leitores e pesquisadores que se dedicaram aos estudos do campo da Enunciação, os quais são: Flores (2013/2019); Flores; Teixeira (2013); Ferreira Júnior (2014) e Laplantine (2008). Além disso, busca-se compreender a obra literária “São Bernardo” a partir de postulações de Antonio Candido (2006), que publicou ensaios intitulados *Ficção e Confissão*, direcionados especificamente ao autor Graciliano Ramos. Além disso, para contrapor autor e obra, será acionada a biografia do autor escrita por Marques (2014), bem como as cartas do autor, publicadas em 2022.

Esta pesquisa aborda a autorreferência em uma perspectiva semiológica-enunciativa e tem como *objetivo geral*: analisar como a autorreferência, materializada nos signos plenos, pode ser imprescindível à compreensão do discurso da personagem literária Paulo Honório, protagonista do romance São Bernardo, de Graciliano Ramos. Quanto aos objetivos específicos, busca-se: (I) verificar como Paulo Honório constrói a autorreferência em seu discurso. (II) Descrever a maneira pela qual o personagem reifica as relações interpessoais. (III) Explicar os aspectos semiológicos na construção enunciativa da personagem Paulo Honório.

Esta pesquisa justifica-se pelo fato de a autorreferência ser um tema pouco explorado nos estudos linguísticos. Ao trazer essa perspectiva ao campo da Enunciação, Benveniste constrói uma abordagem inovadora e indispensável para os estudos da linguagem. Além disso, o romance São Bernardo, corpus deste trabalho, é amplamente conhecido no Brasil e no mundo, pois dentre os romancistas que engajaram as temáticas sociais no período temporal Modernismo, por volta da década de 30.

Segundo Marques (2017), Graciliano Ramos é o que deve ter maior destaque, primeiro, por ter uma postura crítica diante do renovo pelo qual passavam as artes no Brasil no período modernista, segundo ele deu “voz” à imaginação para constituir personagens emblemáticas que, com seu estilo próprio, ganharam notoriedade no mundo ficcional. Para compreender o autor da obra, o leitor deve estar disposto a experimentar diversas fases e jornadas que se desenrolam em vários espaços narrativos e que se desdobram nos mais diversificados dos personagens. De acordo com Candido (2006, p.17):

Para ler Graciliano Ramos, talvez convenha ao leitor aparelhar-se do espírito de jornada, dispondo-se a uma experiência que se desdobra em etapas e, principiada na narração de costumes, termina pela confissão das mais vívidas emoções pessoais. Com isto, percorre o sertão, a mata, a fazenda, a vila, a cidade, a casa, a prisão, vendo fazendeiros e vaqueiros, empregados e funcionários, políticos e vagabundos, pelos quais passa o romancista, progredindo no sentido de integrar o que observa ao seu modo peculiar de julgar e de sentir. De tal forma que, embora pouco afeito ao pitoresco e ao descritivo - e antes de mais nada preocupado em ser, por intermédio da sua obra, como artista e como homem -, termina por nos conduzir discretamente a esferas bastante várias de humanidade, sem se demasiado de certos temas e modos de escrever.

Dessa maneira, o leitor percorre do sertão à cidade, desvendando mistérios que cercam desde a roça à prisão, nas mais heterogêneas narrativas e personagens. Dentre essas, podemos destacar *São Bernardo*, cujo personagem principal é Paulo Honório. Esse enredo é narrado em primeira pessoa e conta as peripécias de um fazendeiro que inicia a escrita de um livro no qual pretende falar sobre os próprios feitos. Nesse ínterim, o leitor surge como participante ativo, percebendo que o texto que a personagem reluta para escrever, na verdade, é o próprio romance já publicado, configurando, assim, a utilização de uma metalinguagem. Dessa maneira, percebemos que o estilo de Graciliano Ramos é inovador e perspicaz:

Paulo Honório é um homem objetivo, enérgico, dinâmico e dominador. Tais características não são simplesmente atribuídas a ele, são demonstradas por suas ações sobretudo pelo modo como ele as transmite ao leitor. O estilo é seco, direto e brutal. No decorrer da narrativa, também pela observação do estilo que sofrerá alterações, será possível ao leitor perceber as mudanças decisivas que a presença de Madalena impõe ao protagonista. (Marques, 2017, p.16).

O romance *São Bernardo* narra a vida de Paulo Honório desde a juventude pobre, como um garimpeiro sem dados completos do seu nascimento, como ele mesmo afirma: “posso a certidão, que menciona padrinhos, mas não pai e mãe”. (RAMOS, p.15), até tornar-se um grande fazendeiro respeitado o qual construiu, lá em Viçosa, Alagoas, lugar onde se passa o enredo, uma vasta riqueza. Quando nos deparamos com o início da obra, percebemos que se trata de uma autobiografia, porém, não de Graciliano Ramos, autor do romance, mas, sim, de Paulo Honório, o narrador-personagem que se propõe a escrever a própria história.

O leitor, portanto, defronta-se com uma “voz” ficcional que, a todo tempo, tenta convencê-lo das possíveis justificativas dadas às situações vivenciadas pelo personagem. Partindo para uma análise mais estrutural, como já foi mencionado na introdução deste trabalho, temos um narrador inscrito de forma íntegra no decorrer do texto. O narrador/protagonista expressa suas opiniões, mostrando saber o que vai haver com o personagem ao longo da narrativa, desvendando, dessa maneira, seletivamente, as ações que vão acarretar efeitos de sentidos específicos em cada personagem que interage com ele, numa tensão gradual.

E, para compreender a complexidade dessa obra, a autorreferência, conceito trabalhado nas discussões de Benveniste, pode ser relacionado ao universo do texto literário, bem como aos personagens que, no caso específico desta pesquisa, será

Paulo Honório, protagonista do romance "São Bernardo". Sabe-se que as características enunciativas do personagem principal já foram objeto de estudo em diversos trabalhos acadêmicos que exploram a narrativa e a linguagem empregada pelo autor. Logo, para dar continuidade à pesquisa e imersão dessa obra importante da literatura nacional, a análise enunciativa, como uma abordagem linguística, que valoriza o papel do falante na construção dos significados do texto, será crucial para a interpretação de Paulo Honório, caracterizando a forma como o personagem se autorrepresenta através da narrativa, utilizando-se da linguagem para construir a própria identidade.

Diante disso, para compreender essas nuances da obra, partimos da perspectiva semiológico-enunciativa de Benveniste, o qual, em seus estudos, desenvolveu discussões teóricas que têm relevância especial quando aplicadas ao estudo da literatura, pois oferecem ferramentas e conceitos que auxiliam na interpretação e na apreciação de textos literários. Dentre as discussões teóricas, podemos mencionar a autorreferência, que é um elemento imprescindível atrelado ao conhecimento da obra literária abordada neste estudo.

Em outras palavras, quando uma pessoa enuncia algo, está produzindo um enunciado que é, ao mesmo tempo, um ato linguístico e uma afirmação sobre o que se diz, isto é, o *enunciador* também é *coenunciador*. Essa afirmação, por sua vez, dá-se no contexto da relação entre o enunciado e o locutor, isto é, as autorreferências são uma ferramenta para fortalecer sua posição e reafirmar sua autoridade. Ao investigar esses aspectos, podemos explorar as dinâmicas enunciativas presentes na obra para entender a autorreferência construída no texto literário.

Portanto, podemos afirmar que a relevância deste estudo pode ser fundamentada no tocante à necessidade de diálogo entre os estudos linguísticos e literários, pois são áreas distintas, mas complementares, visto que compartilham do mesmo interesse: a linguagem e as idiossincrasias que a perpassa. Além disso, ao pesquisar no Portal da Capes³ e Google Acadêmico⁴, foram identificados muitos estudos, entre teses e dissertações que abordaram os Estudos Enunciativos de Benveniste na perspectiva linguística e também na perspectiva literária, como também diversos trabalhos sobre Graciliano Ramos e São Bernardo, no entanto, não foi

³ <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>

⁴ <https://scholar.google.com.br/?hl=pt>

encontrada nenhuma pesquisa que investiga como a autorreferência apresenta-se na enunciação de Paulo Honório, levando em consideração os aspectos semiológicos-enunciativos que perpassam o discurso de um personagem literário cuja identidade construída por ele influencia não só na construção do enredo como também recai sobre o processo interpretativo da obra.

Logo, sob essa perspectiva mencionada, ao unir, de forma interdisciplinar, os estudos da enunciação de Benveniste à análise da autorreferencialidade de Paulo Honório, este trabalho preenche uma lacuna pouco explorada nos estudos da linguagem, visando a colaborar com a disseminação das pesquisas acerca da autorreferência, bem como os conceitos fundamentais para compreensão do discurso literário por uma perspectiva semiológico-enunciativa. Ademais, busca-se fornecer base teórica e metodológica que contribuam para relação entre os estudos enunciativos-discursivos e as análises do texto literário, sobretudo, no que diz respeito à obra de Graciliano Ramos, examinada aqui nesta pesquisa, contribuindo, dessa forma, para que estudantes e pesquisadores das áreas de Letras possam aprofundar-se no diálogo existente entre a Linguística e a Literatura para, assim, cada vez mais, estreitar esses laços que geram discussões produtivas para a Ciência da Linguagem.

Como procedimento metodológico, a pesquisa enquadrou-se no estudo qualitativo-interpretativo, o qual ofereceu subsídio, a partir do arcabouço teórico da enunciação, perspectiva de Émile Benveniste, ao conhecimento do romance *São Bernardo*, de Graciliano Ramos. Posteriormente, será feita a coleta e contextualização do corpus, discutindo a autorreferência e os aspectos semiológicos que perpassam o romance. Esses procedimentos foram construídos com base nas postulações de Fonseca (2002) que foram cruciais para seleção e sistematização do *corpus*.

Este trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro, busca-se falar a respeito do conceito de autorreferência, que corrobora não só para as reflexões sobre a própria linguagem, como também é uma concepção atrelada ao plano semiótico e semântico, o qual é imprescindível à análise e à explicação do texto literário. No capítulo seguinte, discute-se a contribuição de Benveniste e do campo da Enunciação, explicando como essa perspectiva pode fornecer ferramentas teóricas para a análise literária, para a compreensão da linguagem, contrapondo o signo linguístico e o literário. Ainda nessa parte da pesquisa, busca-se compreender como funciona o aparelho formal da enunciação relacionado à literatura. Além disso, pretende-se

apresentar a obra a ser analisada nesta pesquisa, São Bernardo, bem como o autor, Graciliano Ramos e a época na qual ambos estão inseridos, a fim de embasar a relevância da narrativa não só para esta pesquisa em questão.

No terceiro capítulo, propõe-se explorar e analisar a complexidade da personagem e os mecanismos linguísticos utilizados para sua construção. A análise enunciativa oferece o suporte teórico para compreender as estratégias enunciativas empregadas e como elas contribuem para o entendimento da subjetividade do protagonista. Este trabalho sugere que o uso da autorreferência, para conceber Paulo Honório, não apenas revela aspectos importantes do caráter dele e visão de mundo, mas também funciona como uma ferramenta enunciativa-discursiva capaz de moldar o curso e a visão sobre a narrativa. Isso levanta questões interessantes sobre a relação entre narrador e personagem, bem como autor e obra na constituição interna do texto literário. Diante disso, espera-se que esta pesquisa contribua para compreensão da significância da linguagem a partir da observação do discurso literário por uma perspectiva semiológico-enunciativa, destacando outras vias para explorar os múltiplos aspectos implicados na criação literária e na própria linguagem.

CAPÍTULO 1 – A AUTORREFERÊNCIA EM BENVENISTE

O objetivo deste capítulo é abordar a autorreferência na construção literária como uma relação enunciativa-discursiva que foca na forma como o personagem se autorrepresenta através da narrativa, utilizando-se da linguagem para construir sua identidade, e, no caso específico de Paulo Honório, protagonista do romance "São Bernardo", de Graciliano Ramos, essa autorreferência ganha contornos interessantes e complexos, pois envolve outras personagens que são reificadas ao longo do enredo. Diante disso, visamos sistematizar as características enunciativas de Paulo Honório, bem como a forma como ele se coloca no centro narrativo.

1.1 Noções implicadas na autorreferência

A autorreferência, apesar de ser uma terminologia flutuante nos estudos de Benveniste, revela, segundo Flores (2019), a capacidade da língua de referir tanto ao mundo exterior quanto a si própria. Isso se torna possível graças à função enunciativa humana, que permite não apenas a produção de sentenças, mas também a produção de conhecimento do locutor.

A autorreferencialidade é abordada por Benveniste em outros momentos de sua teorização. Encontra-se a ideia da “auto” referência não apenas ligada ao elemento anteposto grego, mas também em *sui* – anteposto latino conexo ao grego. Por exemplo: “o tempo linguístico é *sui*-referencial” (BENVENISTE, 1988, p. 289, destaques do autor). Ou então: “Isso leva a reconhecer no performativo uma propriedade singular, a de ser *sui*-referencial, de referir-se a uma realidade que ele próprio constitui” (BENVENISTE, 1988, p. 302, destaques do autor). Também: “O enunciado que se toma a si mesmo por referência é realmente *sui*-referencial” (BENVENISTE, 1988, p. 303). Em todos esses casos, a mesma ideia permanece: “auto” ou “*sui*” referencial são aqueles elementos cuja existência depende da referência que fazem ao fato de eles mesmos aparecerem. (Flores, 2019, n.p).

Nesse sentido, o pesquisador estabelece, por meio do arcabouço teórico de Benveniste, que a autorreferência é uma característica fundamental da linguagem, uma vez que toda referência se dá em uma relação com o locutor e com a percepção

dos objetos. Por esse raciocínio, todas as formas de significação, a compreensão e a criação da realidade passam pelo crivo da linguagem e estão, por isso mesmo, ligadas ao ponto de vista daquele que enuncia. Logo, os sistemas de significação (ou sistemas semiológicos) estão subjugados à capacidade de autorreferência que a língua apresenta.

Esse fenômeno não é, apenas, a referência ao eu individual, mas a distinção entre os papéis dentro da comunicação, como afirma Flores (2019, p. 84): “a enunciação impõe uma relação muito particular entre língua e realidade, o que possibilita falar que a enunciação, em função da propriedade autorreferencial, dá existência a um dado mundo na língua.”. Assim, o estudo da autorreferência, na construção da personagem Paulo Honório, permite uma análise enunciativa que contribui para compreender as estratégias discursivas empregadas por ele a fim de se posicionar na narração e manipulá-la para se beneficiar com relação aos outros personagens da obra.

Ainda de acordo com o mesmo autor, para compreender a autorreferência é necessário olhar esse fenômeno a partir de elementos fundamentais como o uso do “eu” e a maneira como essa categoria vazia pode referir-se a si mesma e se torna completa na enunciação. Conforme sugerido por Benveniste (1966), toda enunciação é uma forma de discurso que envolve um “eu” e um “tu”, elementos perpassados pela intersubjetividade.

Segundo Benveniste (1966,1988), a enunciação não é apenas o ato de produzir um enunciado, mas também inclui os aspectos discursivos que moldam o sentido do que está sendo proferido. Assim, quando Paulo Honório se refere a si mesmo na narrativa, ele não está apenas falando sobre si mesmo; ele está construindo sua subjetividade por meio das suas construções linguísticas. Logo, o estudo da autorreferência, na construção da personagem Paulo Honório, permite uma análise enunciativa que contribui para compreender as estratégias discursivas empregadas pelo enunciador ao se posicionar no enredo, pois quando ele toma a si próprio como uma não pessoa, temos, segundo as discussões de Benveniste (1958), a autorreferência.

Segundo Flores (2019), o ato de enunciar revela que há componentes imprescindíveis para a constituição subjetiva. Esses seriam a linguagem/língua, intersubjetividade e subjetividade. Logo, para que a enunciação ocorra, há uma série de elementos que condicionam o ato enunciativo: a presença de um sistema

significante de base, a subjetividade, a intersubjetividade e as categorias referenciais. A intersubjetividade representa uma condição para a subjetividade. A linguagem, como capacidade simbólica, é uma condição para o discurso (língua em uso). Ainda de acordo com o pesquisador, Benveniste não instituiu uma teoria explícita sobre a autorreferência, mas, sim, construiu estudos que levaram a esse conceito.

A enunciação como um processo único, específico e universal continua a ser proeminente no segundo capítulo da obra *Problemas Gerais da Linguística*. Flores (2019) dedica-se a estudar a conexão entre linguagem e realidade através do conceito de autorreferência. A visão do teórico é novamente fundamentada abertamente em Benveniste (1988) à medida que nos leva a pensar que o uso de signos autorreferenciais implica uma referência a uma realidade diferente daquela pertencente ao mundo concreto: a do discurso. Consequentemente, é verdade que o falante (re)cria a realidade ao passo que faz uso da língua declarando-se ser o "eu" que se dirige a um destinatário específico como "tu", bem como o tempo e o espaço do discurso. A partir disso, o falante constitui uma relação específica entre a linguagem e a realidade, estabelecendo uma visão própria sobre ela, a qual é constituída no discurso.

Segundo Benveniste (1958), no ensaio da *Subjetividade na Linguagem*, a linguagem obtém formas que a tornam hábil de exercer a comunicação, e o homem se inscreve na língua por meio da enunciação. Assim, quando o locutor enuncia, ele se reporta a si mesmo "como eu no seu discurso". (p.286). Nessa perspectiva, a linguagem está ligada à própria construção da subjetividade. O autor esclarece que o "eu" não está ligado a nenhum item lexical, mas, sim, "[...]se refere ao ato de discurso individual no qual é pronunciado." (p.288). Isto é, o pronome pessoal, o qual é um signo vazio de referência, consegue estabelecer-se no contexto discursivo pressupondo um *tu*. Logo, aprendemos que, para Benveniste, o *eu* refere-se ao seu próprio uso e os demais signos fazem parte do "cognitivo da língua". (Flores, 2019).

A autorreferência, conceituada a partir da obra de Émile Benveniste, é um conceito desenvolvido no campo da enunciação. De acordo com Flores (2019), o linguista não chegou a utilizar essa terminologia, mas, a partir da leitura dos ensaios: "*Da subjetividade na linguagem*", "*O aparelho formal da enunciação*", "*Vista d'olhos: sobre o desenvolvimento da linguística*" e "*Estrutura da língua e da sociedade.*", dá para compreender a noção de referência e autorreferência que perpassa os estudos benvenistianos.

Como autorreferência compreende-se a capacidade da língua de referir tanto ao mundo exterior quanto a si própria. Isso se torna possível graças à função enunciativa humana, que permite não apenas a produção de sentenças, mas também o conhecimento do locutor. De acordo com Flores (2019), “Em função dessa propriedade ‘auto’, a realidade à qual o signo autorreferencial se refere não é a do mundo concreto”. Logo, segundo o autor, Benveniste estabelece que a autorreferência é uma característica fundamental da linguagem, uma vez que toda referência se dá numa relação com o locutor e com a percepção dos objetos. É importante salientar, sobretudo, que a autorreferência não é apenas a referência ao *eu* individual, mas a distinção entre os papéis dentro do ato enunciativo:

A língua se acha empregada para a expressão de uma certa relação com o mundo. A condição mesma dessa mobilização e dessa apropriação da língua é, para o locutor, a necessidade de referir pelo discurso, e, para o outro, a possibilidade de co-referir identicamente, no consenso pragmático que fez de cada locutor um colocutor. A referência é parte integrante da enunciação. (Benveniste, 1989, p.84).

Assim, a autorreferência é uma forma de reconhecimento do papel do outro, tornando-se um elemento essencial para o entendimento da enunciação. Em outras palavras, quando uma pessoa enuncia algo, está produzindo um enunciado que é ao mesmo tempo um ato linguístico e uma afirmação sobre o que se diz. A partir dela, o locutor posiciona-se no discurso, estabelecendo a distinção entre o eu e o outro. Por isso, é comum que o uso da primeira pessoa do singular seja utilizado como um dispositivo de autorreferência, pode-se fazer essa releitura quando Benveniste postula a categoria de pessoa *eu-tu* e não pessoa *ele*, afirmando que esses elementos estão ligados à instância discursiva, os quais são acionados e atualizados no processo de conversão da língua em discurso. Nesse sentido, percebe-se que a autorreferência é um elemento indispensável para a produção do sentido.

1.2 Os indicadores de pessoa e a instância de discurso

A reflexão enunciativa de Benveniste é desdobrada em três grandes momentos conceituais e não cronológico, como afirma Flores (2013): *a) a distinção da pessoa e não pessoa; b) distinção dos planos semióticos e semânticos e c) a formulação do aparelho formal da enunciação*. Este tópico aponta para o primeiro momento da enunciação, o qual é responsável por diversos conceitos que tornam os estudos do autor de grande relevância para a compreensão das múltiplas faces da linguagem.

Dentre eles, destaca-se a discussão em torno da subjetividade, a qual é inerente ao quadro figurativo da enunciação. (Flores, 2013 p.87).

Benveniste (1956) aborda a natureza dos pronomes como elementos que são essencialmente "marcadores de discurso" e desempenham um papel crucial na estruturação da linguagem. Segundo o autor, todas as línguas possuem esses elementos que são classificados de maneira formal, mas essa categoria é diferente de outras palavras, pois não se referem a entidades específicas no mundo, mas, sim, a elementos da instância do discurso. Isto é, os pronomes refletem a posição do falante no discurso, permitindo que ele se coloque como participante, como um "eu", em relação ao que está sendo dito. Os pronomes também podem indicar a presença de um interlocutor, um "tu", e estabelecer relações entre os participantes da comunicação.

[...]Os pronomes não constituem uma classe unitária, mas espécies diferentes segundo o modo de linguagem do qual são os signos. Uns pertencem à sintaxe da língua, outros são característicos daquilo a que chamaremos as 'instâncias do discurso', isto é, os atos discretos e cada vez únicos pelos quais língua é atualizada em palavra por um locutor. (Benveniste, 1956, p. 277).

Isto é, a categoria pronominal, de acordo com Benveniste (1956), é um "problema" de linguagem, porque são signos vazios de referência e, por conseguinte, precisam estar em uma instância discursiva para se tornarem plenos. Ainda de acordo Benveniste (1988, p. 280), "a linguagem resolveu esse problema criando um conjunto de signos 'vazios', não referenciais com relação à 'realidade', sempre disponíveis, e que se tornam "plenos" assim que um locutor os assume em cada instância do seu discurso".

Isto é, o autor não se refere apenas à distinção de línguas, mas, sim, a algo que vai além disso, pois quando teoriza a respeito dos pronomes e enfatiza que a diferença entre *eu/tu* e *ele* deve ser acentuada, ele acentua a relação que há também na diferença do conceito de pessoa e não pessoa. De acordo com o teórico, os pronomes podem apresentar dupla natureza a qual está relacionada ou ao âmbito gramatical ou à instância de discurso.

Quanto aos pronomes, esses são considerados a base da comunicação interpessoal subjetiva, o que podemos chamar também de intersubjetividade, no entanto, esses recursos linguísticos são vazios de referência. Logo, para explicar como esses elementos funcionam na enunciação, Benveniste vai afirmar que:

Uns pertencem à sintaxe da língua, outros são característicos daquilo que chamaremos as “instâncias do discurso”, isto é, os atos discretos e cada vez únicos pelos quais a língua é atualizada em palavras por um locutor (Benveniste, 1956, p. 277).

Isto é, os pronomes tanto podem tanto operar sintaticamente, retomando ou apontando para um referente na superfície do texto, como também podem ter conexão com o que Benveniste vai chamar de *instância do discurso*. Na primeira situação, essa categoria se relacionará entre frases, construindo sentido do ponto de vista sintático. Na segunda perspectiva, teremos os elementos pronominais atualizando e redirecionando as palavras daquele que se coloca como locutor, como o próprio autor afirma. (p.277).

Essa referência constante e necessária à instância de discurso constitui o traço que une a eu/tu uma série de “indicadores” que pertencem, pela sua forma e aptidões combinatórias, a classes diferentes – uns pronomes, outros advérbios, outros ainda locuções adverbiais. São, em primeiro lugar, os demonstrativos: este, etc. na medida em que se organizam correlativamente com os indicadores de pessoa, como no lat. hic/iste. Há aqui um traço novo e distintivo dessa série: é a identificação do objeto por um indicador de ostensão concomitante com a instância de discurso que contém o indicador de pessoa: esse será o objeto designado por ostensão simultânea à presente instância do discurso (Benveniste, 2005, p. 279).

A partir disso, podemos observar que, para Benveniste, os pronomes exercem uma função imprescindível na estruturação da linguagem, pois são, na sua essência, marcadores discursivos. O *eu*, por exemplo, “só pode ser identificado pela instância de discurso que o contém.” (p.278-179). Em outras palavras, esse elemento constrói e ativa referentes no processo enunciativo-discursivo e não está limitado ao campo dos pronomes, mas, sim, trata-se de um constituinte enunciativo que não aponta para a instância discursiva como elementos dêiticos. No dicionário da Enunciação, encontramos que:

A dêixis é um mecanismo ou uma relação, pois é responsável pela conversão do significado do signo no nível semiótica da língua em referência da palavra no nível semântico da língua. Trata-se de uma conversão do significado repetível - do signo- à referência- irrepetível- da palavra. Benveniste exemplifica essa relação com palavras tais como os adjetivos, os pronomes demonstrativos (este, esta, entre outros), os advérbios de lugar (aqui, entre outros) e de tempo (agora, hoje, entre outros) . Dessa forma, “aqui”, na frase “Estou aqui.”, enquanto signo, significa um espaço ocupado por alguém por oposição ao espaço ocupado por outros e que pode se converter, enquanto palavra, em referência a um espaço em que eu se encontra de alguma maneira singular. (p. 40).

Portanto, nas práticas enunciativas, a língua deixa de ser assentada como capacidade apenas mental. Abordar a dêixis ordena que se pense não apenas na abordagem linguística, mas também na enunciativa, estando ambas estreitamente imbricadas, já que são relativas às instâncias do discurso. A referência assume um papel importante no texto, passando pela leitura de mundo do interlocutor, redimensionando o papel dos sujeitos enunciativamente situados.

Nos estudos sobre pronomes, Benveniste elenca também que eles são imprescindíveis na expressão da subjetividade. Por isso, ele instituiu a teoria da personalidade, distinguindo o *eu/tu* como pessoas do discurso e o *e/e* como a não pessoa, estabelecendo relações entre os participantes da comunicação. A partir disso, o autor define a categoria de pessoa que é um dos pilares da teoria proposta por ele. Para o linguista, só há dois participantes ativos no ato enunciativo que seriam “eu” e “tu”, esses estariam em oposição a “ele”. Essa oposição é marcada linguisticamente por meio de pronomes e verbos e toma por base o ato enunciativo, isto é, os participantes do ato são representados por “eu-tu” e a face objetiva da língua é representada pelo “ele”, a não pessoa.

Para abordar a categoria de pessoa, Benveniste estabelece uma oposição entre pessoa e não pessoa, especificando que os indicadores de pessoa estão ligados a uma instância de discurso e são uma categoria vazia de referencialidade da qual o locutor precisa se apropriar para construir referência na relação discursiva que estabelece com um parceiro:

Cada instância de emprego de um nome refere-se a uma noção constante e "objetiva", apta a permanecer virtual ou a atualizar-se num objeto singular, e que permanece sempre idêntica na representação que desperta. No entanto, as instâncias de emprego de eu não constituem uma classe de referência, uma vez que não há "objeto" definível como eu ao qual se possam remeter idênticamente essas instâncias. Cada eu tem a sua referência própria e corresponde cada vez a um ser único, proposto como tal. (p.278)

Ou seja, a referencialidade dos indicadores de pessoa depende de uma instância de discurso que é assumida pelo locutor no ato enunciativo. Na literatura, a análise do uso de pronomes pode revelar nuances na caracterização dos personagens, nas vozes narrativas e nas dinâmicas de poder presentes na narrativa.

O estudo sobre a natureza dos pronomes têm implicações na compreensão da autorreferência da linguagem.

Benveniste argumenta que os pronomes têm a capacidade de se referir a elementos do próprio discurso, permitindo a autorreferência e a construção de uma subjetividade discursiva. O funcionamento desses indicadores de pessoa na fala de uma personagem pode revelar aspectos mais amplos da relação que estabelece com outras personagens na obra, pois a construção da referência desses indicadores está ligada ao uso e, portanto, demanda um olhar voltado para o modo como a personagem se autorrefere nas trocas discursivas com outras personagens.

Isso evoca os planos semiótico e semântico da língua, pois os indicadores de pessoa ocupam a posição de signos vazios em oposição aos signos plenos. A oposição entre esse par mobiliza os planos semiótico e semântico da língua, revelando os aspectos inerentes à subjetividade, aos e o desenvolvimento do personagem ao longo da narrativa. Logo, relacionar os indicadores de pessoa em função da de Paulo Honório, quando este enuncia, contribui para a compreensão das camadas de significados presentes na obra, pois ele enuncia para o outro, mas quando o faz, volta-se para si, construindo, portanto, a autorreferência.

1.3 O semiótico e o semântico: signos plenos/signos vazios

Os conceitos sobre signos apareceram nas discussões linguísticas propostas por Saussure no Curso de Linguística Geral o qual foi publicado, postumamente, em 1916. Segundo o teórico, a língua é um sistema de signos, ou seja, é uma organização que comporta unidades formadas por significante e significado. O primeiro está ligado ao som, à imagem/forma, enquanto o segundo está ligado às ideias:

O signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão (empreinte) psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegamos a chamá-la "material", é somente nesse sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato. (CLG, 1916, p.180).

Dessa maneira, os signos não apresentam uma relação genuína com as coisas representadas no mundo, mas, sim, é o sistema linguístico que se torna imprescindível a essa relação, logo, eles são arbitrários. Saussure reiterava que essa ideia não está limitada à língua, mas perpassa toda a comunicação humana, incluindo imagens e

gesticulações. Vale ressaltar também que essas concepções saussurianas contribuíram para vários estudos linguísticos, como a semiótica, pragmática e a enunciação. A visão de Saussure sobre o sistema de signos revolucionou as teorias linguísticas e permitiu que, posteriormente, as discussões fossem revisitadas e ampliadas.

Benveniste (1956), por exemplo, foi um dos cientistas da linguagem que contribuíram para que a perspectiva de signo fosse, cada vez mais, desenvolvida. De acordo com o teórico, os signos podem ser de dois tipos: pleno ou vazio. O primeiro corresponde, diretamente, a uma coisa, uma ação ou um objeto. Ele preenche um significado preciso, não deixando espaço para dúvidas ou ambiguidades. Assim, o signo pleno é um elemento fundamental para a clareza da comunicação, pois evita que as informações sejam mal interpretadas.

Porém, nem sempre um signo pleno é suficiente para que a mensagem seja compreendida em sua totalidade. Isso porque a linguagem não é um sistema fechado e, muitas vezes, o contexto no qual os signos são utilizados pode alterar seu significado. É importante ressaltar que Benveniste busca “distinguir, de um lado, a língua como repertório de signos e sistema das suas combinações e, de outro, a língua como atividade manifestada nas instâncias de discurso caracterizadas como tais por índices próprios.” (1988, p.283).

Por outro lado, um signo é considerado vazio quando não possui um sentido definido, dependendo da instância discursiva para ser interpretado. Ele é utilizado como um elemento vago, que pode ter diferentes significados, conforme a situação em que é empregado. Dessa maneira, o signo vazio é um obstáculo à comunicação, pois pode gerar incertezas e imprecisões na transmissão da mensagem.

Benveniste destaca que a referência dos signos vazios é preenchida no ato enunciativo, abrindo espaço para instauração da subjetividade do locutor e para troca de experiências nas relações discursivas estabelecidas com o outro. Já os signos plenos se apresentam como entidades providas de significação no plano semiótico da língua e aptas ao processo de semantização no ato enunciativo. Portanto, o estudo dos signos plenos e vazios é fundamental para a análise da enunciação. O uso de um ou outro tipo de signo pode influenciar diretamente na interpretação dos enunciadores e enunciatários, pois são responsáveis pela conversão da língua em discurso. (Flores, 2013, p.95).

A riqueza da literatura revela-se na diversidade de significados simbólicos que carrega, valendo-se dos signos para expressar subjetividade, sentimentos, conceitos abstratos e representações culturais. De acordo com Benveniste, os signos podem apresentar-se como plenos ou vazios, gerando diferentes efeitos na enunciação. No que concerne à literatura, os “plenos” são muito importantes, pois, no discurso literário, eles podem apresentar um significado não convencional, isto é, esses signos podem esvaziar-se da significância de origem para dar lugar a uma representação que só pode ser interpretada no texto literário.

Por exemplo, Paulo Honório está sempre se referindo a si mesmo, seja para justificar suas ações ou para refletir sobre si. Ao analisarmos os signos plenos dispostos na obra, percebe-se esse constante retorno ao 'eu' revelando um personagem em busca de autoafirmação. Benveniste (1966) argumenta que o “eu”, por ser um signo vazio, só pode ser identificado na instância de discurso, isto é, os signos vazios são autorreferenciais, visto que transformam a língua em discurso. No entendimento de Flores (2013, p.95): “Esses signos vazios são, na verdade, os instrumentos da *conversão da linguagem em discurso*, são, enfim, signos autorreferenciais, que referem o seu próprio uso. Tais signos estão submetidos à condição da pessoa.”

Nesse sentido, Benveniste (1956) afirma que “cada eu tem a sua referência própria e corresponde cada vez a um ser único, proposto como tal”, o *eu*, de maneira alguma, é aquele discutido costumeiramente pelas gramáticas tradicionais, esse signo vazio só pode ser identificado e analisado por meio da instância discursiva, pois, quando é acionado na enunciação, ele já não é o mesmo, mas, sim, está ressignificado.

As discussões de Benveniste sobre signo interessam ao estudo do texto literário, porque este, na manifestação do discurso poético, volta-se para o signo que, no plano semântico, ressignifica o literário. No entendimento de Benveniste (1969,p.53), há alguns princípios semiológicos: não redundância, isto é, não há sinonímia, pois o que se fala no texto literário não se pode transmitir por outro sistema semiológico, pois não vai significar da mesma forma. Nesse sentido, temos o princípio trans-sistemático: o valor do signo está no sistema que o integra. Em outras palavras, todo sistema é possível de ser interpretado por outro sistema.

Na terceira relação, ainda de acordo com o mesmo autor, há a interpretante, ou seja, em que Benveniste examina as relações entre o sistema significante da

língua e o sistema significante da sociedade em um nível profundo e não histórico. Nesse nível profundo, o sistema significante da língua contém o sistema significante da sociedade, pois tem o poder de interpretar e de criar. A língua é o sistema por excelência, pois outros sistemas dependem dela para significar.

No ensaio *Semiologia da Língua*, Benveniste indica que, por meio do literário, podemos obter uma abordagem que ele chama de análise intralinguística e translinguística para abordar o discurso poético. Sobre o primeiro ponto, o autor sustenta que a “análise intralinguística, [caracterizada] pela abertura de uma nova dimensão de significância, a do discurso, que denominamos semântica, de hoje em diante distinta da que está ligada ao signo e que será semiótica” (Benveniste, 1969, p.66). Ou seja, um novo nível significativo, o qual é chamado de semântico pelo autor, a partir de agora, será separado daquilo que está relacionado ao signo e que passará a ser a semiótica.

Nessa perspectiva, Benveniste (1969, p.66) vai diferenciar o intralinguístico do translinguístico, sobre este segundo tópico, o autor vai afirmar que a “análise translinguística dos textos, das obras, pela elaboração de uma metassemântica, que se construirá sobre a semântica da enunciação”. Isso significa que examinando os aspectos intralinguísticos e translinguísticos das obras literárias, utilizando a metassemântica como estratégia interpretativa, vamos compreender as diversas maneiras que a língua é posta em funcionamento para significar e como isso pode aparecer de forma ainda mais perspicaz na narrativa de Graciliano Ramos.

Logo, os aspectos intralinguísticos e translinguísticos vão ser imprescindíveis à análise do texto literário. O primeiro auxiliará no que tange à criação de efeitos estéticos e significados dentro do texto, isso inclui a estrutura sintática, uso de signos vazios e plenos, verificando como esses elementos se organizam para criar um efeito de sentido. Quanto aos aspectos translinguísticos, esses dizem respeito à maneira como a literatura pode transcender as barreiras linguísticas para apresentar aspectos culturais, bem como temas e experiências universais ao ser humano

1.4 A enunciação: a realidade de discurso

O conceito de linguagem como ferramenta é rejeitado por Benveniste (1989) sob o argumento de que decorre de uma visão simplista segundo a qual a linguagem seria uma fabricação humana nos mesmos moldes de objetos como flecha, picareta, bigorna, etc. Na percepção do teórico, a linguagem está na natureza do homem e se apresenta como condição para sua constituição como sujeito na relação com o outro. Não se trata apenas de se expressar através da linguagem.

Benveniste produzia um pensamento absolutamente singular, cuja complexidade está por ser avaliada, uma vez que só poderia ser contemplada em um estudo epistemológico exaustivo. Assim, ele não pode ter seu pensamento reduzido à temática iniciativa. Sua obra contempla uma infinidade de temas que vão desde o estudo de aspectos da linguística geral, fenômenos diacrônicos, sintáticos, lexicais, culturais, até temas que testemunham uma verdadeira interação com áreas conexas aos estudos da linguagem. (Flores, 2013, p.22).

Para Benveniste, “(...) somente a língua torna possível a sociedade. A língua constitui o que mantém juntos os homens, o fundamento de todas as relações que por seu turno fundamentam a sociedade.” (Benveniste, 1989, p.63). Diante desse contexto, propondo novas perspectivas às ciências da língua/linguagem, o teórico torna-se um eminente intelectual do século XX, possuindo uma vasta obra, inacabada, das quais, podemos destacar *Problemas de Linguística Geral I e II*, 1966 e 1974, respectivamente. Nesses ensaios, ele construiu discussões importantes que, muitas vezes, ultrapassam o campo da Enunciação, tema sobre o qual se debruçou por longos anos, mesmo nunca deixando de maneira explícita que queria construir uma “teoria”. Segundo Flores (2013, p. 22):

Benveniste produzia um pensamento absolutamente singular, cuja complexidade está por ser avaliada, uma vez que só poderia ser contemplada em um estudo epistemológico exaustivo. Assim, ele não pode ter seu pensamento reduzido à temática enunciativa. Sua obra contempla uma infinidade de temas que vão desde o estudo de aspectos da linguística geral, fenômenos diacrônicos, sintáticos, lexicais, culturais, até temas que testemunham uma verdadeira interação com áreas conexas aos estudos da linguagem.

Pensar os aspectos relacionados à Enunciação não foi uma escolha exclusiva de Benveniste, pois outros teóricos, de acordo com Flores (2013), também se propuseram a pensar a respeito disso, como *Jacqueline Authier-Revuz*, *Mikhail Bakhtin*, *Oswald Ducrot*, *Algirdas Julius Greimas*, *Roman Jakobson*, todavia, no entendimento de Flores (2013), Émile Benveniste foi o único que conseguiu colocar a *Enunciação* na pauta das pesquisas linguísticas, dialogando até com aportes teóricos de áreas diferentes para instituir reflexões a respeito dos estudos enunciativos, dentre elas, estão a psicanálise, filosofia, sociologia e a literatura. Esta última está atrelada a esta pesquisa que visa a um diálogo entre *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, e a *Enunciação* benvenistiana, evidenciando, principalmente, as categorias de pessoa que são imprescindíveis para as análises que aqui estão empreendidas.

Em outros termos, o *eu* não é figurado pela linguagem como se já existisse antes dela, como se fosse responsável por algum tipo de manipulação pelo uso instrumental e racional dos signos linguísticos para uso próprio, mas, sim o *eu* é formado pela prática da linguagem, pela possibilidade que o locutor tem de se considerar sujeito e isso só pode ser apresentado na e pela *Enunciação*.

Dessa maneira, a linguagem dispõe a realidade, no entanto, esta só pode ser personificada com um *Eu* formado, colocado em um espaço social, se estiver associado com um *tu*, logo, a linguagem não representa identidade do falante, entretanto, faz com que exista e permite que ele a use adequadamente para que, por meio de símbolos, possa configurar a realidade. Dessa forma, Benveniste aborda a questão da subjetividade na linguagem, na qual a distinção pessoa/não pessoa ocupa um lugar de destaque.

Assim, Benveniste concebe a constituição da subjetividade a partir de certas categorias, inclusive, dos pronomes essenciais à expressão da pessoa. Essa percepção teórica do autor depende da transição do falante para o sujeito, porque o falante adquire a linguagem e se considera o destinatário da história como resultado dessa alocação.

A linguagem é compelida de subjetividade e está sendo estudada a possibilidade de sua constituição, na qual não apenas o *eu* está no centro, mas a interação entre um *eu* e um *tu*, por exemplo, na qual fica evidente a importância do outro para essa constituição. Ou seja, temos a pessoa que fala, a pessoa com quem se fala e a pessoa a quem se dirige. “*Eu*” e “*tu*”, na concepção benvenistiana, são pessoas envolvidas em um ato enunciativo. Logo, cabe analisar como essas

discussões são imprescindíveis ao texto literário aqui examinado.

No texto *O Aparelho Formal da Enunciação*, Benveniste apresenta a perspectiva que o que ele chama de “aparelho” é o conjunto de mecanismos e situações em que a enunciação toma forma e sentido na prática social. Quanto à língua, podemos ter: 1) o ato da enunciação em si; 2) as situações de sua realização; 3) os instrumentos necessários para que seja realizado. Além disso, o autor conceitua os índices pessoais: eu e tu são dois índices que emergem na enunciação; índices de ostensão: este, aqui, etc. são índices que designam o objeto e o tempo a partir do eu.

Desse modo, essa visão do autor dialoga com o que ele aborda no texto *O Aparelho Formal da Enunciação*, a qual é definida como: “colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (Benveniste, 1970, p. 82), ou seja, “este ato é o fato do locutor que mobiliza a língua por sua conta”. A noção de instância de discurso perpassa o que Benveniste chama de referências internas, as quais são representadas quando o locutor se enuncia por meio de um *eu*. Isto é, quando a linguagem é colocada em funcionamento, ela representa uma instância de discurso.

Por isso, quando o sujeito coloca a língua em funcionamento, ele passa a se referir não à realidade objetiva, mas ao que Benveniste chama de “realidade do discurso”, a qual se refere à amplitude em que a linguagem é utilizada para expressar não apenas acontecimentos, mas também informações que (re)criam e refletem as situações de comunicação:

O primeiro ponto é: o sujeito benvenistiano remete a uma realidade discursiva e, por isso mesmo, não coincide com o sujeito da razão cujas experiências estão localizadas na consciência ou na racionalidade pragmática. A abordagem do sujeito sob essa ótica não deve ignorar ou minimizar os desdobramentos que a enunciação representa para a constituição e instituição da subjetividade na linguagem. (Ferreira Júnior, 2014, p.75).

Dessa forma, a enunciação é um ato individual de uso da linguagem, que reflete as particularidades do falante, o contexto discursivo em que está inserido, bem como intenções enunciativas. Para explicar esses aspectos enunciativos, Benveniste constatou que o indivíduo, para se tornar sujeito, utiliza-se de ferramentas que estão no âmbito das categorias pronominais. Para o autor, no paradigma pronominal, só existe a pessoa (eu/tu) e a não pessoa (ele).

Nesse sentido, a categoria de pessoa constrói e ativa referentes no processo textual-enunciativo e ela não está limitada ao campo dos pronomes, mas, sim, trata-se de marca de intersubjetividade, apontando para referentes na situação enunciativa. Como afirma Ferreira Júnior (2014): “A noção de sujeito, em Benveniste, remete a uma realidade discursiva e, por isso mesmo, não coincidente com o sujeito da razão cujas experiências estão localizadas na consciência ou na racionalidade pragmática”, ou seja, na visão de Benveniste, o sujeito é considerado uma construção discursiva. Isso quer dizer que ele se manifesta na e pela linguagem.

Assim, o “eu” que se expressa só ganha existência no momento da enunciação, isto é, quando a linguagem é empregada para se manifestar. Logo, a enunciação sempre cria uma realidade específica e, no caso do texto literário, cria-se uma realidade ficcional capaz de ressignificar outras realidades discursivas. Não se trata de uma reprodução de cenas e acontecimentos do cotidiano ou do mundo, mas, sim, da abertura para uma nova dimensão da significância.

1.5 Implicações sobre a autorreferência e como esta se apresenta em leitores de Benveniste:

Valdir Flores é doutor e professor titular em Linguística e Língua Portuguesa do Instituto de Letras da UFRGS e é responsável por vários estudos voltados ao campo da enunciação, o que o torna um dos maiores leitores e pesquisadores de Émile Benveniste aqui no Brasil. O docente obtém um número vasto de publicações, uma delas tornou-se indispensável para esta pesquisa: *Problemas Gerais de Linguística* (2019), livro este que aborda a *autorreferência*, a qual é uma terminologia flutuante em todo o repertório teórico de Benveniste.

Vale ressaltar também que essa perspectiva enunciativa de referência se difere de outras como, por exemplo, da Linguística Textual, teoria que compreende esse fenômeno como referenciação, a qual consiste na (re)construção de objetos de discurso, ou seja, a maneira como denominamos as coisas é devido à ação linguística sobre o mundo, já que as atividades de referenciação têm uma dimensão discursiva que ancoram e perspectivam os objetos de discurso.

A referência trata-se, na LT, da ação de representar, por meio de uma atividade discursiva, entidades que, na composição textual, são concebidas como produtos social e cultural da atividade cognitiva. No núcleo dessas discussões sobre referência, entende-se que os objetos de discurso surgem de práticas interacionais e discursivas

e que as formas nominais de referenciação são empregadas com o intuito de estabelecer táticas eficientes nesse processo de construção do sentido. Nessa perspectiva, a visão de referenciação não é a que se coloca no lugar de uma representação da realidade, mas, sim, coloca-se no lugar da que é construída e sustentada pela forma como, sociocognitivamente, o sujeito interage com o mundo e com o outro.

Cavalcanti; Custódio Filho; Brito (2014) afirmam que a noção de referenciação, é dinâmica, bem como são o texto e a coerência dentro dos processos sociocognitivos, contribuindo para a ampliação do que se concebe por coesão, já que as expressões referenciais participam na “costura” do texto e não só representam a probabilidade de recuperação de um referente no cotexto, mas também implicam o constructo de uma representação ligada à orientação argumentativa e significativa do sujeito.

Os referentes podem ser concebidos por meio de duas formas: ativação ancorada, quando um novo objeto de discurso é introduzido no texto e passa a atuar na memória do sujeito interlocutor; não ancorada, quando um novo objeto de discurso atua com elementos presentes no cotexto ou no contexto sociocognitivo. É nesse sentido que a referenciação é vista como uma estratégia de ativação de objetos de discurso, os quais se situam nas relações anafóricas.

No entanto, para Benveniste, segundo Flores (2019), a compreensão de referência é completamente distinta no campo da enunciação, pois, para ele, esse termo diz respeito ao sistema estabelecido pelo locutor quando este enuncia, pois, toda referência ocorre em relação ao locutor e à percepção deste com o mundo e consigo, isto é, referir é correferir, pois aquele que participa do ato enunciativo também constrói referência junto ao locutor :

Na enunciação, a língua se acha empregada para a expressão de uma certa relação com o mundo. A condição mesma dessa mobilização e dessa apropriação da língua é, para o locutor, a necessidade de referir pelo discurso, e, para o outro, a possibilidade de co-referir identicamente, no consenso pragmático que faz de cada locutor um co-locutor. A referência é parte integrante da enunciação (Benveniste, 1974, p. 84).

Ou seja, o autor considera que a referência é uma característica fundamental da linguagem, uma vez que não se trata apenas de uma referência à identidade de um indivíduo, mas há também a diferença entre as funções de comunicação, logo, a linguagem pode referir-se tanto ao mundo exterior quanto a si mesma, e esse êxito é

possível graças à função da fala humana, que permite não só a produção de enunciados, como também o conhecimento do locutor, antecipando o que este vai dizer e, muitas vezes, tentando influenciá-lo no ato enunciativo.

O primeiro ponto relevante para considerar a perspectiva enunciativa sobre referência, para a análise do corpus desta pesquisa, é o fato de que Paulo Honório, narrador-personagem do romance, expressa constantemente sua autorreferência por meio da primeira pessoa (eu). Segundo Flores (2019), o uso da primeira pessoa indica uma subjetividade marcada pelo ato de enunciação, ou seja, a identidade do falante é construída no momento em que ele se enuncia. Na narrativa de Ramos, Honório está sempre se referindo a si mesmo, seja para justificar suas ações ou para refletir sobre si e sobre toda a trajetória de vida dele. Esse constante retorno ao 'eu' revela um personagem em busca de autoafirmação e marcado, possivelmente, pela insegurança.

Outro aspecto importante é o uso constante de verbos no passado por parte de Paulo Honório. Isso indica que ele está sempre revivendo suas experiências passadas e tentando encontrar nelas alguma explicação para seu presente. Esse recurso linguístico reforça a ideia de que o personagem está preso em um ciclo autorreferencial, que o torna incapaz de se libertar de suas próprias memórias e percepções.

A autorreferência também está presente em outros contextos dos estudos da linguagem. Desde os primeiros momentos do desenvolvimento linguístico, as crianças revelam indícios de autorreferência, como a utilização de pronomes pessoais ("eu") e a habilidade de expressarem-se relacionando-se a si mesmas e às suas vivências. Esse domínio não apenas espelha o progresso cognitivo infantil, mas também a sua crescente compreensão do próprio papel na comunicação e na interação social. No entendimento de Ferreira Júnior (2014, p. 71):

A autorreferência também está presente em outros estudos da linguagem. Diversos pontos sintomáticos da comunicação/enunciação da criança autista reclamam esclarecimentos, tais como: quais as razões que justificam a ação especular da criança frente ao discurso do adulto? O que se entende por "discurso" e/ou "linguagem" quando se busca desqualificar as produções ecológicas?. Além desses pontos, demos relevo à discussão a respeito da inversão pronominal no autismo: a criança autista, quando fala, costuma utilizar o pronome de terceira pessoa para fazer autorreferência e raramente utiliza o clítico "eu".

Em outras palavras, quando uma criança fala de si mesma usando a linguagem, ela não apenas compartilha informações sobre suas experiências e emoções, mas também absorve e pondera a respeito de quem ela é. Por meio da autorreferência, a criança constrói a sua própria percepção como um indivíduo único e independente, capaz de agir e se comunicar no seu ambiente. Esse processo de formação da identidade está intimamente ligado ao desenvolvimento da linguagem e ocorre paralelamente ao aprimoramento de competências linguísticas mais sofisticadas.

CAPÍTULO 2 – A PERSPECTIVA ENUNCIATIVA DE BENVENISTE E A AUTORREFERÊNCIA NO TEXTO LITERÁRIO

No domínio da literatura, a autorreferência é uma ferramenta amplamente utilizada para criar um senso de realidade em obras fictícias e para dar vida aos personagens. No caso do personagem Paulo Honório, em "São Bernardo", de Graciliano Ramos, a autorreferência é um recurso que pode ser identificado de maneira extensa na narrativa, contribuindo para a compreensão da complexidade do personagem.

Para entender melhor a autorreferência na construção de Paulo Honório, é importante primeiro entender o conceito de enunciação na teoria literária. Segundo Benveniste (1966,1988), a enunciação não é apenas o ato de produzir um enunciado, mas também inclui os aspectos discursivos que moldam o significado desse enunciado. Assim, quando Paulo Honório se refere a si mesmo na narrativa, ele não está apenas falando sobre si mesmo; ele está construindo sua identidade através da autorreferência (Benveniste, 1966, 1988).

Logo, este capítulo tem como objetivo discutir a respeito de como os estudos da enunciação, principalmente, sobre a autorreferência, na construção da personagem Paulo Honório, tornam-se essenciais para entender como essa estratégia enunciativa-discursiva pode ser aplicada no romance "São Bernardo" e qual o seu impacto na narrativa construída na visão do protagonista, que narra a própria história e a transformação de si a partir dela.

2.1 A presença da literatura em Benveniste

As discussões enunciativas benvenistianas propiciaram uma nova maneira de (re)pensar os estudos linguísticos, que até então eram revolucionários para a época, três momentos dessas análises são essenciais para pensarmos a literatura: a diferenciação das categorias de *pessoa e não pessoa*, dos elementos *semióticos e semânticos*, bem como a elaboração do conceito do *aparelho formal da enunciação*, (Flores, 2013, p.25-26).

Sabe-se que Benveniste não formulou conceito sobre a inter-relação direta dos estudos da Enunciação com a literatura, percebemos que, ao longo de seus escritos, o texto literário sempre foi lembrado, sobretudo o texto poético, o que nos faz

considerar que essas três concepções supracitadas contribuíram de forma singular para análise de textos do campo literário.

Isso é comprovado a partir das análises, feitas pelo autor, dos manuscritos sobre a poética de Baudelaire, ratificando que é a literatura, experienciada na intersubjetividade, que pode Interessar à Enunciação. Segundo Vier (2016, p.81): “acreditamos, assim, que a literatura esteja presente nos estudos de Benveniste porque ela possibilita problematizar a linguagem e desafiar a linguística a progredir”. Isto é, a presença de Benveniste na literatura cria possibilidades de questionar, analisar e interpretar o discurso literário, o qual é de interesse do pesquisador francês Émile Benveniste.

No ensaio *Semiologia da língua*, notamos o verso de Baudelaire, no qual o linguista chama a atenção para o acontecimento de uma obra de arte não ter como unidade um símbolo saussuriano. Porém, em nenhum compêndio publicado por Benveniste, encontramos esta unidade evidentemente definida. No entanto, para o autor, a língua se configura um sistema de signos, os quais são:

da arte em suas variedades (música, imagens, reproduções plásticas), em suma, e sem ultrapassar a constatação empírica, é claro que nossa vida inteira está presa em redes de signos que nos condicionam a ponto de não se poder suprimir apenas um sem colocar em perigo o equilíbrio da sociedade e do indivíduo. (Benveniste, 1989, p.53)

A abordagem teórica de Benveniste nunca se voltou exclusivamente para a análise de textos literários, no entanto, no ensaio *Semiologia da Língua* (1989), o autor considera que existe um signo das artes e esse pode se manifestar de diversas maneiras, como está disposto na citação acima. Dentre as contribuições literárias que os estudos de Benveniste podem suscitar, vale destacar o *Dossiê de Baudelaire*, analisado por Laplantine (2008). Esse poeta é de interesse para os estudos de Benveniste devido à complexa estrutura poética e temas profundos, constituindo, dessa maneira, um objeto de estudo pertinente aos estudos linguísticos, principalmente, quando se pensa na obra mais famosa do poeta: *As flores do mal*.

Embora essas anotações não tenham sido publicadas oficialmente, percebe-se o olhar analítico, nos manuscritos de Benveniste, o qual explora a leitura minuciosa respeito da linguagem poética, examinando de forma detalhada, não só aquilo que está posto por Baudelaire, mas também como o próprio Benveniste interpreta a essência e a composição da linguagem poética.

Então, o que podemos perceber, nessa afirmação do autor, é que a literatura, como uma manifestação da linguagem, pode ser analisada como uma rede de signos cujos significados dependem das metáforas, símbolos e recursos estilísticos para formar o que ele denomina de *poético*. Nesse sentido, vemos também o anúncio da necessidade de um novo aparato linguístico para estudar a palavra além do signo de Saussure, mas o que não vemos com clareza é o estudo dos textos literários como uma arte, mas, sim, no sentido de problematizá-la e, mais amplamente, a linguagem. Na visão de Vier (2020):

Como bem esclarece Benveniste, a linguagem não é um instrumento de comunicação; logo, não é com a linguagem que o poeta trabalha. Poeta e linguagem são indissociáveis. Ao ter a palavra como material, o poeta trabalha com a escrita. É a partir da escrita que o poeta pode tomar a palavra como material e produzir as imagens que evocarão a experiência e suscitarão a emoção na língua poética.

Isto é, a literatura aparece para Benveniste não como uma conjectura, mas como uma questão a ser analisada, compreendida, explicada. Nos PLGs, encontramos passagens literárias, reflexões teóricas e possíveis caminhos a seguir. A literatura existe porque, como afirmou Benveniste, “tudo o que tem a ver com a linguagem é objecto da linguística”. (1989, p. 29). Logo, a literatura também demonstra o interesse de Benveniste pelas línguas/ linguagens modernas.

Dessa maneira, apesar das discussões de Benveniste estarem ligadas diretamente à linguística, não podemos desconsiderar que os estudos enunciativos contribuem para a compreensão do texto literário, principalmente, no que tange aos aspectos ligados à subjetividade, à autorreferência e ao discurso, pois esses cooperam para a análise e interpretação a partir da perspectiva linguística e discursiva.

Para reiterar a importância dos estudos da enunciação para a literatura, cabe mencionar os manuscritos que Benveniste tinha sobre a obra de Baudelaire, bem como a conjectura que o linguista estabelece entre a semiologia da linguagem e a semiologia da arte, essa perspectiva é mencionada no ensaio *Semiologia da Língua* (1989) e também no *DB*⁵. Para o autor, para analisar o discurso poético de Baudelaire, é fundamental levar em consideração como a poesia atua tanto como expressão

⁵ Dossiê de Baudelaire.

artística, quanto como um sistema de signos. Pode-se verificar, portanto, essa concepção em um dos exemplos da análise de Benveniste sobre o poeta francês:

BAUDELAIRE, 22, f°4 f°256

Folha de bloco de notas, 21 x 27, quadradinhos, tinta azul meia-noite.

“Poesia é identificação de material linguístico ao significado das palavras. O som deve sugerir ou imita o significado, mas o significado tomado como sugestão emocional não tão significada lexicamente. O poeta não quer nos ensinar nada, não quer despertar ideias em nós, ele quer alcançar com palavras unir a região de nós que uma emoção pode tocar. O poeta deve, portanto, desviar as palavras de suas associações comuns, dando a alguns valores notícias, use repetições obsessivas, combine-as contrastar corajosamente, estabelecer simetrias inesperado, dissonâncias. O que o poeta diz em verso não pode ser dito apenas em verso. Este é realmente o maior erro neste assunto. do que falar sobre o «significado» de um poema. O «significado» não é o mesmo valor na poesia do que na linguagem comum. É necessário posar⁶” (22, f°4/ f°256). (Laplantine, 2008, p.259, tradução nossa)

⁶ BAUDELAIRE, 22, f°4 f°256

Feuille de bloc-notes, 21 x 27, petits carreaux, encre bleu nuit.

La poésie est identification de la matière linguistique à la signification des mots. Il faut que le son suggère ou imite le sens, mais le sens pris comme suggestion émotive non comme signifié lexical.

Le poète ne veut rien nous apprendre, il ne veut pas susci éveiller en nous des idées, il veut atteindre avec des mots mis ensemble la région de nous qu’une émotion peut toucher.

Le poète doit donc détourner les mots de leurs associations ordinaires, donner à certains des valeurs nouvelles, user de répétitions obsédantes, les égarer audacieusement des contraires, instituer des symétries inattendues, des dissonances.

Ce que le poète dit en vers ne peut être dit qu’en vers.

C’est bien la plus grande erreur en cette matière que de parler du « sens » d’un poème. Le « sens » n’est pas la même valeur en poésie que dans le langage ordinaire. Il faut poser (Em francês, idioma original, Laplantine, 2008,p.529).

Benveniste, nessa análise acima, oferece uma perspectiva profunda do discurso poético e como essa deve ser estudado e, acima de tudo, percebido e interpretado. Nesse sentido, percebe-se no início do texto que a poesia consiste em relacionar o material linguístico ao significado das palavras empregadas na construção poética. Além disso, enfatiza a necessidade de o som estar relacionado ao significado: “mas o significado tomado como sugestão emocional não tão significada lexicamente.” Isto é, é necessário esvaziar os sentidos “originais” das palavras para ressignificá-los no contexto poético, criando conexões emocionais. Diante disso, percebe-se como a análise enunciativa é importante para explorar as questões do texto literário, pois, conforme sugerido por Benveniste (1966), toda enunciação é uma forma de discurso que envolve um locutor e um ou mais locutores.

Na continuidade da análise, Benveniste afirma que o poeta não quer instruir ou disseminar ideias específicas nos leitores, mas, sim, busca alcançar por meio daquilo que é dito. Para isso, o poeta, portanto, deve desviar as palavras de suas associações comuns, conferindo-lhes novos significados. Isso pode ser feito, como afirma o autor, por meio de repetições obsessivas, combinações ousadas e contrastes, simetrias inesperadas e dissonâncias. Segundo Vier (2020, p.169):

A palavra como material do poeta se relaciona com a palavra do uso ordinário. Essa relação é necessária para que a evocação e a emoção sejam possíveis. Nesse sentido, Benveniste escreve que a proposta coerente que encontramos nas palavras de Baudelaire dialoga com a gramática formal do uso ordinário. Mas não são as palavras do uso ordinário. E esta é a língua poética de Baudelaire: uma língua que evoca e emociona a partir da língua ordinária.

Dessa forma, aquilo que é dito pela poesia não pode ser dito de outra maneira, pois essa forma de expressão é singular, da qual emergem significados que não correspondem, muitas vezes, àquilo que é dito e/ ou encontrado no senso comum. Esse é o princípio da não redundância proposto por Benveniste (1989). Uma das questões mais delicadas abordadas no texto consiste na advertência sobre a falha de interpretar o "significado" de um poema da mesma maneira como se interpreta uma mensagem na linguagem cotidiana. A poesia carrega consigo uma profundidade de valor emocional e simbólico que vai além da simples interpretação lexical.

Logo, Benveniste, nos seus manuscritos sobre Baudelaire, propõe que o discurso poético cria um “espaço” próprio de significação, transcendendo o próprio

uso da linguagem. O poético, para o autor, não se limita somente à poesia, mas, sim, exige que o indivíduo, ao se deparar com essa materialização discursiva, perceba que existe um sistema simbólico interconectado, o qual desafia a leitura linear, contribuindo, dessa forma, para que haja uma rede de significados coexistindo na mesma experiência interpretativa.

Diante disso, percebemos o quanto é imprescindível, para Benveniste, considerar o poema e o poeta no que tange à análise do texto literário, visto que, na perspectiva do autor, o discurso poético está presente no literário, porém, não de forma limitada e restrita. Assim, a leitura benvenistiana, a respeito da obra de Baudelaire, ratifica que os estudos linguísticos podem contribuir à literatura, conquanto, comumente, pesquisadores e estudantes enxergam esses campos separadamente:

No domínio do conhecimento da linguagem, separam-se nitidamente os estudos lingüísticos e os literários.[...]Isso produziu uma conseqüência devastadora: de um lado, é constrangedor verificar a ignorância literária dos lingüistas e, mais ainda, constatar que eles não dão à literatura nenhuma importância; de outro, é ainda mais embaraçoso ouvir especialistas em literatura enunciando, com a petulância dos sábios-ignorantes, banalidades do senso comum, eivadas de preconceito e de falsidade, sobre a língua. (Fiorin, 2008, p.34)

Ou seja, para termos uma compreensão mais ampla dos estudos da linguagem, bem como as maneiras pelas quais essa se manifesta, é necessário haver uma convergência entre esses dois domínios, visto que, ambas não são antagônicas, mas, sim, complementares. Enquanto a Linguística fornece mecanismos analíticos que ajudam a compreender e sistematizar elementos subjacentes à língua, essa cria o mundo, conectando ideias às coisas existentes, entretanto, nunca numa relação direta, mas em uma relação negociada.

Já a Literatura, por sua vez, utiliza e ressignifica a língua de maneira criativa e expressiva, proporcionando uma visão mais profunda, analítica e multifacetada a respeito do texto literário, isto é, os estudos linguísticos e literários têm muitos pontos convergentes, pois as duas áreas compartilham do mesmo interesse: a linguagem. Essa visão fica notável quando nos deparamos com os manuscritos de Benveniste, todavia, sabe-se que:

Até por volta dos anos 60, a relação entre a lingüística e a literatura era bastante simples: de um lado, na medida em que a análise do texto

literário era o estudo da substância do plano do conteúdo em sua relação com uma realidade extralingüística, não era preciso recorrer a qualquer categoria lingüística e, portanto, não havia qualquer ligação entre esses dois campos do conhecimento, em que, tradicionalmente, se dividem os estudos da linguagem; de outro, no estabelecimento de textos e na estilística, havia certa vinculação, mas bastante rudimentar, entre esses dois domínios. (Fiorin, 2008, p.46)

Logo, esses fatos supracitados corroboram a perspectiva de que tentar compreender a importância de unir essas áreas de estudos sempre foi uma busca incessante e que atravessou muitas décadas. Após muitas discussões, com o intuito de elucidar a relevância da interdisciplinaridade dos estudos linguísticos e literários, a exemplo dessa análise apresentada por Fiorin (2008), fica perceptível a primordialidade de transitar entre essas duas esferas, pois há a necessidade de ampliar perspectivas que ultrapassem as limitações individuais desses campos teóricos para que haja a interseção que possibilite a construção de novos olhares a respeito do fenômeno língua/linguagem materializada, sobretudo, no discurso literário.

Diante desse contexto, pode-se afirmar que uma das possibilidades de construir esse diálogo teórico/metodológico dá-se por meio do campo da Enunciação da perspectiva benvenistiana, a qual afirma que a enunciação é marcada pela presença do locutor no discurso e pela relação entre o locutor e os ouvintes - uma relação que é sempre marcada pela intersubjetividade, sabemos que esse aspecto também pertence ao texto literário.

Em relação à construção da personagem Paulo Honório, a perspectiva enunciativa oferece ferramentas importantes, pois cada personagem, em um romance, não fala apenas para si mesmo; ao contrário, cada palavra proferida por uma personagem é dirigida a um ouvinte, seja outra personagem, o autor ou o leitor. (Flores; Teixeira, 2021).

Essa visão pode esclarecer a complexa interação entre autorreferência proposta nos estudos de Benveniste na construção discursiva de Paulo Honório. Quando esse, ao ser o narrador e, ao mesmo tempo, objeto narrado, é um *eu* que, automaticamente, pressupõe um *tu*, ambos são signos vazios que se referem à instância discursiva na qual estão inseridos, ou seja, são elementos, em sua completude, autorreferenciais. Por isso, quando o protagonista enuncia para outra personagem, ele constrói uma autorreferencialidade.

Portanto, fica evidente que a análise semiológica-enunciativa não só enriquece a investigação da maneira pela qual Paulo Honório organiza o próprio ato enunciativo dele, como também expande e reafirma a visão da complementaridade da Linguística e da Literatura como áreas convergentes que contribuem para uma concepção colaborativa e interdisciplinar da linguagem, bem como as múltiplas possibilidades de significações que essa pode suscitar, principalmente, quando pensamos no universo literário como materialização ressignificada da língua.

2.2 A instância de discurso: a autorreferência e seu papel na constituição das personagens

A autorreferência na construção literária de personagens pode ser um aspecto amplamente discutido na literatura, e, no caso específico de Paulo Honório, protagonista do romance "São Bernardo", de Graciliano Ramos, essa autorreferência ganha contornos complexos, visto que a personagem quando se coloca na posição de narrador, constrói um universo discursivo que, a todo o tempo, favorece-o na construção da imagem que ele pretende transmitir. A análise enunciativa propõe uma abordagem linguística que valoriza o papel do sujeito na construção dos significados do texto (Flores, 2013).

No caso de Paulo Honório, a análise enunciativa foca na forma como o personagem se autorrepresenta através da narrativa, utilizando-se da linguagem para construir suas relações interpessoais com o objetivo de manipulá-la e reificá-las. A figura do protagonista de São Bernardo pode ser, claramente, uma representação do "eu" que busca afirmar-se num mundo próprio, construído por ele, o qual é essencialmente capitalista, pois todas as relações construídas, por Honório, não passam de transações comerciais, isto é, "moedas de troca". Através da narração em primeira pessoa, o personagem se coloca como o centro narrativo da estória, tornando-se *a pessoa (eu)* e expressa suas visões e opiniões sobre os eventos que vivencia, tornando isso uma *não pessoa (ele)*. Segundo Flores (2019):

O "eu" tem sua própria referência, que corresponde cada vez a um ser único; b) o "[...] eu se refere ao ato de discurso individual no qual é pronunciado, e lhe designa o locutor" (Benveniste, 1988, p. 288, destaques do autor); c) o "eu" e o "tu" se referem, portanto, a uma realidade de discurso; d) o "eu" e o "tu" se referem à enunciação, cada vez única, que os contém, e refletem o seu próprio emprego. A conclusão, aqui, é evidente: utilizando o que foi dito acima acerca da

autorreferencialidade, pode-se facilmente afirmar que a categoria de pessoa é autorreferência.

Com base nesses estudos, pode-se afirmar que a autorreferência será imprescindível para compreender e analisar a figura de Paulo Honório, pois essa estratégia enunciativa é capacidade de se referir a si mesmo, ou seja, de fazer referência a seu próprio processo de criação, estrutura ou linguagem. Esse aspecto pode-se apresentar de algumas maneiras como, por exemplo, quando uma personagem se torna consciente de sua própria condição de personagem ou quando o narrador comenta sobre a própria escrita do texto. No texto a natureza dos pronomes, Benveniste (1956) traz um aspecto bastante importante para a enunciação: a instância do discurso. Para o autor, quando o locutor coloca a língua em funcionamento por meio da palavra, fortalece os diferentes papéis sociais ligados à linguagem:

O ato individual de apropriação da língua introduz aquele que fala em sua fala. Este é um dado constitutivo da enunciação. A presença do locutor em sua enunciação faz com que cada instância de discurso constitua um centro de referência interno. Esta situação vai se manifestar por um jogo de formas específicas cuja função é de colocar o locutor em relação constante e necessária com sua enunciação. (Benveniste, PLG II, p. 84).

Quando aplicamos esse conceito à obra literária, por exemplo, devemos levar em consideração todos os aspectos envolvidos na narrativa, isto é, os personagens, o enredo, narrador, seja ele em primeira ou terceira pessoa, o tempo com todos os desdobramentos possíveis: tempo cronológico, flashback, psicológico e histórico, bem como o espaço físico e social, visto que cada elemento constituinte da narração expressa perspectivas e pontos de vistas que contribuem para uma instância discursiva.

Segundo Nunes (1995), no caminho da escrita é importante descrever os fatos por meio de um tempo narratológico. Para o autor, a descrição do tempo na narração começou com Aristóteles, o qual decidiu verificar a construção desse elemento nos gêneros tragédia e epopeia. Para o filósofo, o tempo da tragédia seria um dia, já a epopeia tem uma duração ilimitada. Na visão do autor grego, era necessário levar em consideração um cálculo astronômico para compreender a descrição temporal:

Enquanto a tragédia limita-se, tanto quanto possível, ao período de um dia, a epopéia tem duração ilimitada. O período de um dia, explica

Aristóteles, corresponde ao de uma única revolução solar, o que mostra ter o filósofo grego utilizado um critério astronômico, físico, de avaliação do tempo, nessa passagem do capítulo V de sua obra", relativa à duração desejável da ação dramática, que o classicismo tomou por base de um dos princípios componentes da regra das três unidades (de tempo, lugar e ação). A limitação da ação dramática ao período de um dia, no curso de um espetáculo, "que não deve passar de 3 até 4 horas", contrasta com a duração ilimitada da ação épica - ilimitada em termos relativos, conforme observaram intérpretes do texto aristotélico, invocando a prática dos melhores poetas antigos, que lhes permitiram fazer alguns cálculos curiosos: os acontecimentos narrados na *Ilíada* teriam durado quarenta e sete dias, os da *Odisséia* cinquenta, e os da *Eneida*, um verão e um outono segundo alguns e mais de seis anos segundo outros, a despeito da grande extensão desses poemas, sempre muito superior ao tamanho de qualquer escrito trágico. (Nunes, 2013, p.4).

Apesar de ser um texto antigo, o autor Benedito Nunes (2013) oferece-nos uma visão ampla e sistemática a respeito de como o tempo era concebido nos primórdios dos estudos literários. Mais à frente, o autor sustenta que essa perspectiva foi evoluindo até chegar à divisão clássica encontrada nos manuais literários, a qual pode-se dividir em tempo cronológico, quando a estória é narrada levando em consideração o tempo habitual do relógio, isto é, à medida que a construção do enredo é linear. Quanto ao tempo flashback, vê-se que é aquele que vem por meio de memórias e retrospectivas da personagem narradora.

Nesse sentido, ainda temos o tempo psicológico, o qual vai se referir à percepção subjetiva de quem narra, essa pode se apresentar de maneira emotiva com bastante distorções, introspecções e contradições. Além desse elemento temporal importante às narrativas, podemos contar, também, com o tempo histórico, pelo qual, é possível identificar o período em que se passa a estória, visto que as expressões, bem como o vocabulário do narrador direciona ao transcurso da narrativa.

Ao levarmos em consideração a obra analisada nesta pesquisa, percebemos que o narrador brinca entre o passado e o presente, contudo, marcando a distinção entre o Paulo Honório narrador e o personagem, esses aspectos podem ser identificado ao longo do romance, quando ele, constantemente, enfatiza seu status e suas realizações, reforçando sua autoimagem como um indivíduo dominante. No aspecto linguístico, Honório narrador é marcado pelos verbos no passado, enquanto o personagem se enuncia no tempo verbal do presente:

Se tentasse contar-lhes a minha meninice, precisava mentir. Julgo que rolei por aí à toa. Lembro-me de um cego que me puxava as orelhas e da velha Margarida, que vendia doces. O cego desapareceu. A velha Margarida mora aqui em S. Bernardo, numa casinha limpa, e ninguém a incomoda. Custa-me dez mil-réis por semana, quantia suficiente para compensar o bocado que me deu. Tem um século, e qualquer dia destes compro-lhe mortalha e mando enterrá-la perto do altar-mor da capela. (Ramos, p.11).

Percebe-se, portanto, que o personagem e o narrador se fundem por meio dos tempos verbais, construindo, assim, um tempo flashback, a partir disso, identificamos a constante referência de Paulo Honório a si mesmo e às suas experiências pessoais. Benveniste, no texto *a linguagem e a experiência humana*, também vai abordar duas perspectivas de tempo o qual será dividido em três categorias: *tempo físico, crônico e linguístico*.

Sobre o primeiro, Benveniste (1965) afirma que se trata de um tempo “uniforme, infinito e linear”. Essa perspectiva pode ser relacionada com a experiência humana do tempo, a qual é altamente maleável, influenciada pelas emoções e pelo ritmo interno de cada indivíduo. A interação entre o tempo físico e seu equivalente “psíquico”, no entendimento do autor, dá origem ao conceito de tempo crônico, definido como a dimensão temporal dos eventos, incluindo nossa própria trajetória de acontecimentos.

Nesse sentido, pode-se afirmar que cada tempo é único e uma experiência compartilhada. Como afirma o ensaio de Benveniste, “nosso tempo vivido corre sem fim e sem retorno, é esta a experiência comum.” (p.72). Isto é, a trajetória humana é marcada por eventos que posicionamos em uma escala reconhecida por todos, conectando nosso passado recente ou remoto. Logo, o tempo crônico diz respeito à experiência subjetiva do tempo, influenciada pelas práticas sociais, pelas normas culturais e pela memória coletiva de um grupo social. Ele se refere à maneira como as pessoas percebem, interpretam e vivenciam o tempo em suas vidas cotidianas.

Benveniste também aborda a noção de tempo linguístico, com relação a esse, o autor afirma que está centrado no presente no momento da enunciação. Quando um locutor utiliza a forma gramatical do “presente”, ou uma forma equivalente, ele posiciona o evento como contemporâneo, ou pode ser socialmente reconhecido como tendo ocorrido. Ainda de acordo com o autor, o tempo se organiza em relação ao eu. Segundo Flores (2019):

O traço novo e distintivo aqui diz respeito à consequência disso: todos os indicadores – de tempo, de espaço e de pessoa – se organizam em relação a “eu”. De certa maneira, pode-se dizer, então, que todos os indicadores são autorreferenciais, mas não o são da mesma maneira, porque todos os indicadores que não “eu” são “[...] concomitantes com a instância de discurso que contém o indicador de pessoa” (BENVENISTE, 1988, p. 279). Benveniste dirá também que tais indicadores são contemporâneos da instância de discurso que contém o indicador de pessoa. (Flores, 2019, n.p.)⁷

Flores (2019) ressalta os elementos intrínsecos à natureza dos indicadores na fala, sobretudo, no que se refere à referência individual, temporal e espacial. De acordo com o entendimento do autor, para Benveniste, todos os indicadores de um discurso (tempo, espaço e pessoa) são estruturados a partir da perspectiva do falante, o “eu”. Tais indicadores são autorreferenciais, já que remetem à própria ação de falar e ao locutor. Por outro lado, os indicadores que não são relativos ao “eu” variam conforme o contexto do discurso e a presença do falante.

Dessa forma, todos os indicadores linguísticos, sejam eles relacionados ao tempo, ao espaço ou à pessoa, são organizados em relação ao locutor. Em certo sentido, pode-se argumentar que todos esses indicadores são autorreferenciais, embora não o sejam de maneira uniforme, pois todos os indicadores que não se referem ao locutor estão implicitamente relacionados à instância de discurso que contém o indicador de pessoa.

2.3 Entre o semiótico e o semântico: o signo linguístico e o signo literário

O campo semântico é amplo e heterogêneo, isso porque o seu objeto de estudo – o sentido – é complexo e de difícil delimitação, podendo ser abordado sob diversas perspectivas. Os estudos que envolvem esse tema (sentido, o significado e a significação) não estão somente alocados na semântica, mas também são analisados por outras áreas do conhecimento, como a Filosofia, a Lógica, isso demonstra o tamanho da complexidade do tema e as várias facetas que esse objeto pode apresentar. A semântica, em específico, dedica-se ao estudo da significação

⁷ Capítulo 2-A língua e a realidade: o mundo da autorreferência. Tópico 2.2.3: terceira clivagem fundamental: O indicador “eu” e os demais indicadores in: FLORES, Valdir do Nascimento. **Problemas gerais de linguística**. Petrópolis: Vozes, 2019, E-book.

linguística, isto é, ela analisa as questões do sentido que estão relacionadas com a língua.

As teorias sobre esse objeto, dentro dessas áreas, também se desdobram em diferentes olhares, divergindo com relação a diversos aspectos - o que é sentido, de onde ele surge, onde ele é radicado, etc.; dentro da área da semântica não poderia ser diferente, de forma que alguns teóricos argumentam a existência de “semânticas” que tem como ponto de partida de suas postulações o mesmo objeto de análise. Nenhuma das áreas consegue abarcar o sentido em toda sua completude, mas todas elas e suas várias interfaces, contribuem com novas posturas epistemológicas dentro de seus referenciais teóricos e novas formas de se compreender esse mesmo fenômeno humano.

No momento da fundação da Linguística, como uma ciência que se propunha a estudar a língua, a partir dos registros das aulas de Saussure, a base epistemológica que serviu a essa tarefa foi o Estruturalismo. Dessa forma, propondo-se a estudar a língua enxergando-a apenas nos limites de seu sistema, da sua estrutura ou ainda, de seu núcleo duro, as questões relativas ao sentido, as quais estavam ligadas a componentes sociais e históricos, foram convenientemente esquecidas, uma vez que a noção de língua que se tinha na época não era capaz de lidar com as discussões que os estudos sobre a significação poderiam suscitar.

Muita embora esse esquecimento tenha se perpetuado por muitos anos, Ferrarezi Júnior; Basso (2013) discorre sobre o que seria esse significado linguístico e afirma que essa questão se trata de: “[...] uma das mais antigas buscas do espírito humano”, acentuando a multidisciplinaridade da semântica e as suas estreitas relações com a Matemática, a Lógica e a Filosofia, áreas que também refletiam sobre a significação.

A inquietação própria dos estudos acerca do sentido fez com que estes fossem retomados por vários estudiosos; no Brasil, isso ocorreu nas décadas de 70 e 80, quando houve traduções de obras europeias e americanas, fazendo com que renascesse o interesse em torno do sentido e com que se desenvolvessem novas pesquisas e teorizações sobre ele. O projeto de pesquisa da *Norma Urbana Culta*, mais conhecido como NURC também estava presente nessa época, e os registros de gravações orais também foram estudados a nível semântico, fomentando, ainda mais, esse campo. No final dos anos 90, graças a todos esses estudos, já existiam obras de semântica produzidas e publicadas no Brasil. Hoje, como aponta o pesquisador

Rodolfo Ilari (2013, p.9), a semântica não é mais “a prima pobre” da Linguística, ela “está mais viva do que nunca”.

Ainda com base em Ferrarezi Júnior; Basso (2013, p.13), “a investigação do significado linguístico, em sua trajetória difusa e escapadiça própria do objeto que se busca abraçar, porém, rapidamente levou a análises que não são puramente gramaticais e, muitas vezes, nem puramente linguísticas”; dessa forma, existem múltiplas diretrizes na investigação do significado e segundo, Ilari (2013) cada uma, a partir de determinados pressupostos que as singularizam e os métodos usados, criam teorias que operam certos recortes dentro desse campo vasto que é a significação, decidindo, por exemplo, que problemas serão relevantes, que conceitos serão desenvolvidos para explicarem as perguntas basilares desse campo, entre outras decisões que vão interferir na maneira com que o mesmo objeto será concebido. Portanto, não há uma só forma de pesquisar esse tema, mas múltiplas lentes através das quais o sentido é visto.

Uma delas é a Semântica referencial ou formal; essa abordagem teórica submete a linguagem a um esquema lógico de proposições, de forma que fica estacionada no nível da análise de sentenças – mas especificamente na análise da composição dos julgamentos formais produzidos pelas operações dedutivas do raciocínio humano. Aquilo que se diz precisa corresponder a um conjunto de condições de verdades lógicas, conferindo um caráter referencial para as interpretações, isto é, é preciso verificar se o referente se encaixa nesse esquema matemático.

A Semântica formal foi responsável por retomar a relação entre a língua e o mundo, antes diluída nos estudos saussurianos, uma vez que estes focavam nos componentes estruturais da língua. Assim, o mundo passa a ter importância nos estudos de sentido novamente. No entanto, tal relação não é aprofundada, pois é o mundo verificável através das condições de verdade das proposições que interessa a essa abordagem, e não necessariamente, as relações mútuas existentes dentro do mundo percebido por um sujeito através do sistema simbólico que constitui a linguagem.

A interação, enquanto um processo importante para a significação, foi retomada pela semântica da enunciação, uma outra forma de abordar o sentido. Guimarães (2006) trabalha essa visão, pontuando que ela teve seu surgimento quando a semântica como um todo deixou de lado a preocupação com as mudanças

históricas do significado das palavras e começou a se preocupar com o significado no nível do enunciado; então, a partir disso, ela surge, levando em conta um sujeito linguístico, que se afirma pela língua, e histórico, já que quando fala, põe a língua em funcionamento num uso específico (situado). Dessa forma, a relação do que o indivíduo fala, daquilo que ele fala, no momento em que ele fala e da sua interação com o outro, é o que faz emergir sentidos.

Percebe-se então, que o sujeito se dilui e a língua se fortalece, pois ela o determina, uma vez que lhe imprime marcas sociais ao seu dizer. “A significação diz respeito a uma relação das palavras, das frases com o acontecimento (sócio-historicamente) em que ocorrem [...]” Guimarães (2006, p.123). Ou seja, o processo de significação está amarrado a certas condições de produção e o sujeito que fala, não fala sozinho, carrega consigo esses vários dizeres que o permitem inscrever-se no mundo. Assim, o sentido não está somente contido na intenção de quem fala, mas na interação entre interlocutores que, de forma cooperativa, operam a significação.

Percebe-se, portanto, que os estudos em torno do sentido/significado, semiótico/semântico sempre interessou aos estudiosos, porém, é no campo da Enunciação que esses aspectos são aprofundados. Por meio desse ponto de vista, percebe-se que os conceitos de semiótica e semântica foram de interesse dos estudiosos da língua, conforme afirmou Émile Benveniste, em seu estudo *A Semiologia da Língua* (1969). Primeiro, o autor cita Saussure e Peirce, os quais não se conheciam, mas contribuíram para a compreensão da ciência dos signos. Esse tópico já havia sido abordado um tempo antes, por Saussure, entretanto, é Benveniste o pioneiro a sistematizar o signo e transformá-lo em um objeto de conhecimento a ser estudado numa relação semiológica.

Na perspectiva de Peirce, para compreender um determinado signo, precisaria dividi-lo em: *Índice* quando há a relação de proximidade do signo com a realidade exterior, por exemplo, tempo nublado/ vai chover. Já o *Ícone* apresenta elementos que se assemelha ao elemento que representa, enquanto o *Símbolo* perpassa a representação de um determinado objeto de maneira convencional, isto é, entre o símbolo e o elemento simbolizado, há semelhança. Contudo, esse desmembramento proposto pelo linguista, de acordo com Benveniste (1969), não seria suficiente para compreender a semiologia da língua de forma sistemática.

Assim, segundo Benveniste (1969), vai interessar compreender o papel da língua diante de outros sistemas semiológicos e o porquê de ela ser o principal desses

sistemas: “Nenhum sistema semiótico é capaz de se tomar, ele próprio, como objeto, nem de se descrever em seus próprios termos.” Isto é, a semiótica refere-se ao mundo fechado dos signos linguísticos, ou seja, ao significado do sistema linguístico, dessa maneira, as relações que se desenvolvem entre os signos são paradigmáticas, pelo que todo signo linguístico tem sempre um valor genérico. Por isso, para o autor é fundamental diferenciar o *semântico* e o *semiótico*, visto que a forma e o sentido, na linguagem, não faz parte da mesma instância.

Dessa forma, enquanto a semiótica está para o signo, a semântica refere-se ao significado da linguagem na instância do discurso, ou seja, o significado do discurso da linguagem. As relações já não se estabelecem entre signos, mas entre palavras, e são sintagmáticas, pelo que cada palavra tem sempre um valor particular, específico e circunstancial, que deve ser compreendido. Assim, Benveniste chegou à conclusão de que a linguagem é composta de duas partes distintas. Cada parte deve usar suas próprias ferramentas de pensamento. O significado requer novas ferramentas, conceitos e definições, que envolve as reflexões do linguista sobre a apresentação:

A língua é o único sistema em que a significação se articula assim em duas dimensões. Os outros sistemas têm uma significância unidimensional: ou semiótica (gestos de cortesia; mudrãs), sem semântica; ou semântica (expressões artísticas), sem semiótica. O privilégio da língua é de comportar simultaneamente a significância dos signos e a significância da enunciação. Daí provém seu poder maior, o de criar um segundo nível de enunciação, em que se torna possível sustentar propósitos significantes sobre a significância. É nesta faculdade metalinguística que encontramos a origem da relação de interpretância pela qual a língua engloba os outros sistemas (Benveniste, 1989, p. 66-67)

Dessa maneira, é interessante pensar, por sua vez, que a semiologia da linguagem designa outros sistemas, o que acontece a partir do modo como ela se apresenta. Não há, portanto, diferença semântica entre o significado semiótico e o significado de um texto em outro. No entanto, o mesmo não pode ser dito para sistemas não linguísticos. Para Benveniste (1989): “Quem diz 'semiótico' diz 'intralingüístico'.

Cada signo tem de próprio o que o distingue dos outros signos. Ser distintivo e ser significativo é a mesma coisa”. (p. 227-228). Isto é, no sistema semiológico, o que se diz por meio de um signo não pode ser dito por outro. No capítulo *A forma e o Sentido na Linguagem*, Benveniste também complementa: “É no uso da língua que

um signo tem existência; o que não é usado não é signo; e fora do uso o signo não existe” (1989, p. 227). Nesse sentido, Benveniste aproxima-se mais de Saussure do que de Pierce na concepção de signo.

No que diz respeito ao signo, “as definições e classificações de signo formuladas por Peirce são logicamente gerais, quase matemáticas. O nível de abstração exigido para compreendê-las é, sem dúvida, elevado.” (Santaella, 2007, p. 12). Desta forma, o signo atua como um símbolo que abrange uma ideia mais ampla, ou seja, ele simboliza um conjunto. Nesse sentido, Peirce explora o conceito de signo através de três abordagens distintas, as quais, ao longo das expressões linguísticas, se entrelaçam e servem como base para a análise da semiótica em suas diferentes profundidades.

Apesar de possuírem atributos diferentes, o signo linguístico e o signo literário têm uma conexão profunda entre si. A literatura utiliza a linguagem como seu principal instrumento de comunicação, porém, vai além das fronteiras da linguagem cotidiana, explorando de modo criativo e expressivo todas as suas potencialidades. O foco desta pesquisa, então, é analisar como os signos plenos esvaziam-se do seu sentido “original” para compor uma nova significação no texto literário. Por exemplo, no romance *São Bernardo*, Honório costuma atribuir sentido distintos a alguns signos, como podemos ver a seguir: “Efetuei **transações** arriscadas [...]” (p.32).

Habitualmente, *transações* tem a ver com negociação, no entanto, na enunciação de Honório, além da conotação financeira, esse signo também faz referências às atitudes do personagem que, para alcançar os próprios objetivos, acabou se aproveitando da morte do amigo, Mendonça, para ficar com as terras dele, especificando que a família enlutada sequer teve a oportunidade de reaver o feito, como o próprio narrador afirma “— *Minhas senhoras, seu Mendonça pintou o diabo enquanto viveu. Mas agora é isto. E quem não gostar, paciência, vá à justiça. Como a justiça era cara, não foram à justiça.*” (Ramos, p.32).

Na enunciação do narrador, percebe-se que os signos plenos vão alcançando significações que vão além daquele já posto pelas dicionarizações, isso releva, portanto, uma complexidade no que tange à construção desse protagonista, o qual se faz e se refaz, revelando-se tanto para si mesmo quanto para aqueles que apreciam a leitura da obra literária. São essas nuances que propiciam a distinção entre discurso poético e discurso literário. Segundo Vier (2020, p.7):

Assim, a palavra é o material do poeta enquanto palavra-material. Porque material, a palavra é utilizada tendo em vista, conforme a escrita de Benveniste, pelo menos, dois efeitos: seu efeito musical no verso e no poema, e seu efeito visual na disposição da página. Ou seja, espera-se que a palavra gere um efeito poético porque material do poeta. Além disso, porque material, a palavra, ao explorar as imagens, constitui um discurso. Ou seja, “o discurso será construído então sobre as imagens /e ele unirá essas imagens produzidas em palavras em uma proposta coerente”.

Nesse sentido, o discurso literário, de maneira geral, permite uma exploração mais ampla da linguagem e da narrativa, ou seja, a expressão literária abarca uma grande diversidade de estilos, temas e técnicas, refletindo a pluralidade das experiências e perspectivas humanas. É indicativo da organização e do funcionamento da significância da linguagem no texto literário. No discurso poético, especificamente, há a perspectiva artística dos signos plenos, de forma criativa, visto que, no poético, os sentidos podem ser ressignificados e reconstruídos, revelando as propriedades da linguagem que podem ser ricas em imagens metafóricas e simbolismos, a qual pode despertar emoções, transmitir significados profundos e explorar a musicalidade e cadência das palavras.

2.4 O aparelho formal da enunciação: implicações para abordagem da autorreferência no texto literário

Segundo Benveniste, O aparelho formal da enunciação refere-se aos elementos que são significativos ao ato enunciativo, como os enunciatários (eu e o tu) os quais se referem ao sujeito falante ou escritor que realiza o ato de enunciação, bem como ao destinatário do discurso, o ouvinte ou leitor para quem o discurso é direcionado, respectivamente.

[...] desde que ele se declara locutor e assume a língua, ele implanta o outro diante de si, qualquer que seja o grau de presença que ele atribua a este outro. Toda enunciação é, explícita ou implicitamente, uma alocação, ela postula um alocutário (Benveniste, 1989, p.84).

Além desses dois componentes, Benveniste destaca a presença de outros elementos que constituem o "aparelho formal da enunciação", como o referente (aquilo de que se fala), o contexto situacional, o código linguístico compartilhado entre o locutor e o interlocutor, e os mecanismos de referência, como pronomes e expressões referenciais. Flores (2019) afirma que

A oposição pessoa/não pessoa se deve à diferença de referência que existe entre elas. O “eu” e o “tu” referem à realidade de discurso que

os contém, isto é, referem a si mesmos, são autorreferenciais; o “ele”, por não referir o seu próprio emprego, por poder se aplicar a qualquer coisa, a qualquer “realidade” que independa da enunciação, refere ao cognitivo da língua. A diferença é a relação com a enunciação.

Esses componentes do "aparelho formal da enunciação" são essenciais para que a comunicação linguística ocorra de maneira efetiva, pois primeiro o indivíduo se apropria do aparelho formal para depois inseri-lo na instância discursiva. Eles possibilitam que o locutor expresse suas intenções, relacione-se com o interlocutor e faça referência a objetos, eventos ou pessoas presentes no mundo real ou no mundo discursivo. Dessa forma, o conceito de "aparelho formal da enunciação" de Benveniste destaca a importância dos componentes estruturais e contextuais envolvidos na enunciação e contribui para a compreensão do processo comunicativo na linguagem. Dessa maneira, o campo dos pronomes não se trata de um elemento, mas, sim, trata-se de expressões que apontam para referentes textuais, retomando-os ou não, e contribuindo para a progressão referencial.

No domínio da literatura, a autorreferência é uma ferramenta amplamente utilizada para criar um senso de realidade em obras fictícias e para dar vida aos personagens. No caso do personagem Paulo Honório, em "São Bernardo", de Graciliano Ramos, a autorreferência é usada de maneira extensa para construir a complexidade do personagem. Segundo Benveniste (1966), a enunciação não é apenas o ato de produzir um enunciado, mas também inclui os aspectos discursivos que moldam o significado desse enunciado. Assim, quando Paulo Honório se refere a si mesmo na narrativa, ele não está apenas falando sobre si mesmo; ele está construindo sua identidade através de suas palavras.

Referir a si, por meio dos signos vazios, é o que podemos chamar, segundo Flores (2019) de autorreferência, a qual pode desempenhar um papel crucial na construção de Paulo Honório em "São Bernardo". Ao se referir a ele mesmo na narrativa, o protagonista não só constrói sua identidade, mas também revela sua complexidade como personagem. Logo, uma análise enunciativa da construção do personagem de Graciliano Ramos, com foco na autorreferência como mecanismo linguístico e literário, é crucial para compreender a construção do narrador, bem como a expressão da personalidade complexa e contraditória apresentada por ele.

Ou seja, a obra "São Bernardo" destaca como Paulo Honório usa a autorreferência para construir sua identidade como um homem poderoso e bem-

sucedido. Ao longo do romance, ele constantemente enfatiza seu status e suas realizações, reforçando sua autoimagem como um indivíduo dominante. Além disso, a partir da autorreferência, podemos afirmar que o protagonista também revela suas lutas internas e contradições. Embora ele se apresente como confiante e seguro por fora, suas referências frequentes ao seu passado difícil indicam uma profunda insegurança e ansiedade.

3. METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho será baseada em uma análise enunciativa da obra *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, com foco especial na personagem Paulo Honório. A partir das discussões de Benveniste, vamos alicerçar a análise do corpus na autorreferência que, apesar de não ser um conceito fechado desenvolvido por ele, essa perspectiva teórica perpassa todo arcabouço teórico e não-linear do autor. (Flores, 2019).

Para realizar essa análise, será feita uma leitura cuidadosa e atenta do romance, identificando, nos trechos selecionados, as instâncias de autorreferência feitas por Paulo Honório e como essa personagem consegue fazer referência a si mesmo ou à própria obra dentro do texto. Neste caso, vamos analisar como o protagonista constrói sua imagem por meio da autorreferência e como isso afeta o discurso narrativo.

Após essa etapa inicial de coleta de dados, os exemplos identificados serão categorizados e analisados do ponto de vista enunciativo. Isso envolve examinar o contexto discursivo em que a autorreferência ocorre, as intenções da personagem ao se referir a si mesma e as implicações dessa autorreferencialidade para o desenvolvimento da narrativa.

Quanto ao método de análise, esta pesquisa se enquadra no que concebemos por *pesquisa qualitativa* que, segundo Fonseca (2002), não tem como objetivo apresentar uma expressão numérica, mas, sim, trabalha para objetivar um fenômeno sobre o qual se debruça, procurando descrever, analisar, explicar e apreender, com precisão, os dados empíricos.

Dessa forma, podemos afirmar que esse tipo de pesquisa investiga resultados fidedignos, trabalhando para construir um universo de significados para as ações humanas. Para cumprir esse propósito, adotou-se como estratégia metodológica, a pesquisa bibliográfica, visto que se trata de uma leitura minuciosa de textos teóricos a fim de fundamentar a análise de dados de cunho descritivo, empíricos e com enfoque direcionado a uma teoria específica. Segundo Fonseca (2002):

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos e páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que

permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (p. 32).

Ou seja, a pesquisa bibliográfica contribui para a reflexão a respeito das possíveis interpretações e dos sentidos que podem ser explorados a partir da leitura literária de *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, *corpus* desta pesquisa. Portanto, por meio de um arcabouço teórico, que perpassa os estudos da enunciação, bem como os estudos literários sobre o romance selecionado, escolhemos realizar uma *investigação teórica de natureza qualitativa e interpretativa*. Por meio dessa abordagem, analisamos a reflexão semiológica e enunciativa de Émile Benveniste, procurando identificar elementos que nos ajudassem a compreender a importância da autorreferência na construção do discurso literário presente no romance "São Bernardo", de Graciliano Ramos.

A edição escolhida foi a da editora Record, do ano de 2006, visando analisar as discussões suscitadas a partir da *Enunciação*, perspectiva de Émile Benveniste, bem como verificar como se dá o processo de autorreferência do narrador-personagem da obra, isto é, Paulo Honório, e como ele consegue estabelecer relações de hierarquização e de poder sobre os demais participantes da narrativa.

Para isso, instituiremos hipóteses a respeito dos fatos contados pelo narrador que, nesta obra, também é personagem, bem como se esses revelam ou não elementos biográficos vividos pelo autor da obra, no caso Graciliano Ramos. Para tanto, contextualizaremos as situações descritas, descreveremos os trechos retirados da obra destacando as estratégias semiológicas-discursivas da obra, enfatizando a autorreferencialidade do protagonista ao relatar a própria história, a fim de embasar a construção das análises que aqui serão empreendidas.

Para o desenvolvimento da análise proposta neste trabalho, a pesquisa bibliográfica torna-se imprescindível, visto que se trata de uma leitura minuciosa de textos teóricos a fim de analisar dados de cunho descritivo, empíricos e com enfoque direcionado a uma teoria específica, que neste caso, é a Enunciação. Procurou-se, também, mediante o método descritivo, qualitativo e comparativo, refletir a respeito das possíveis interpretações e dos sentidos que podem emergir por parte de um enunciador que conta, vive e escreve os fatos. Posteriormente à coleta de dados, será feita a descrição e comparação dos textos com o intuito de observar os signos plenos

relacionados à enunciação do narrador e o que essas escolhas implicam nos estudos sobre a autorreferência propostos por Benveniste.

Após essa etapa inicial de coleta de dados, os exemplos identificados serão categorizados e analisados do ponto de vista enunciativo. Isso envolve examinar o contexto discursivo em que a autorreferência ocorre, as intenções da personagem ao se referir a si mesma e as implicações dessa autorreferencialidade para o desenvolvimento da narrativa.

A análise dos dados será realizada com base no modelo teórico proposto por Benveniste(1958, 1966); Flores (2013, 2019) e Ferreira Júnior (2014), os quais oferecem ferramentas conceituais para entender os diversos aspectos da enunciação não só no âmbito linguístico, mas também literário. Além disso, serão consultados outros críticos literários e teóricos da literatura para enriquecer a análise e fornecer diferentes perspectivas sobre o tema como, por exemplo, Candido (2006) Marques (2017) e o próprio Graciliano Ramos no conjunto de cartas publicado em 2022 pela editora Record, nas quais, o autor reflete sobre o seu próprio ato de escrita, detalhando como foram construídas as principais personagens dele, incluindo, Paulo Honório, o qual é o foco deste trabalho.

Para garantir a confiabilidade dos resultados, será feita uma triangulação dos dados, que envolve comparar as conclusões tiradas da análise enunciativa com outras fontes de informação, como críticas literárias e estudos acadêmicos sobre a obra de Graciliano Ramos. Como a obra São Bernardo conta com 12 personagens, portanto, a fim de que as análises aqui empreendidas sejam eficazes, segue, abaixo, uma tabela descritiva sobre os participantes da narrativa e suas respectivas funções na obra.

QUADRO DOS PERSONAGENS E A RELAÇÃO DESTES COM PAULO HONÓRIO

PERSONAGENS DA OBRA	FUNÇÕES NA NARRATIVA	TRECHOS COLETADOS NA OBRA EM QUE AS RESPECTIVAS PERSONAGENS APARECEM.

Paulo Honório	Narrador-personagem da obra. Ele é um homem rude e pretensioso que manipula ações e pessoas a fim de mostrar-se venturoso nos negócios. Esse personagem enxerga as relações interpessoais como meras transações financeiras, reificando, portanto, os próprios vínculos.	“Sou, pois, o iniciador de uma família, o que, se por um lado me causa alguma decepção, por outro lado me livra da maçada de suportar parentes pobres, indivíduos que de ordinário escorregam com uma sem vergonha da peste na intimidade dos que vão trepando.” (p.11)
Negra Margarida	Cuidadora de Paulo Honório desde a infância, mas que, hoje, segundo o protagonista, custa-lhe “dez mil-réis por semana.”	“Lembro-me de um cego que me puxava as orelhas e da velha Margarida, que vendia doces. O cego desapareceu. A velha Margarida mora aqui em S. Bernardo, numa casinha limpa, e ninguém a incomoda. Custa-me dez mil-réis por semana, quantia suficiente para compensar o bocado que me deu. Tem um século, e qualquer dia destes compro-lhe mortalha e mando enterrá-la perto do altar-mor da capela.” (p.11)
Mendonça	Advogado e proprietário de uma fazenda próxima a São Bernardo. Este personagem é assassinado para que Honório possa apropriar-se das terras.	“No outro dia, sábado, matei o carneiro para os eleitores. Domingo à tarde, de volta da eleição, Mendonça recebeu um tiro na costela mindinha e

		bateu as botas ali mesmo na estrada, perto de Bom-Sucesso. No lugar há hoje uma cruz com um braço de menos. Na hora do crime eu estava na cidade, conversando com o vigário a respeito da igreja que pretendia levantar em S. Bernardo. Para o futuro, se os negócios corressem bem. — Que horror! exclamou padre Silvestre quando chegou a notícia. Ele tinha inimigos? — Se tinha! Ora se tinha! Inimigo como carrapato. Vamos ao resto, padre Silvestre. Quanto custa um sino?” (p.26-27).
--	--	--

Madalena	Uma mulher letrada, inteligente que exerce a função de professora na cidade, mas que se casa com Paulo Honório, o qual é completamente diferente dela. Dessa maneira, ambos têm vários desentendimentos ao longo da narrativa, principalmente após a chegada do herdeiro de São Bernardo, filho do casal. O ápice desse núcleo narrativo é quando a personagem, devido ao ciúme exacerbado do marido, suicida-se.	“— O seu oferecimento é vantajoso para mim, seu Paulo Honório, murmurou Madalena. Muito vantajoso. Mas é preciso refletir. De qualquer maneira, estou agradecida ao senhor, ouviu? A verdade é que sou pobre como Jó, entende? — Não fale assim, menina. E a instrução, a sua pessoa, isso não vale nada? Quer que lhe diga? Se chegarmos a acordo, quem faz um negócio supimpa sou eu.” (p.66)
Lúcio Gomes de Azevedo Gondim	Jornalista, redator e diretor do Cruzeiro e amigo de Paulo Honório, Gondim é encarregado, no início da narrativa, de escrever a história proposta pelo melhor amigo, porém, a erudição utilizada na escrita faz com que Honório se irrite, causando conflitos entre os dois.	“— O que admira é padre Silvestre desejar a revolução, disse Nogueira. Que vantagem lhe traria ela? — Nenhuma, respondeu o vigário. A mim não traria vantagem. Mas a coletividade ganharia muito. — Esperem por isso, atalhou Azevedo Gondim. Os senhores estão preparando uma fogueira e vão assar-se nela.— Literatura! resmungou Padilha.— Literatura não, gritou Azevedo Gondim. Se rebentar a encrenca, há de

		sair coisa boa, hem, Nogueira? — O fascismo. — Era o que vocês queriam. Teremos o comunismo. D. Glória benzeu-se e seu Ribeiro opinou: — Deus nos livre.” (p.95).
Salustiano Padilha	Ex-patrão de Paulo Honório.	“Meu antigo patrão, Salustiano Padilha, que tinha levado uma vida de economias indecentes para fazer o filho doutor, acabara morrendo do estômago e de fome sem ver na família o título que ambicionava. Como quem não quer nada, procurei avistar-me com Padilha moço (Luís). Encontrei-o no bilhar, jogando bacará, completamente bêbedo. Está claro que o jogo é uma profissão, embora censurável, mas o homem que bebe jogando não tem juízo. Aperuei meia hora e percebi que o rapaz era pexote e estava sendo roubado descaradamente.” (p.14).
Luís Padilha	Vivia jogando bilhar e pegando dinheiro emprestado para alimentar o que, ironicamente,	“Agora as cercas de Bom-Sucesso iam comendo S. Bernardo. Dirigi-me à casa-

	Paulo Honório chama de “profissão”. Padilha era proprietário de São Bernardo até o dia em que não pôde pagar uma dívida com Honório, o qual ameaça tomar as terras, o que, posteriormente, acabou acontecendo devido ao não pagamento do débito.	grande, que parecia mais velha e mais arruinada debaixo do aguaceiro. Os muçambês não tinham sido cortados. Apeeime e entrei, batendo os pés com força, as esporas tinindo. Luís Padilha dormia na sala principal, numa rede encardida, insensível à chuva que açoitava as janelas e às goteiras que alagavam o chão. Balancei o punho da rede.” (p.17)
Casimiro Lopes	Uma espécie de capataz de São Bernardo.	“Casimiro Lopes é coxo e tem um vocabulário mesquinho. Julga o mestre-escola uma criatura superior, porque usa livros, mas para manifestar esta opinião arregala os olhos e dá um pequeno assobio. Gagueja. No sertão passava horas calado, e quando estava satisfeito, aboiava. Quanto a palavras, meia dúzia delas. Ultimamente, ouvindo pessoas da cidade, tinha decorado alguns termos, que empregava fora de propósito e deturpados. Naquele dia, por mais que forcejasse, só conseguia dizer que as onças

		são bichos brabos e arteiros.” (p.41).
Dona Glória	Tia de Madalena, esposa de Paulo Honório.	“D. Glória não conhecia S. Bernardo, e essa ignorância me ofendeu, porque para mim S. Bernardo era o lugar mais importante do mundo.” (p.55).
Seu Ribeiro	Guarda- livros de São Bernardo, ele era considerado como uma pessoa muito sábia, ficando incumbido de ler cartas e recados que chegavam à propriedade.	“Todos acreditavam na sabedoria do major. Com efeito, seu Ribeiro não era inocente: decorava leis, antigas, relia jornais, antigos, e, à luz da candeia de azeite, queimava as pestanas sobre livros que encerravam palavras misteriosas de pronúncia difícil. Se se divulgava uma dessas palavras esquisitas, seu Ribeiro explicava a significação dela e aumentava o vocabulário da povoação.” (p.28).
Dr. Magalhães	Juiz de Viçosa.	“Eu não gosto de literatura, disse o dr. Magalhães. Folheeí algumas obras antigamente. Hoje não. Desconheço tudo isso. Sou apenas juiz, pchiu! juiz.” (p.48).

Padre Silvestre	Representante religioso da cidade.	“Padre Silvestre estirou o beijo inferior e amoitou-se. As opiniões dele são as opiniões dos jornais. Como, porém, essas opiniões variam, padre Silvestre, impossibilitado de admitir coisas contraditórias, lê apenas as folhas da oposição. Acredita nelas. Mas experimenta às vezes dúvidas. Elas juram que os homens do governo são malandros, e ele conhece alguns respeitáveis. Isso prejudica as convicções que a letra impressa lhe dá. Necessitando acomodar as suas observações com as afirmações alheias, acha que os políticos, individualmente, são criaturas como as outras, mas em conjunto são uns malfeitores.” (p.94).
João Nogueira	Amigo de Paulo Honório.	“A coisa se deu assim. Depois do meu telegrama (lembra-se: o telegrama em que recusei duzentos mil-réis àquele pirata), a Gazeta entrou a difamar-me. A princípio foram mofinas cheias de rodeios, com muito

		vinagre, em seguida o ataque tornou-se claro e saíram dois artigos furiosos em que o nome mais doce que o Brito me chamava era assassino. Quando li essa infâmia, armei-me de um rebenque e desci à cidade. — O que o senhor deve fazer é processá-lo, aconselhou João Nogueira. É fácil metê-lo na cadeia. — E querendo defender-se, tem cá o Cruzeiro, insinuou Azevedo Gondim. Pode escrever. Ou então escrevo eu, ou escreve o Nogueira. Infelizmente o Cruzeiro circula pouco. Mas é o que temos. Disponha. — Obrigado, Gondim; obrigado, dr. Nogueira. Depois resolvemos. Não vale a pena quebrar a cabeça com uma tolice dessa. E ficamos no hotel até onze da noite, jogando dominó a tostão o tento.” (p.53).
Arquimedes	Tipógrafo.	“Padre Silvestre ficaria com a parte moral e as citações latinas; João Nogueira aceitou a pontuação, a ortografia e a sintaxe; prometi ao Arquimedes a composição

		tipográfica; para a composição literária convidei Lúcio Gomes de Azevedo Gondim, redator e diretor do Cruzeiro. Eu traçaria o plano, introduziria na história rudimentos de agricultura e pecuária, faria as despesas e poria o meu nome na capa.”
--	--	--

Fonte: elaborado pela autora, 2024.

O romance de Graciliano possui 36 capítulos e muitos personagens, portanto, não há como investigar, minuciosamente, cada pessoa mencionada no enredo, logo, para realizar esta análise, será feita uma leitura cuidadosa e atenta da obra, identificando as instâncias de autorreferência feitas por Paulo Honório, protagonista da ficção.

Nesse sentido, o quadro acima tem o intuito de sinalizar as personagens, que aparecem ao longo da narrativa, bem como busca demonstrar alguns contextos enunciativos em que elas são mencionadas pelo narrador, mas, para efeito de análise, a pesquisa irá concentrar-se, apenas, no discurso do protagonista que, em diversas situações, envolve as figuras destacadas acima. Na enunciação do narrador, vamos analisar aspectos autorreferenciais em três momentos centrais na obra:

- 1) *Na enunciação dele ao contar como adquiriu a fazenda São Bernardo;*
- 2) *Na interlocução entre ele e a esposa Madalena;*
- 3) *No monólogo interior da personagem ao passar de símbolo da oligarquia rural a um narrador-escritor em crise existencial e declínio de poder.*

Após essa etapa inicial de coleta de dados, os exemplos identificados serão categorizados e analisados do ponto de vista enunciativo. Dentre esses enfoques do campo da enunciação, destacaremos como se dá o movimento de autorreferência marcada tanto pelos signos plenos (substantivos, verbos e advérbios) como também pelo signo vazio *eu*, que, na realidade discursiva, ganha referencialidade, apontando para aquele que enuncia. A autorreferencialidade, na enunciação da personagem Paulo Honório, enquanto conta a própria história enquanto personagem, dialoga com a autoimagem contraditória dele. Então, é nessa relação semiológica-enunciativa, que

encontramos um narrador que humaniza coisas e coisifica pessoas, tratando-as com atos cruéis e egoístas como se fossem uma “extensão direta” da fazenda São Bernardo, logo, pertencentes a ele.

Diante disso, por meio da análise de trechos dos capítulos, busca-se examinar o contexto discursivo em que a autorreferência ocorre, as intenções da personagem ao se referir a si mesma e as implicações dessa autorreferencialidade para o desenvolvimento da narrativa. Por conseguinte, a análise dos dados será realizada com base no modelo teórico proposto Benveniste que fez diversas contribuições às ciências da linguagem, as quais também servirão para embasamento da obra aqui empreendida, oferecendo ferramentas conceituais para entender os diversos aspectos da enunciação no discurso literário.

4. A ANÁLISE DOS DADOS:

O objetivo deste capítulo consiste em apresentar, brevemente, algumas mudanças históricas, entre os séculos XIX e XX, que influenciaram, diretamente, nas temáticas do Movimento Modernista do Brasil, principalmente, aquele período que corresponde a 1930 a 1945, no qual, cronologicamente, a obra *São Bernardo* (1934) está inserida. Além disso, busca-se contextualizar a vida do autor, Graciliano Ramos, bem como o lugar desse romance no vasto repertório literário dele. Por fim, serão analisados os trechos recortados da narrativa, destacando o movimento de autorreferencialidade no discurso da personagem principal, o qual é perpassado demasiadamente pela subjetividade e introspecção.

4.1 As inovações da passagem do século XIX para o XX

Antes da verificação dos dados propriamente ditos, vale ressaltar o contexto no qual a obra e o autor estão inseridos. Sabe-se que a transição do século XIX para o século XX foi crucial para a consolidação da leitura no mundo ocidental. De acordo com Fischer (2006), houve um aprimoramento na qualidade do papel, nas encadernações do livro e na ampliação do público leitor. Todas essas transformações foram decorrentes das revoluções que aconteceram no final do século do século XVIII para o XIX, como a Revolução Americana, a Industrial e a Revolução Francesa.

Além disso, tivemos também a invenção da energia a vapor, que impulsionava o funcionamento das fábricas. Com essas modernidades, a Europa crescia demasiadamente, ampliando cada vez mais o nível médio de alfabetização da sociedade. Ainda de acordo o teórico, podemos ver que a leitura, mesmo com todas essas mudanças sociais, a leitura em voz alta continuou presente nas famílias, podemos citar, dessa maneira, o relato de Jane Austen, que, segundo Fischer (2006) sempre teve à sua disposição uma maravilhosa biblioteca, tanto no internato onde foi estudar, quanto na sua própria casa.

No Brasil, Schwarcz (2002) conta como a corte portuguesa interferiu diretamente no processo de ampliação da leitura. No século XIX, por exemplo, houve entre 1889 a 1930, o advento da imprensa, a proliferação dos gabinetes de leitura, das livrarias, tipografias e até das editoras. (Castro, 2015). A república começava a diversificar as práticas legentes. Dentre as bibliotecas da época, podemos citar a *Biblioteca Real* (1818), a *Biblioteca Fluminense* (1847), a *Biblioteca Nacional* (1858).

Em Pernambuco, a lei nº 293 criava a primeira *Biblioteca Provincial* (1852). Em 1837, o Colégio Dom Pedro II nascia com o intuito de somar ao que compreendemos, hoje, como educação básica, lá, aulas de literatura, filosofia, história, retórica, álgebra, etc., eram ministradas com pretensões civilizatórias.

Na Literatura, os autores como *Machado de Assis*, *Raul Pompéia*, *José de Alencar*, *Visconde de Taunay*, *Bernardo Guimarães*, *Castro Alves*, dentre outros, foram autores que, com trabalho árduo, devido ao preço das publicações, conquistaram espaço na vida dos leitores do século XIX, com temáticas indígenas, mesmo idealizadas, visão romantizada da escravização, bem como críticas à burguesia, nesse caso, o nome célebre de Machado de Assis ganha destaque, sendo, até hoje, considerado um gênio. (Bosi, 2021).

Segundo Sodré (1969), as transformações sociais eram ainda mais estonteantes no Brasil. Tivemos, segundo o autor, ascensão da "grande imprensa", com as transformações econômicas, sociais e políticas, substituição dos jornais de estruturas simples e novos processos de produção. No início do século XX, 1901, Veríssimo torna-se um crítico militante, atraindo um grande público leitor, Euclides da Cunha publica, em 1902, *Os Sertões*, uma das obras mais emblemáticas da literatura brasileira, considerando a análise minuciosa da guerra de Canudos. Esse período também marca a mudança de endereço da Biblioteca Nacional, a reafirmação de Lima Barreto como um crítico que utilizava a literatura como um protesto. Nesse contexto, o *Jornal do Comércio* (1911) publica, em folhetim, a obra de Barreto *Triste Fim de Policarpo Quaresma*.

Com a Semana de Arte Moderna, de 1922, a concepção de arte genuinamente brasileira começa a aflorar os pensamentos da época. Idealizada por Graça Aranha, que era vinculado à Academia de Letras, SAM, durou apenas três dias, devido a não aceitação do ponto de encontro das novas tendências artísticas por parte do público. (Bosi, 2021). Contudo, esse pontapé inicial resultou no surgimento de autores que são, até hoje, essenciais ao intelecto brasileiro, *Mário de Andrade*, *Oswald de Andrade*, *Manuel Bandeira*, *Carlos Drummond de Andrade*, *Clarice Lispector*, *João Cabral de Melo Neto*, *José Lins do Rego*, *Graciliano Ramos*, *Raquel de Queiroz*, *Cecília Meireles*, *Murilo Mendes*, *Vinícius de Moraes* e tantos outros. Esses autores, com seus respectivos escritos, influenciaram gerações, ampliaram a nossa cultura, despertando a necessidade de ler, sobretudo, essas obras que são magnificamente clássicas à identidade brasileira.

4.2 Contextualização geral da obra São Bernardo de Graciliano Ramos

Após o impacto da semana de artes, houve uma maturação quanto às publicações de romances. Após 1940, segundo Carpeaux, inicia-se uma perspectiva antimoderna nos enredos publicados, principalmente, no que diz respeito às obras de Graciliano Ramos, pois o que predomina, na construção literária do autor, não são as pautas da modernidade, essas eram o rompimento do racionalismo estético que acompanhava as obras desde 1922. A pauta de Ramos era aproximar o público leitor às realidades sociais presentes no Brasil, principalmente, no que diz respeito ao Nordeste. Percebemos isso quando nos deparamos com esta passagem do autor, em uma entrevista ao Jornalista Joel Silveira:

Batem o pano na laje ou na pedra limpa, e dão mais uma torcida e mais outra, torcem até não pingar do pano uma só gota. Somente depois de feito tudo isso é que elas dependuram a roupa lavada na corda ou no varal, para secar. Pois quem se mete a escrever devia fazer a mesma coisa. A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso; a palavra foi feita para dizer. (Graciliano Ramos in Marques, 2017, p.77).

Nesse trecho, Graciliano Ramos compara o processo de escrita ao ofício de uma lavadeira, isto é, ele afirma que as palavras, para aqueles que se propõem a escrever, não devem servir para massagear egos, enfeitar e/ou impressionar pela beleza, pois a função das palavras no texto é ser compreendida elucidando o discurso. Em *São Bernardo*, por exemplo, o narrador Paulo Honório, incorpora uma reflexão metanarrativa, na qual, ele discute o ato de escrever e a melhor forma que a história de vida dele deve ser apresentada ao leitor, essa característica de Graciliano é muito peculiar e se estende por diversos escritos do escritor, os quais, muitas vezes, são uma linha tênue entre a ficção e a vida pessoal do autor. Dessa maneira, deve-se também ressaltar alguns aspectos biográficos desse grande nome da literatura brasileira.

Graciliano Ramos de Oliveira nasceu em Quebrângulo, no estado de Alagoas, no ano de 1892. O autor era filho de pais bastante rígidos, como ele mesmo afirmou no livro autobiográfico *Infância*, o qual foi publicado em 1945. O romancista conta que a mãe costumava espancá-lo, muitas vezes, sem nenhum motivo ou por motivo pífido, assim como ele descreve no conto “Um cinturão”, do livro acima mencionado: “Certa vez minha mãe surrou-me com uma corda nodosa que me pintou as costas de

manchas sangrentas.” (p.18). Esse trecho demonstra o quanto Graciliano, ou como o alcunharam, “Graça”, sofreu durante a construção da infância/adolescência. Ainda nessa fase da vida, o autor afirma, no mesmo conto, que o pai também não era fácil de lidar:

Ninguém veio, meu pai me descobriu acorrido e sem fôlego, colado ao muro, e arrancou-me dali violentamente, reclamando um cinturão. Onde estava o cinturão? Eu não sabia, mas era difícil explicar-me: atrapalhava-me, gaguejava, embrutecido, sem atinar com o motivo da raiva. Os modos brutais, coléricos, atavam-me; os sons duros morriam, desprovidos de significação. Não consigo reproduzir toda a cena. Juntando vagas lembranças dela a fatos que se deram depois, imagino os berros de meu pai, a zanga terrível, a minha tremura infeliz. Provavelmente fui sacudido. O assombro gelava-me o sangue, escancarava-me os olhos. (Ramos, 2022).

Percebe-se nesse trecho acima o quão difícil foi a infância do autor, a qual foi permeada de muita violência. Aos 7 anos, durante o primário, na cidade de Buíque, segundo Marques (2017), o autor leu a obra portuguesa *Os Lusíadas* de Luís Vaz de Camões, contudo, achou uma leitura difícil e detestou a linguagem de uma das epopeias mais famosas da literatura ocidental. Em 1889, mudou-se para Viçosa, cidade mencionada no romance *São Bernardo*. Nessa cidade, Ramos ingressou no internato no qual foi aprimorando suas habilidades de leitura e escrita.

Nesse contexto, o gosto pela literatura foi aprimorado, sendo *O Guarani*, obra indianista, do período Romântico, de José de Alencar, a primeira narrativa romanesca lida pelo autor. Posteriormente, em 1928, tornou-se prefeito na cidade Palmeiras dos Índios, chamando atenção pela escrita poética que dava aos relatórios formais do cargo que exercia, assim como podemos verificar neste trecho o qual foi encaminhado, ao Governador de Alagoas Álvaro Paes, um relatório sobre a própria administração:

Arrecadei mais de dois contos de réis de multas. Isto prova que as coisas não vão bem. E não se esmerilharam contravenções. Pequenas irregularidades passam despercebidas. As infrações que produziram soma considerável para um orçamento exíguo refere-se a prejuízos individuais e foram denunciadas pelas pessoas ofendidas, de ordinário gente miúda, habituada a sofrer a opressão dos que vão trepando. Esforcei-me por não cometer injustiças. Isto não obstante, atiraram as multas contra mim como arma política. Com inabilidade infantil, de resto. Se eu deixasse em paz o proprietário que abre as cercas de um desgraçado agricultor e lhe transforma em pasto a lavoura, devia enforcar-me. (Ramos, 1930).

Essa forma de organizar as ideias e as palavras foi o que provocou a reação, na visão de Marques (2017), não só do governador do Estado de Alagoas, como também de um dos melhores amigos de Graciliano Ramos, Jorge Amado, o qual levou um dos manuscritos de Ramos à editora Schmidt, localizada no Rio de Janeiro, a qual foi uma das mais importantes porta-vozes da literatura nacional, estando em atividade de 1930 a 1939. Foi por meio dessa empresa que Graciliano publicou a sua primeira obra: *Caetés*.

De acordo com o emblemático crítico literário Antonio Candido (2006), a obra de Graciliano Ramos pode ser dividida em três grupos: romances em primeira pessoa: *Caetés*, *São Bernardo* e *Angústia*. as narrativas em terceira pessoa: *Vidas secas* e os contos de *Insônia* e, por fim, o autor elenca as obras autobiográficas de Ramos, *Infância* e *Memórias do cárcere*. Dentre essas obras citadas, *São Bernardo*, corpus desta pesquisa, ocupa um lugar de destaque na produção literária de Graciliano, visto que:

A tragédia de Paulo Honório, na metáfora social do romance *São Bernardo*, poderia ser lida como a da própria burguesia brasileira, dividida entre as forças conservadoras e as do progresso. O contexto em que se inscreve o romance coincide com uma fase do capitalismo brasileiro em que começa a ocorrer, ainda que tênue, a substituição das importações pelo incremento industrial. No campo, a expectativa é a de que a fazenda seja gerida como uma empresa, inserida assim num processo mais amplo de produção e de consumo. Esse deslocamento aponta para a mudança nos hábitos de regiões onde as práticas do capitalismo patriarcal eram muito fortes. (Abdala Júnior, 2001, p.185-186).

Isto é, *São Bernardo* vai além da excelência literária, o romance abarca uma importância social, pois carrega uma visão profunda da realidade do interior do Brasil, principalmente, quando se observa a construção narrativa da figura de Paulo Honório, que é o narrador-personagem da obra, o qual busca dominar, manipular e reificar as relações do ambiente no qual está inserido, bem como os pares ao seu redor. Nessa narrativa, há uma profundidade psicológica carregada de crítica social às estruturas do latifúndio cruel e degradante que exercia poder e subvertia valores morais:

Raramente, como em um ou outro livro de José Lins do Rego (Banguê) e sobretudo Graciliano Ramos (São Bernardo) a humanidade singular do protagonista domina os fatores do enredo: meio social, paisagem, problema político. Mas, ao mesmo tempo, tal limitação determina o importantíssimo caráter de movimento dessa fase do romance, que aparece como instrumento de pesquisa humana e social, no centro de um dos maiores sopros de radicalismo da nossa história. (Candido, 2006 p. 130-131).

Segundo Candido (2006), Graciliano Ramos perpassa vários ambientes na narrativa das suas ficções, esses vão desde o espaço rural à cidade. Além disso, os personagens também são de classes sociais diferentes como, por exemplo, o funcionário público chamado Luís em *Angústia*, o retirante Fabiano de *Vidas Secas* e aquele que interessa a esta pesquisa: Paulo Honório, o qual é um presunçoso e capitalista fazendeiro de *São Bernardo*. No que tange às construções do enredo, Ramos apresenta análise psicológica cuidadosa, minuciosa, envolvendo, muitas vezes, o leitor na construção da narrativa.

Ainda de acordo com o crítico literário, Candido (2006), no caso do romance *São Bernardo*, este pode ser considerado pós-naturalista pelos aspectos anti-heroicos que os personagens podem apresentar, principalmente, quando falamos de Paulo Honório, o qual carrega vários aspectos de desvio de caráter. Dentre os quais, podemos citar a forma como ele consegue adquirir as terras de São Bernardo; como nesse trecho a seguir como afirma o próprio narrador:

Acham que andei mal? A verdade é que nunca soube quais foram os meus atos bons e quais foram os maus. Fiz coisas boas que me trouxeram prejuízo; fiz coisas ruins que deram lucro. E como sempre tive a intenção de possuir as terras de S. Bernardo, considerei legítimas as ações que me levaram a obtê-las. (Ramos, p.48)

A partir do trecho acima, percebemos que a obra *São Bernardo* contém uma grande complexidade psicológica cujo protagonista é a peça central deste elemento, pois partilha de um sentimento de propriedade que o deixa propenso a amar as coisas e coisificar as pessoas. Não havendo, dessa maneira, distinção das relações interpessoais, visto que Paulo Honório interpreta a vida como meras transições financeiras. Segundo Candido (2006), a linguagem de Graciliano é direta, com períodos curtos, mostrando, assim, a diretividade da fala das personagens:

[...]Este grande livro é curto, direto e bruto. Poucos, como ele, serão tão honestos nos meios empregados e tão despidos de recursos; e esta força parece provir da unidade violenta que o autor lhe imprimiu. Os personagens e as coisas surgem nele como meras modalidades do narrador, Paulo Honório, ante cuja personalidade dominadora se amesquinham, frágeis e distantes. Mas Paulo Honório, por sua vez, é modalidade duma força que o transcende e em função da qual vive: o sentimento de propriedade. E o romance é, mais do que um estudo analítico, verdadeira patogênese deste sentimento. (p.32)

Nesse sentido, nossa análise corrobora as observações feitas por Candido (2006), que aponta para o uso estratégico da linguagem por parte de Ramos como uma forma de evidenciar as relações de poder presentes na obra. Em "São Bernardo", a voz de Paulo Honório é marcada pela autorreferência constante, o que revela um personagem obcecado por si mesmo, por seus interesses e por seu poder. Este resultado corrobora os estudos de Candido (2006, p.21), sobre Ficção e Confissão em Graciliano Ramos, segundo o qual, o romancista utiliza o recurso de frases curtas, simples e direta como um recurso para criar uma atmosfera opressiva e retratar personagens egocêntricos:

A vocação para a brevidade e o essencial aparece aqui na busca do efeito máximo por meio dos recursos mínimos, que terá em São Bernardo a expressão mais alta. E se Caetés ainda não tem a sua prosa áspera, já possui sem dúvida a parcimônia de vocábulos, a brevidade dos períodos, devidos à busca do necessário, ao desencanto seco e ao humor algo cortante, que se reúnem para definir o perfil literário do autor. Como consequência, a condensação, a capacidade de dizer muito em pouco espaço.

Ademais, a análise do crítico literário não apenas caracteriza Paulo Honório como indivíduo, mas também reflete as tensões sociais e culturais do Nordeste brasileiro na década de 1930. Esta descoberta está alinhada com as observações de Candido (2006), sobre o papel central da literatura no mapeamento das condições humanas em diferentes contextos históricos e sociais.

A importância dos achados reside na contribuição para a compreensão mais profunda da obra de Graciliano Ramos e do papel da linguagem na construção literária. E, nesse contexto ficcional, os estudos linguísticos chegam para contribuir, por meio de estudos benvenistianos sobre a autorreferência, com as peculiaridades de Paulo Honório, permitindo, ao leitor, um acesso íntimo ao universo interior da personagem e, por extensão, à sociedade a qual o protagonista representa.

Quanto à linguagem de São Bernardo, percebemos que Graciliano Ramos, é sempre muito crítico com o fazer literário, afirmando, ironicamente, que, primeiro, ele escreveu a obra em português, mas que ainda vai precisar de uma “tradução” para o brasileiro, como podemos perceber no trecho da carta do autor escrita em de 1 de novembro de 1932:

O S. Bernardo está pronto, mas foi escrito quase todo em português, como você viu. Agora está sendo traduzido para brasileiro, um brasileiro encrocado, muito diferente desse que aparece nos livros da gente da cidade, um brasileiro de matuto, com uma quantidade enorme de expressões inéditas, belezas que eu mesmo nem suspeitava que existissem. Além do que eu conhecia, andei a procurar muitas locuções que vou passando para o papel. O velho Sebastião, Otávio, Chico e José Leite me servem de dicionários. O resultado é que a coisa tem períodos absolutamente incompreensíveis para a gente letrada do asfalto e dos cafés. [...] Sendo publicada, servirá muito para a formação, ou antes fixação, da língua nacional. Quem sabe se daqui a trezentos anos eu não serei um clássico? Os idiotas que estudarem gramática lerão S. Bernardo, cochilando, e procurarão nos monólogos de Paulo Honório exemplos de boa linguagem. (Ramos, 2022, p. 200).

Na visão de Graciliano, percebemos o cuidado e zelo que o autor tinha pela linguagem literária. Para ele, não adiantava obter um discurso eloquente, cheio de normas que lembram o lusitanismo se isso não chegasse ao popular e atingisse as diversas camadas sociais. Essa perspectiva do autor lembra muito o narrador de São Bernardo, Paulo Honório, quando este está planejando a escrita de um livro, mas que, ao perceber que o amigo estava escrevendo semelhantemente à sintaxe do português europeu, o célebre personagem desiste, como podemos perceber neste trecho: “João Nogueira queria o romance em língua de Camões, com períodos formados de trás para diante. Calculem.” (Ramos, p.7). Percebe-se, portanto, que narração e autoria se fundem na própria realização da enunciação escrita. Esse estilo de Ramos lembra bastante o que Barthes(2012, p.5) afirmou:

Para a literatura, ao contrário, pelo menos aquela que adveio do classicismo e do humanismo, a linguagem já não pode ser o instrumento cômodo ou o cenário luxuoso de uma "realidade" social, passional ou poética que pré-existiria a ela e que, subsidiariamente, teria a incumbência de exprimir, mediante a sua própria submissão a algumas regras de estilo; a linguagem é o ser da literatura, seu próprio mundo: toda a literatura está contida no ato de escrever, e não mais no de "pensar", de "pintar", de "contar", de "sentir". Tecnicamente, pela definição de Roman Jakobson, o "poético" (quer dizer, o literário)

designa esse tipo de mensagem que toma a sua própria forma por objeto, e não os seus conteúdos.

Isto é, no entendimento de Barthes (2012), a linguagem era considerada como um instrumento que correspondia a uma realidade já existente. Essa concepção colocava a linguagem em uma posição secundária, subordinada à função de transmitir emoções, narrativas ou contextos sociais. Para Marcuschi (2004, p.265), “o léxico não é um aparato para dizer o mundo como se ele estivesse ali discretizado e etiquetável”.

Ou seja, o léxico não é uma decodificação do mundo, mas, sim, é uma rede de relações de sentidos entre nomes e coisas. Por conseguinte, cada item lexical não está “preso” a um item do mundo, pois a língua não é um “sistema pronto” para nomear um “mundo pronto”. É nessa visão que, para Benveniste (1969, p.56): “os signos da sociedade podem ser integralmente interpretados pelos signos da língua, jamais o inverso”. Em outras palavras, por ser a língua um sistema interpretante, os “objetos de mundo” são interpretados por ela, não o inverso, em uma relação referencial, como afirma o próprio linguista no ensaio *o aparelho formal da enunciação*:

Por fim, na enunciação, a língua se acha empregada para a expressão de uma certa relação com o mundo. A condição mesma dessa mobilização e dessa apropriação da língua é, para o locutor, a necessidade de referir pelo discurso, e, para o outro, a possibilidade de co-referir identicamente, no consenso pragmático que faz de cada locutor um co-locutor. A referência é parte integrante da enunciação. (Benveniste, 1970, p.84).

Dessa maneira, conhecer uma entidade existente no mundo, denominado por um signo, portanto, não se constitui em saber todos os elementos existentes, pois a língua não é uma relação biunívoca ou uma “etiqueta” entre nomes e coisas, mas, sim, é a ação linguística sobre o mundo, a qual se realiza por meio da referência. Por isso, Barthes (2012) afirma que um novo paradigma surge, no qual a linguagem não é mais apenas um meio, mas, sim, como um “ser da literatura”.

No entendimento de Barthes (2012), na literatura moderna, influenciada pelo classicismo e humanismo, a linguagem é reconhecida como o elemento fundamental e formador da obra literária. Ela não é meramente utilizada para refletir algo exterior, mas representa o próprio universo literário. Assim, passamos de uma visão utilitária da linguagem para uma concepção em que a linguagem é o cerne da literatura. Ao

ênfatizar a definição de Roman Jakobson, Barthes (2012) fortalece a noção de que a literatura deve ser considerada como um domínio independente.

Essa abordagem não apenas ressignifica a perspectiva da prática literária, mas também a crítica literária, direcionando-a para uma análise mais minuciosa e técnica do texto. Essa perspectiva de Barthes (2012) dialoga com a de Benveniste, o qual criticava a visão de que a linguagem é um instrumento, isso porque ela não é um sistema fechado e, muitas vezes, o contexto no qual os signos são utilizados pode alterar seu significado, como vamos identificar nos trechos destacados do corpus desta pesquisa.

4.3 O discurso de Paulo Honório e a autorreferencialidade

A autorreferência, por sua vez, será relacionada à obra literária analisada, nesta pesquisa, no que diz respeito à capacidade do personagem Paulo Honório referir a si mesmo, ou seja, de fazer referência a seu próprio processo de narração, estrutura ou linguagem utilizada por ele a fim de contar fatos e vivências que o favorecem na narrativa. Essa autorreferência pode se manifestar de várias maneiras, como por exemplo, quando a personagem se torna consciente de sua própria condição de personagem e/ou quando o narrador comenta sobre a própria escrita do texto, como podemos verificar neste trecho do enredo:

Antes de iniciar este livro, imaginei construí-lo pela divisão do trabalho. Dirigi-me a alguns amigos, e quase todos consentiram de boa vontade em contribuir para o desenvolvimento das letras nacionais. Padre Silvestre ficaria com a parte moral e as citações latinas; João Nogueira aceitou a pontuação, a ortografia e a sintaxe; prometi ao Arquimedes a composição tipográfica; para a composição literária convidei Lúcio Gomes de Azevedo Gondim, redator e diretor do Cruzeiro. Eu traçaria o plano, introduziria na história rudimentos de agricultura e pecuária, faria as despesas e poria o meu nome na capa. (Ramos, p.7).

Nessa citação acima, observamos que o narrador Paulo Honório começa o enredo afirmando que se propôs a escrever um livro, o qual, na verdade, já está escrito, isto é, o próprio romance que está sendo lido. O protagonista afirma que vai dar início à estória pela divisão do trabalho. Essa maneira pela qual ele se expressa caracteriza-se como uma metalinguagem, que vai estar presente em diversas passagens da obra. Ao Padre Silvestre, ele atribui as contribuições morais e a escrita

em latim, representando, assim, a erudição que o narrador pensa em dar à própria escrita.

Na continuidade, Honório convoca João Nogueira para ficar com a parte formal da língua, especificando que ele deve estar atento às normas ortográficas e sintáticas. Em seguida, ele menciona Arquimedes como a pessoa responsável pela tipografia da obra, isto é, cuidaria do design e layout do livro em questão. Para Azevedo Gondim, o narrador designou que ele se preocupasse com a parte literária enquanto o fazendeiro traria as contribuições latifundiárias e exibiria o próprio nome na capa.

Por meio do detalhamento desse ato, é possível perceber diferentes aspectos da personagem Paulo Honório, sobretudo o ardil com que planeja suas ações e a forma com que busca explorar outras personagens com base na avaliação que faz de suas capacidades. Em outros termos, a descrição da narrativa nessa passagem deixa à mostra o caráter calculista e aproveitador da personagem, que metodicamente divide, organiza e distribui o trabalho de construção da própria trama literária entre outras personagens.

Contudo, os planos de Paulo Honório não saem como planejados, ele afirma logo em seguida:

Mas o otimismo levou água na fervura, compreendi que não nos entendíamos. João Nogueira queria o romance em língua de Camões, com períodos formados de trás para diante. Calculem. Padre Silvestre recebeu-me friamente. Depois da revolução de Outubro, tornou-se uma fera, exige devassas rigorosas e castigos para os que não usaram lenços vermelhos. Torceu-me a cara. E éramos amigos. Patriota. Está direito: cada qual tem as suas manias. Afastei-o da combinação e concentrei as minhas esperanças em Lúcio Gomes de Azevedo Gondim, periodista de boa índole e que escreve o que lhe mandam. Trabalhamos alguns dias. À tardinha Azevedo Gondim entregava a redação ao Arquimedes, trancava a gaveta onde guarda os níqueis e as pratas, tomava a bicicleta e, pedalando meia hora pela estrada de rodagem que ultimamente Casimiro Lopes andava a consertar com dois ou três homens, alcançava S. Bernardo.[...] O resultado foi um desastre. Quinze dias depois do nosso primeiro encontro, o redator do Cruzeiro apresentou-me dois capítulos datilografados, tão cheios de besteiras que me zanguei: — Vá para o inferno, Gondim. Você acanalhou o troço. Está pernóstico, está safado, está idiota. Há lá ninguém que fale dessa forma! (Ramos, p.7-8).

Percebe-se, de acordo com essa fala de Honório, que a divisão proposta por ele não foi efetivada. O narrador afirma que João Nogueira queria assemelhar a escrita do livro à língua de Camões, isto é, mais parecido com o português europeu, o Padre

Silvestre não recebeu bem o protagonista, visto que esse não se envolveu com a revolução de Outubro. O narrador está se referindo à Revolução Russa, a qual aconteceu em 25 de outubro de 1917.

Mesmo com esses impasses, Paulo insiste na continuidade de explicar a construção do seu romance, ele afirma que recorreu a Azevedo Gondim e a Arquimedes, no entanto, depois de muitas reuniões e discussões acerca da narrativa, Honório afirma que o resultado “foi um desastre”, demonstrando a insatisfação com o projeto literário que lhe foi apresentado. O narrador denomina o texto de “pernóstico”, termo que designa pessoas que utilizam expressões difíceis, contudo, não sabem o significado e o fazem, apenas, para demonstrar algum tipo de erudição.

Nesse sentido, percebe-se que o narrador, além de utilizar uma atmosfera ofensiva e egoísta com relação às outras personagens, ele, quando se constitui enquanto sujeito, cria o seu monologismo, validando a concepção pessoal que possui em detrimento das demais pessoas envolvidas no ato narrativo. Dessa maneira, Paulo Honório antecipa as ações do outro, influenciado, exclusivamente, pela visão particular que ele dispõe.

De acordo com o que foi supracitado, percebemos a necessidade de analisar essa obra por meio da autorreferência, a qual se manifesta quando Paulo Honório assume uma dupla perspectiva – ele narra os acontecimentos e simultaneamente é parte integrante dos eventos, tornando-se, claramente, uma representação do “eu”, o qual busca afirmar-se num contexto latifundiário em constante transformação.

Através da narração em primeira pessoa, o personagem se coloca como o centro narrativo da estória, o que configura, de acordo com as postulações de Benveniste (1956), um “eu”, *pessoa da enunciação* que, em específico na narrativa, expressa suas visões e opiniões sobre os eventos que vivencia, como podemos verificar nos recortes da obra apresentados anteriormente, ou seja, tornando esses fatos um “ele”, sobre o que se fala, isto é, a *não pessoa*. Logo, esse conceito é imprescindível à análise da capacidade do personagem de construir um discurso sobre si mesmo, enquanto figura central do enredo.

Na análise enunciativa da construção de Paulo Honório, a autorreferência desempenha um papel significativo, conforme observado por diversos estudos sobre a Enunciação. Conforme as postulações de Flores (2019) a autorreferencialidade, a partir dos estudos de Benveniste, é uma forma de apontar para si mesmo. Isso pode incluir não apenas os aspectos pronominais da primeira pessoa, como também os

aspectos da não pessoa que cercam o texto principal, além disso, pode apontar para o uso do tempo verbal, o uso dos signos plenos ou as relações entre os personagens. Podemos verificar isso nesse trecho:

A verdade é que nunca soube quais foram os meus atos bons e quais foram os maus. Fiz coisas boas que me trouxeram prejuízo; fiz coisas ruins que deram lucro. E como sempre tive a intenção de possuir as terras de S. Bernardo, considerei legítimas as ações que me levaram a obtê-las. (Ramos, p.31).

A análise enunciativa pode ser útil para explorar essas questões de autorreferência. Conforme sugerido por Benveniste (1966), toda enunciação é uma forma de discurso que envolve um locutor e um interlocutor (eu/tu). A enunciação é marcada pela presença do locutor no ato enunciativo e pela relação entre esse e o tu - uma relação que é sempre marcada pela intersubjetividade.

Em relação à construção do personagem Paulo Honório, podemos afirmar que cada personagem, em um romance, não fala apenas para si mesmo; ao contrário, cada palavra proferida por um personagem é dirigida a um ouvinte, seja outro personagem, o autor ou o leitor. A autorreferência é utilizada como uma estratégia narrativa eficaz na construção do personagem Paulo Honório, o qual demonstra ser, ao longo de toda a obra, um ser complexo e multifacetado.

Os dados coletados através da análise enunciativa também sugerem que a autorreferência é usada para explorar os conflitos internos de Paulo Honório. Por exemplo, quando ele diz "Eu tinha razão para confiar em semelhante mulher? Intelectual." (Ramos, 1934, p. 101), ele está admitindo uma incerteza e um conflito interno que contradizem sua imagem anterior de determinação e objetividade com relação à futura esposa, Madalena.

Nesse sentido, podemos identificar elementos de autorreferência, como por exemplo, o uso de um signo vazio: *eu* utilizado pelo protagonista-narrador para questionar a si mesmo se deveria ou não confiar na mulher que acabara de conhecer. Segundo Benveniste: "[...] os indicadores eu e tu não podem existir como signos virtuais, não existem a não ser na medida em que são atualizados na instância de discurso, em que marcam para cada uma das suas próprias instâncias o processo de apropriação pelo locutor". (PLG I, p. 281).

Como Honório é o narrador, e a obra é contada sob o ponto de vista dele, ao assumir esse papel, Paulo está exercendo uma forma de autorreferência, pois está se referindo a si mesmo como o sujeito que conta a estória: “antes de iniciar este livro, imaginei construí-lo pela divisão do trabalho.” (p. 7), percebe-se que a obra à qual Honório se refere é o próprio livro que já foi publicado, logo, Graciliano utiliza uma forma de metalinguagem que envolve tanto a autoconsciência quanto a autocriação do protagonista.

Godofredo De Oliveira Neto (2009, p.142), no posfácio da edição de São Bernardo da editora Record, afirma que a divisão do trabalho à qual Paulo Honório se refere, ao distribuir as partes da escrita do livro, é “a divisão social das tarefas”. Para Paulo Honório, a língua não constitui um território homogêneo, mas, ao contrário, ela se decompõe em linguagens especializadas.

A figura de Paulo Honório é claramente uma representação do “eu” que busca afirmar-se em um “mundo” em constante transformação. Esse universo seria o fictício, no qual, o personagem menciona várias transformações sociais, na obra, que foram benefícios trazidos por ele à população da cidade viçosense, onde se passa a narrativa, tais como: a ampliação da energia elétrica e, posteriormente, a instalação de telefones:

Devagarinho, foram clareando as lâmpadas da iluminação elétrica. Luzes também nas casas dos moradores. Se aqueles desgraçados que se apertavam lá embaixo, ao pé das cercas de Bom-Sucesso, tinham nunca pensado em alumiar-se com eletricidade! Luz até meia-noite. Conforto! E eu pretendia instalar telefones. (Ramos, p.37)

Percebemos no trecho acima que, por meio da narração em primeira pessoa, o personagem se coloca como o centro narrativo da estória e expressa suas visões e opiniões sobre os eventos que vivencia e que são provocados pelas próprias ações dele. Honório, em toda a obra, é retratado por Ramos como um indivíduo astuto e manipulador que usa a linguagem para reforçar seu poder sobre os indivíduos que o cercam, já que exerce influência que vai de um simples patrocínio de um jornal a uma decisão de um juiz.

Trata-se de uma representação semiológica de grande alcance social, pois a forma como Paulo Honório se apresenta aos leitores não reflete apenas sua autoimagem, mas também influencia diretamente as demais personagens, bem como os eventos da trama, isto é, o controle exercido pelo narrador sobre a estória é uma

evidência da manipulação que ele detém - não só sobre sua própria narrativa, mas também sobre os outros personagens.

A postura do personagem lembra a figura do coronelismo, a qual representa poder e opressão. Para uma sociedade com tantas desigualdades, marcada por constantes conflitos entre classes, a figura de Paulo Honório pode trazer muitas dimensões da significância, pois traz consigo a trajetória de um homem pobre e sem posses que, por meio de um plano meticuloso, consegue alcançar seus objetivos. Com base nesses estudos, pode-se afirmar que a figura de Paulo Honório representa uma importante contribuição para a literatura brasileira, não apenas pela complexidade de sua construção, mas também pelo papel que desempenha na crítica social presente em "São Bernardo". (Candido, 2006).

A análise enunciativa sugere que a autorreferência revela uma estratégia narrativa para criar uma imagem complexa e multifacetada do protagonista. No romance, a autorreferência é usada para estabelecer a identidade de Paulo Honório como um homem prático e objetivo. O uso frequente de frases curtas e diretas (Candido, 2006), muitas vezes, na primeira pessoa, contribui para essa imagem. Por exemplo, quando Paulo Honório diz:

Aqui sentado à mesa da sala de jantar, fumando cachimbo e bebendo café, suspendo às vezes o trabalho moroso, olho a folhagem das laranjeiras que a noite enegrece, digo a mim mesmo que esta pena é um objeto pesado." (Ramos, cap. 2)

Honório está se referindo a si mesmo de uma maneira que é, ao mesmo tempo, declaratória e defensiva. Ele compara o processo da escrita às folhas das laranjeiras, que, no período da noite, tendem a inspirá-lo no processo da construção narrativa. À medida que o romance avança, no entanto, a autorreferência começa a revelar facetas mais profundas e complexas do personagem. No diálogo com Madalena, por exemplo, Paulo Honório, ao ouvir que a mulher não obtém muitos recursos financeiros, logo afirma que:

O seu oferecimento é vantajoso para mim, seu Paulo Honório, murmurou Madalena. Muito vantajoso. Mas é preciso refletir. De qualquer maneira, estou agradecida ao senhor, ouviu? A verdade é que sou pobre como Jó, entende?— Não fale assim, menina. E a instrução, a sua pessoa, isso não vale nada? Quer que lhe diga? Se chegarmos a acordo, quem faz um negócio supimpa sou eu. (Ramos, p.66)

Esta declaração de Paulo Honório, não só reafirma sua identidade inicial como um homem prático e direto ao ponto, mas também introduz uma nova dimensão à sua personalidade: uma necessidade de conceber as relações interpessoais como transações financeiras, demonstrando a visão de mundo deturpada, individualista e autoconcentrada do protagonista. Segundo Ferreira Júnior (2014, p.78):

Se a referência é determinada pelo uso da língua e a significação se presentifica no a priori das relações do signo com os outros signos, há, por outro lado, termos que possuem a particularidade de remeter unicamente às instâncias do discurso em que estão inseridos.

Ou seja, a referência é definida pela utilização da linguagem e o significado pode se materializar nas conexões dos signos, os quais têm, por outro lado, maneiras específicas de se referir exclusivamente às instâncias discursivas. Quando verificamos a combinação de signos plenos utilizadas por Paulo Honório, quando este se refere à mulher que o criou, Margarida, percebemos que esses elementos apontam o desejo persistente do personagem de controlar todos à sua volta:

A velha Margarida mora aqui em S. Bernardo, numa casinha limpa, e ninguém a incomoda. Custa-me dez mil-réis por semana, quantia suficiente para compensar o bocado que me deu. Tem um século, e qualquer dia destes compro-lhe mortalha e mando enterrá-la perto do altar-mor da capela. (Ramos, p.11)

Percebemos no trecho supracitado que Honório mantém a mulher que o criou dentro dos territórios adquiridos por ele. Percebe-se o distanciamento sentimental dele, com relação à Margarida, quando nos deparamos, primeiramente, com o adjetivo que é utilizado “velha”, em seguida, o verbo “custar”, o qual remete a despesas. Além disso, o narrador, mais uma vez, ironiza a idade da mãe de criação ao afirmar que ela tem quase um “século”, o que implica, futuramente, a necessidade de adquirir roupas de funerais, as quais o narrador denomina de “mortalha”. À luz desta perspectiva, pode-se interpretar que as escolhas linguísticas e ações de Paulo Honório são amplamente moldadas pelas circunstâncias financeiras.

Os personagens e as coisas surgem nele como meras modalidades do narrador, Paulo Honório, ante cuja personalidade dominadora se amesquinham, frágeis e distantes. Mas Paulo Honório, por sua vez, é modalidade duma força que o transcende e em função da qual vive: o sentimento de propriedade. E o romance é, mais do que um estudo analítico, verdadeira patogênese deste sentimento. (Candido, 2006, p. 32).

Isto é, Candido tem a percepção de que o desejo de controle não só orienta a vida de Paulo Honório, como também perpassa todo o enredo construído por Graciliano Ramos. As demais personagens são reflexos dos caprichos de negociação do narrador, principalmente, as femininas, como é o caso da mãe adotiva, a “velha Margarida”, que lhe custa “dez mil réis por mês”, no entanto, mesmo gerando gastos, ele prefere mantê-la sob seu domínio. Essa conduta do protagonista, baseada em acumular dinheiro e monetizar as relações sociais remete à vertente ideológica capitalista que influencia os indivíduos a “substituir por relações racionalmente reificadas as relações originais em que eram mais transparentes as relações humanas” (Lukács, 1989, p.106).

Essa percepção de Lukács (1989) é a gênese da identidade do narrador, o qual condiciona seus pares às lógicas da organização monetária. Isso também alcança, posteriormente, a esposa, Madalena, pelo fato de ela ser letrada e ocupar um espaço qualitativo do qual Honório desconhece: a intelectualidade. Ela ignora qualquer coisa que diz respeito aos aspectos quantitativos, incomodando, muitas vezes, o marido. Por isso, as posturas do próprio narrador são a personificação do sentimento de dominação e posse, visto que o fazendeiro quer colocar “cercas” nas pessoas ao seu redor, semelhantes àquelas que foram construídas em torno de toda a propriedade rural adquirida por ele.

No fragmento abaixo, a autorreferência pode ser identificada na forma como o narrador expõe seus pontos de vista pessoais sobre mulheres intelectuais, utilizando suas próprias vivências ou as de alguém próximo para embasar tais opiniões. Honório utiliza os signos plenos: *sabida, intelectuais, teatro, conferência*, para manifestar, claramente, aversão que ele possui por mulheres que se preocupam com o intelecto:

Não gosto de mulheres sabidas. Chamam-se intelectuais e são horríveis. Tenho visto algumas que recitam versos no teatro, fazem conferências e conduzem um marido ou coisa que o valha. Falam bonito no palco, mas intimamente, com as cortinas cerradas, dizem: — Me auxilia, meu bem. Nunca me disseram isso, mas disseram ao Nogueira. Imagino. Aparecem nas cidades do interior, sorrindo, vendendo folhetos, discursos, etc. Provavelmente empestaram as capitais. Horríveis. Madalena, propriamente, não era uma intelectual. Mas descuidava-se da religião, lia os telegramas estrangeiros. (Ramos, p.100).

Na continuidade, Honório afirma que *"Nunca me disseram isso, mas disseram ao Nogueira."* - Aqui, o protagonista faz referência a uma experiência de uma terceira pessoa (Nogueira), o que serve para reforçar a sua opinião pessoal dele. Ao utilizar o verbo: *"Imagino."*, o narrador demonstra a incerteza sobre as afirmações ditas anteriormente, reforçando que é fruto de sua imaginação ou interpretação pessoal, não necessariamente um fato concreto. *"Aparecem nas cidades do interior, sorrindo, vendendo folhetos, discursos, etc. Provavelmente empestaram as capitais."* Nesse trecho, temos a utilização do advérbio: *"provavelmente"*, esse signo pleno sinaliza uma suposição do narrador, reforçando a autorreferência presente no discurso dele.

Em seguida, Paulo Honório finaliza: *"Madalena, propriamente, não era uma intelectual. Mas descuidava-se da religião, lia os telegramas estrangeiros."* O narrador estabelece uma diferenciação em relação a Madalena, evidenciando que, embora claramente desaprove certos comportamentos, ele a enxerga de maneira única, distinguindo-a das demais mulheres intelectuais. Além disso, o discurso de Paulo Honório revela complexidades existentes na concepção de vida dele e é possível identificar isso por meio de diferentes aspectos contraditórios, ambíguos e relapsos presentes na narração.

Segundo Genette (1995), há diferentes tipos de narradores: **narrador heterodiegético**, ou seja, aquele que narra a história não faz parte dela, **narrador homodiegético**, em que o narrador faz parte da história, mas sem tomar o protagonismo; **narrador autodiegético**, no qual o próprio narrador é a personagem principal da obra, isto é, a narrativa é centrada nele.

Genette (1995) também introduziu o conceito de focalização às teorias narrativas. Ele subdivide em: **focalização zero**, quando narrador é onisciente, isto é, aquele que tem as percepções de tudo à sua volta, bem como à volta das outras personagens. O autor também conceitua a **focalização interna**, quando a narrativa é perspectiva sob um ou mais pontos de vista. Essa focalização ainda se subdivide em: **focalização interna-fixa**: quando há, na trajetória da narração, apenas uma perspectiva. **focalização interna variável**, isto é, quando existe uma alternância de ponto de vista entre as personagens.

Além disso, há a subcategoria **focalização interna múltipla**, os mesmos episódios são narrados por vários pontos de vista. Por último, o teórico define a **focalização externa**. Esta diz respeito aos narradores que são, apenas,

observadores, relatam os fatos de maneira distanciada, sem o conhecimento aprofundado dos contextos narrados, bem como dos sentimentos e pensamentos das personagens.

No que diz respeito ao protagonista de São Bernardo, temos um narrador **autodiegético**, o qual restringe a estória em si próprio, fazendo o movimento de introspecção e autocrítica à medida que relata os fatos ocorridos com ele. Logo, relacionando aos conceitos de Genette (1994), na voz narrativa, presente em São Bernardo, há uma **focalização interna-fixa**, visto que toda a estória está concentrada em Paulo Honório, cuja narração mistura-se em um movimento não-linear, ou seja, fazendo passado, presente e futuro coexistirem em determinados momentos.

Um exemplo dessa afirmação encontra-se no capítulo XIX, no qual o narrador faz uma “quebra” na narração dos eventos de sua vida, que perpassam desde a compra da fazenda São Bernardo até o casamento com Madalena, para refletir sobre o próprio tempo presente dele, no auge dos cinquenta anos, depois de sua esposa ter cometido o suicídio:

O tique-taque do relógio diminui, os grilos começam a cantar. E Madalena surge no lado de lá da mesa. Digo baixinho: — Madalena! A voz dela me chega aos ouvidos. Não, não é aos ouvidos. Também já não a vejo com os olhos. Estou encostado à mesa, as mãos cruzadas. Os objetos fundiram-se, e não enxergo sequer a toalha branca. — Madalena... A voz de Madalena continua a acariciar-me. Que diz ela? Pede-me naturalmente que mande algum dinheiro a mestre Caetano. Isto me irrita, mas a irritação é diferente das outras, é uma irritação antiga, que me deixa inteiramente calmo. Loucura estar uma pessoa ao mesmo tempo zangada e tranquila. Mas estou assim. Irritado contra quem? Contra mestre Caetano. Não obstante ele ter morrido, acho bom que vá trabalhar. Mandrião! A toalha reaparece, mas não sei se é esta toalha sobre que tenho as mãos cruzadas ou a que estava aqui há cinco anos. Rumor do vento, dos sapos, dos grilos. A porta do escritório abre-se de manso, os passos de seu Ribeiro afastam-se. Uma coruja pia na torre da igreja. Terá realmente piado a coruja? Será a mesma que piava há dois anos? Talvez seja até o mesmo pio daquele tempo. (Ramos, p.74-75)

Nesse trecho, percebemos uma sequência de verbos no tempo presente (*Me chega, vejo, estou, acho, enxergo*). Junto ao narrador, a questão da temporalidade ganha destaque, pois, no trecho supracitado, é possível identificar duas abordagens temporais: a do *discurso* e a da *história*, ou seja, o tempo em que a narrativa é contada e o tempo em que os eventos ocorreram, isto é, o intervalo entre as lembranças e os fatos registrados, os quais são retomados por Honório, às vezes com muita exatidão

e segurança do que está sendo narrado, ora são mencionados com imprecisão. Para Benveniste, no ensaio *A linguagem e a experiência humana* (1965), o tempo presente é um eixo em torno do qual o discurso se organiza:

Este tempo tem seu centro - um centro ao mesmo tempo gerador e axial - no presente da instância da fala. Cada vez que um locutor emprega a forma gramatical do "presente" (ou uma forma equivalente), ele situa o acontecimento como contemporâneo da instância do discurso que o menciona. É evidente que este presente, na medida em que é função do discurso, não pode ser localizado em uma divisão particular do tempo crônico, porque ele admite todas as divisões e não se refere a nenhuma em particular. O locutor situa como "presente" tudo que aí está implicado em virtude da forma linguística que ele emprega. Este presente é reinventado a cada vez que um homem fala porque é, literalmente, um momento novo, ainda não vivido. Eis aí mais uma vez uma propriedade original da linguagem, tão particular que seria oportuno buscar um termo distinto para designar o tempo linguístico e separá-lo assim das outras noções confundidas sob o mesmo nome. (Benveniste, 1965, p. 75)

Logo, cada ato enunciativo inscrito nesse tempo específico é inédito e singular. Cada utilização do *presente* representa uma recriação, gerando um instante inovador que foge das categorizações convencionais do tempo. Isso indica, portanto, que essa particularidade é tão única que merece uma denominação exclusiva para distingui-la de outras noções temporais. No que diz respeito a Paulo Honório, podemos identificar a autorreferencialidade inscrita nos verbos utilizados pelo narrador, os quais marcam a passagem da sua trajetória coronelista de acúmulo de capital(ontem) para uma trajetória existencial solitária e triste (agora).

Além disso, quando o protagonista situa sua narração nessa marca temporal supracitada, temos a ambiguidade narrativa, visto que existe um Paulo Honório que é narrador e, ao mesmo tempo, objeto dessa narração, por isso, há o discurso indireto livre e do monólogo interior são técnicas empregadas para assinalar as digressões do narrador. Sobre o monólogo, Benveniste (1970), no texto do aparelho formal da enunciação, afirma:

Inversamente, o "monólogo" procede claramente da enunciação. Ele deve ser classificado, não obstante a aparência, como uma variedade do diálogo, estrutura fundamental. O "monólogo" é um diálogo interiorizado, formulado em "linguagem interior", entre um eu locutor e um eu ouvinte. Às vezes, o eu locutor é o único a falar; o eu ouvinte

permanece entretanto presente; sua presença é necessária e suficiente para tornar significativa a enunciação do eu locutor. (Benveniste, 1970,p.87)

Nessa afirmação, Benveniste (1970) explora a essência do monólogo em relação ao diálogo. O autor destaca que, embora o primeiro pareça uma expressão individual, ele tem origem na enunciação, por isso, deve ser interpretado como uma espécie de “diálogo interno”. Essa concepção do linguista desafia a noção de diálogo que se tem no senso-comum, a qual compreende o diálogo como a participação de duas ou mais pessoas no ato enunciativo. No entanto, para Benveniste, não há apenas essa perspectiva, visto que, no monólogo, há a “linguagem interna” entre o *eu* que fala e o *eu* que escuta, configurando duas partes do mesmo indivíduo.

Relacionando essa perspectiva benvenistiana com o trecho retirado da obra, percebemos que Paulo Honório configura duas partes da mesma pessoa ao enunciar por meio do monólogo. O protagonista, diversas vezes, até se questiona como se estivesse conversando com outra pessoa: “Uma coruja pia na torre da igreja. Terá realmente piado a coruja? Será a mesma que piava há dois anos? Talvez seja até o mesmo pio daquele tempo.” No trecho em questão, Honório descreve as próprias percepções do ambiente ao seu redor após a morte de sua esposa. O signo da coruja, juntamente com o som emitido por ela, aqui, nesse contexto, parece representar o anúncio de um “mau presságio”⁸. Além disso, na continuidade do monólogo de Honório, ele afirma que escuta a voz de Madalena e relembra as divergências que tiveram ao longo do casamento, principalmente, pelo fato da mulher querer ajudar as pessoas necessitadas em torno das propriedades do marido, sendo esse, muitas vezes, o motivo do ciúme exacerbado do protagonista.

Após a partida da sua cônjuge, Honório analisa seu contexto que, aparentemente, parece caótico e confuso: “*Os objetos fundiram-se, e não enxergo sequer a toalha branca*”, deixando o fazendeiro desconcertado. Percebe-se isso também na referencialidade que ele faz a si mesmo ao descrever a própria postura

⁸O pio da coruja, de acordo com as crenças das pessoas mais velhas, representa o agouro da morte. essa visão é muito comum, principalmente, em cidades pequenas e/ou propriedades rurais interioranas. No entanto, o que é cientificamente comprovado é que a presença dessa ave, também conhecida como rasga-mortalha, é benéfica ao meio ambiente, substancialmente, contra roedores. <https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2022/11/04/rasga-mortalha-conheca-a-coruja-que-e-temida-popularmente-por-anunciar-a-morte.ghtml>

corporal: “*Estou encostado à mesa, as mãos cruzadas.*” Essas descrições emocionais do narrador com “as mãos cruzadas” pode ser uma indicação de aborrecimento, como também a junção do substantivo e do adjetivo, nesse recorte, revela um caráter defensivo e de arrependimento que revelou, no luto, pela primeira vez, a humanidade de um problemático e soberbo capitalista. Nesse prisma, constatamos a dimensão psicológica que a obra apresenta. Segundo Nunes (2013, p.18-19):

A experiência da sucessão dos nossos estados internos leva-nos ao conceito de tempo psicológico ou de tempo vivido, também chamado de duração interior. O primeiro traço do tempo psicológico é a sua permanente descoincidência com as medidas temporais objetivas. Uma hora pode parecer-nos tão curta quanto um minuto se a vivemos intensamente; um minuto pode parecer-nos tão longo quanto uma hora se nos entediamos. Variável de indivíduo para indivíduo, o tempo psicológico, subjetivo e qualitativo, por oposição ao tempo físico da Natureza, e no qual a percepção do presente se faz ora em função do passado ora em função de projetos futuros, é a mais imediata e mais óbvia expressão temporal humana. Veremos a extensão que o tempo psíquico, como tempo humano, adquiriu na ficção.

Relacionando essa percepção de Nunes (2013), a respeito do tempo psicológico, perpassado de aspectos do presente, passado e futuro à obra São Bernardo, percebemos a complexidade na forma como Paulo Honório vivencia esse tempo no próprio processo narrativo enquanto se autodefine e se autorrepresenta no seu ato de contar. Esse aspecto ressalta a natureza dinâmica da experiência temporal da narrativa, indicando que a experiência do tempo do protagonista está, profundamente, enraizada na subjetividade.

Diante disso, quando relacionamos o tempo psicológico, definido por Nunes (2013), à narração de Paulo Honório, percebemos que ele fragmenta os eventos da própria vida, permitindo que o leitor saiba, somente, daquilo que lhe interessa mencionar, como ele mesmo afirma: “Tenciono contar a minha história. Difícil. Talvez deixe de mencionar particularidades úteis, que me pareçam acessórias e dispensáveis.” (Ramos, p.9). Ou seja, o fazendeiro-escritor percorrerá por momentos distintos da própria vida, cuidadosamente, escolhendo os episódios a serem relatados, mas, ao mesmo tempo, revisitando as ações e decisões que o levaram ao declínio. Essa decadência da personagem pode ser identificada neste trecho:

Cinquenta anos! Quantas horas inúteis! Consumir-se uma pessoa a vida inteira sem saber para quê! Comer e dormir como um porco! Como um porco! Levantar-se cedo todas as manhãs e sair correndo,

procurando comida! E depois guardar comida para os filhos, para os netos, para muitas gerações. Que estupidez! Que porcaria! Não é bom vir o diabo e levar tudo? (Ramos, p. 136-137).

No fragmento acima, a repetição do enunciado "*Cinquenta anos! Quantas horas desperdiçadas!*" evidencia a visão de Paulo Honório acerca da inutilidade de sua vida. A autorreferência dele ao enfatizar a própria idade representa a reflexão dele sobre o passado e reconhecimento do desperdício de sua existência. Esse sentimento de inutilidade é uma autoanálise a respeito do estilo de vida mecânico e desprovido de propósito que o protagonista sempre teve, hábito esse que culminou na própria ruína. Na continuidade das reflexões do narrador, é possível constatar a autorreferência quando a personagem faz uma comparação de si mesma a um animal: "*Comer e dormir como um porco! Como um porco!*", essa analogia, enfatizada pela repetição do enunciado, reforça a sensação de degradação e desumanização da vida desse protagonista. Segundo Abdala Júnior (2001, p.167):

À medida que, enquanto agente de um sistema agressivo de produção, Paulo Honório vai exercendo seu autoritarismo, torna-se tão dependente quanto todos a quem subjuga, tornando-se, portanto, presa de seu próprio cerco. Além de bicho, ele também se reconhece na imagem do inescrupuloso fazendeiro que, em sua trajetória de obtenção de posses e poder, não poupa meios para ascender econômica e socialmente.

Ou seja, Honório enxerga a si mesmo como um homem reduzido a uma existência puramente biológica, focada apenas nas necessidades básicas de alimentação, descanso, acúmulo de terras e riquezas, mas que essas ações nunca lhe ofereceram um propósito maior. Podemos, portanto, ratificar isso ainda no excerto destacado do romance, percebendo a frustração de Honório com o hábito de levantar cedo todas as manhãs e correr atrás de comida para, depois, armazená-la para as futuras gerações. Essa perspectiva pode ser identificada na pergunta: "*Será que não seria melhor se o diabo viesse e levasse tudo embora?*".

Esse questionamento retórico da personagem pode representar uma manifestação de desespero e desilusão, demonstrando uma visão pessimista da própria existência, na qual, a destruição é considerada a melhor maneira de escapar de todas as frustrações vivenciadas por Honório até então. Nessa mesma passagem supracitada do enredo, vimos um Honório reduzido ao fracasso, frustrado e com o anseio de acabar com tudo que adquiriu para tentar sanar a sensação de vazio que o

condiciona a autoanimalizar, referindo a si mesmo como “*porco*”, mas essa não é a única vez que a personagem faz analogias com bichos, em outro momento, Honório compara as pessoas do convívio dele com animais:

Bichos. As criaturas que me serviram durante anos eram bichos. Havia bichos domésticos, como o Padilha, bichos do mato, como Casimiro Lopes, e muitos bichos para o serviço do campo, bois mansos. Os currais que se escoram uns aos outros, lá embaixo, tinham lâmpadas elétricas. E os bezerrinhos mais taludos soletravam a cartilha e aprendiam de cor os mandamentos da lei de Deus. Bichos. Alguns mudaram de espécie e estão no exército, volvendo à esquerda, volvendo à direita, fazendo sentinela. Outros buscaram pastos diferentes. (Ramos, p.137).

Essa animalização das personagens é, também, a característica do Naturalismo presente no enredo de Graciliano Ramos, peculiaridade essa que foi abordada por Candido (1991), o qual afirmou que os autores naturalistas⁹, segundo o crítico, utilizavam o recurso da zoomorfização¹⁰ para representar o caráter desumano e degradante dos personagens. Ramos retomou isso na construção de Honório. A personagem, ao denominar as pessoas de seu convívio de bicho, demonstra a *reificação* presente na maneira como ele lida com os outros indivíduos e, principalmente, como ele os enxerga, meramente como selvagens ingratos. Na continuidade, Honório demonstra a autopercepção das conquistas que obteve e essas como um estopim para que ele resolvesse contar a própria estória:

Coloquei-me acima da minha classe, creio que me elevei bastante. Como lhes disse, fui guia de cego, vendedor de doce e trabalhador alugado. Estou convencido de que nenhum desses ofícios me daria os recursos intelectuais necessários para engendrar esta narrativa. Magra, de acordo, mas em momentos de otimismo suponho que há nela pedaços melhores que a literatura do Gondim. Sou, pois, superior a mestre Caetano e a outros semelhantes. Considerando, porém, que

⁹ Segundo Moisés(1999), Émile Zola, na Europa, e Aluísio Azevedo, no Brasil, são os principais representantes desse movimento literário, os quais publicaram obras de grande relevância para a historiografia da literatura, dentre as quais, podemos citar: *Germinal* e *O Cortiço*, respectivamente.

¹⁰ A zoomorfização é um estilo estético muito utilizado na literatura naturalista, o qual surgiu no século XIX, inspirado na publicação da *Origem das Espécies*, de Charles Darwin (1859). Esse recurso estilístico pode ser identificado quando, na construção da narrativa: “o que é próprio do homem se estende ao animal e permite, por simetria, que o que é próprio do animal se estenda ao homem.”(Candido, 1991), isto é, as personagens e os animais ficam tão imbricados que os leitores não conseguem determinar a distinção entre um e outro. Vale ressaltar que a zoomorfização não é uma característica das narrativas de Ramos, no entanto, pode-se inferir esse aspecto na construção do discurso de Honório, como o supracitado, bem como nas personagens de *Vidas Secas*, obra de 1937 do mesmo autor.

os enfeites do meu espírito se reduzem a farrapos de conhecimentos apanhados sem escolha e mal cosidos, devo confessar que a superioridade que me envaidece é bem mesquinha. (Ramos, p.137-138)

Na leitura do enredo, enquanto espectadores, enxergamos um narrador presunçoso, egoísta e autocentrado. No fragmento supracitado, Honório afirma que enxerga a si mesmo de forma muito acima da sua classe. Apesar dessa supervalorização de sua trajetória social e financeira, ele dissimula uma falsa modéstia, basta verificarmos o que ele fala em seguida: “*creio que me elevei bastante.*” A escolha pelo verbo *crer* cria um aspecto de “humildade” na construção discursiva do protagonista. No prosseguimento da sua retrospectiva, o fazendeiro relembra suas origens humildes, como guia de um deficiente visual e vendedor, tentando demonstrar ao leitor o contraste da posição inicial e atual dele.

Em seguida, situado no processo metalinguístico, Honório afirma que nenhuma das experiências laborais anteriores iria dar a ele a capacidade de construir a narrativa que, ao mesmo tempo, funde-se com o enredo a que temos acesso. O narrador define a estória como “magra”, no entanto, com ar de superioridade, ele a julga como “superior” a dos seus amigos, Caetano e Gondim. Essa afirmação por meio desse adjetivo configura uma tentativa de legitimação da importância do que ele se propôs a escrever.

Nesse trecho, a autorreferencialidade existente no discurso do fazendeiro-escritor contribui para a quebra de expectativa do leitor, o qual pode supor que, finalmente, Honório descera do “pódio” e assumirá que os conhecimentos que possui podem ser limitados e circunscrito, somente, na realidade que ele conhece, mas que essa não se reproduz a outros indivíduos da mesma forma. Contudo, não é isso que ocorre, ele demonstra uma dualidade cambiante entre a humildade e a superioridade com relação a si e aos outros, mas por fim, é a última que ele escolhe, reafirmando, assim, a sua vaidade. Ao concluir sua escrita/narração, Honório chega à conclusão de que:

Madalena entrou aqui cheia de bons sentimentos e bons propósitos. Os sentimentos e os propósitos esbarraram com a minha brutalidade e o meu egoísmo. Creio que nem sempre fui egoísta e brutal. A profissão é que me deu qualidades tão ruins. E a desconfiança terrível que me aponta inimigos em toda a parte! A desconfiança é também consequência da profissão. Foi este modo de vida que me inutilizou.

Sou um aleijado. Devo ter um coração miúdo, lacunas no cérebro, nervos diferentes dos nervos dos outros homens. E um nariz enorme, uma boca enorme, dedos enormes. Se Madalena me via assim, com certeza me achava extraordinariamente feio. Fecho os olhos, agito a cabeça para repelir a visão que me exhibe essas deformidades monstruosas. (Ramos, p.140).

Nessa passagem, identificamos uma autocrítica que o narrador faz tanto do seu percurso de vida, como também da própria aparência física. Primeiramente, ele faz uma comparação entre si e a falecida esposa. Honório afirma que ela tinha boas intenções, mas que essas foram contrastadas com as atitudes ignorantes e brutais, fatos esses que foram anulando as qualidades de Madalena. Percebemos isso quando identificamos os signos *bons sentimentos x brutalidade, egoísmo*. O protagonista ainda afirma que as falhas de caráter não estão ligadas à sua natureza, mas advém do caminho de ascensão social que ele escolheu.

O narrador ainda se autorrefere como “inútil” e “aleijado”, demonstrando tanto a imagem distorcida que ele tem de si, como também o sentimento de arrependimento de todas as falhas de conduta que o acompanhou desde sempre, mas que tanto prejudicou as pessoas ao seu redor, ocasionando a irreparável morte da esposa que, infelizmente, só teve o suicídio como “saída” única de se livrar desse marido corrompido. Essa repulsa descrita por Paulo Honório, reitera o conflito interno que o consome, bem como a imagem negativa e monstruosa que ele tem de si. Isso é sinalizado quando ele afirma: “*fecho os olhos, agito a cabeça para repelir a visão que me exhibe essas deformidades monstruosas*”, na tentativa de apagar a autoimagem que foi resignificada ao longo do próprio ato narrativo dele que, por vezes, oscila muito, mas que, ao mesmo tempo, funciona como um espelho de sua própria experiência. Segundo Abdala Júnior (2001, p. 167):

A mão que escreve traz as marcas de sangue que maculam a escrita, pondo em questão a experiência que se quer transmitir. A nervosa fotografia que emerge desse retraçado revela um negativo deformante, grotesco, inassimilável em sua brutalidade visível: “Sou um aleijado. Devo ter um coração miúdo, lacunas no cérebro, nervos diferentes dos nervos dos outros homens. E um nariz enorme, uma boca enorme, dedos enormes.” Fechar os olhos, agitar a cabeça para repelir a visão das próprias deformidades monstruosas é um gesto vão. Se, de um lado, a escrita do romance São Bernardo vai restituindo ao narrador a humanidade perdida, possibilitando-lhe desviar o foco da imagem brutalizada, de outro, ela acentua a opção de Paulo Honório pela perversidade, durante o tempo em que, enquanto fazia

crescer a fazenda São Bernardo, ele não poupou meios para consolidar seu poder.

Isto é, para Abdala Júnior (2001), Paulo Honório busca algum tipo de redenção que possa vir por meio da escrita. As mãos cobertas de sangue, mencionadas pelo teórico, simbolizam as destruições, as mortes e as corrupções que envolvem esse representante da personificação da oligarquia rural que tanto manipulou economias, leis e pessoas a fim de suprir os próprios interesses, sempre levando em consideração o próprio interesse.

Dessa maneira, a autorreferência permitiu que conhecêssemos como a escrita de São Bernardo traz a concepção de um narrador-personagem autodiegético que, no relato de suas memórias, conta-nos seus procedimentos desumanos, seu desvio de caráter, bem como seu cruel crescimento de sucesso em busca de uma consolidação social, mas que, na construção da própria narrativa, no processo da escrita, defronta-se com um espelho que não só concebe uma autoimagem de um Paulo Honório degradante, perverso e constante declínio, mas também que tenta se reencontrar com o sentimento de humanidade que foi engolido, ao longo de seu percurso, pelo veloz anseio por capital.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Nesta pesquisa, buscou-se analisar o Romance São Bernardo, de Graciliano Ramos, por meio da perspectiva semiológico-enunciativa pautada nos estudos de Benveniste no campo da enunciação, visto que esse teórico não só fez contribuições às ciências linguísticas, mas também à literatura, já que, por meio da tese de doutorado de Laplantine (2008), temos acesso aos manuscritos do autor sobre a poesia de Baudelaire. Embora esses textos não tenham sido publicados formalmente, é comprovada a autenticidade do documento que está preservado no museu nacional da França. Diante da análise do Dossiê de Baudelaire, fica claro o desejo de Benveniste em obter, como corpus, o texto literário.

A partir dessa concepção, objetivou-se demonstrar a importância da interdisciplinaridade, evidenciada por Fiorin (2008), entre a linguística e a literatura e, assim, transitar entre essas duas esferas, procurando ir além das limitações individuais dessas áreas teóricas, com o intuito de reiterar uma interseção que permita a construção de novas visões sobre o fenômeno da língua e da linguagem, principalmente no contexto literário.

Ao longo desta dissertação, foi possível perceber a influência da autorreferência na construção da personagem Paulo Honório, especialmente, quando analisada sob uma perspectiva enunciativa. A análise do romance "São Bernardo", de Graciliano Ramos, por meio da autorreferência, ajudou-nos a identificar as estratégias narrativas, revelando, assim, aspectos importantes sobre a personalidade literária do romancista, bem como o contexto latifundiário no qual a obra se passa, inclusive, em uma carta enviada, em 1933, à esposa, Heloísa, o autor diz sobre a necessidade de criar um romance que traga: "O plus-valor, a circulação do capital e dos produtos, as coisas brabas que há na carta, podem ser úteis" (Ramos, 1933) ¹¹.

Essa concepção, que está posta na carta, demonstra a visão marxista e a crítica às estruturas de poder que Graciliano queria dar ao seu futuro romance. No ano seguinte, em 1934, o autor publica São Bernardo, no qual, a figura do protagonista Paulo Honório é a personificação do capitalismo e do desejo de posse não só de coisas materiais, mas também de pessoas, fatos esses que podem ser identificados ao longo do percurso memorialístico fragmentado do narrador que, ao percorrer por

¹¹ RAMOS, Graciliano. **Cartas**. Rio de Janeiro: Record, 2022.

contextos distintos de sua vida, faz uma autoanálise que está na linha tênue entre a ficção e confissão, como afirmou Candido (2006).

A autorreferência, na perspectiva de Benveniste, segundo Flores (2019), se apresenta como um recurso utilizado pelo autor para dar voz ao protagonista, permitindo que ele narre sua própria história. Essa estratégia proporcionou uma profunda imersão nas complexidades do narrador e da própria história narrada, a qual, em diversas passagens, ganha uma perspectiva metalinguística, a qual causou, no processo de leitura, a sensação de que o romance ainda estava em processo de escrita e não finalizado e publicado. Essa característica possibilitou uma “viagem” espaço-temporal como se estivéssemos assistindo à execução do enredo nas próprias terras da fazenda São Bernardo.

A “metaescrita” revolucionária de Graciliano Ramos propiciou uma maior proximidade entre o personagem e nós, leitores, tornando-nos críticos telespectadores das contradições e conflitos internos de Paulo Honório. Além disso, foi possível identificar que a autorreferência também tem um papel fundamental na construção da tensão narrativa do romance, uma vez que ela contribui para o estabelecimento de uma atmosfera de incerteza e ambiguidade, esse caráter dubio fica circunscrito nos monólogos do narrador, bem como nos saltos temporais e recortes de temáticos feitos por ele, deslocando-nos para os contextos que perpassam o anseio de poder, a monopolização de decisões, a solidão, a futilidade e o declínio vivenciados no ciclo vazio no qual o protagonista se encontrava.

Os resultados que foram obtidos, por meio desta pesquisa, têm implicações significativas para os estudos da enunciação, os quais subsidiam mecanismos para a análise de São Bernardo, de Graciliano Ramos e para a análise literária em geral. Eles permitem uma compreensão mais profunda do texto narrativo, utilizados pelo autor e da forma como eles contribuem para a construção dos personagens, principalmente, do narrador. Além disso, os achados deste trabalho podem servir como ponto de partida para futuras pesquisas sobre o uso da autorreferência em outras obras literárias.

Ademais, a análise revelou que a autorreferência em “São Bernardo” não apenas caracteriza Paulo Honório como indivíduo, mas também reflete as tensões sociais e culturais do Nordeste brasileiro na década de 1930. Esta descoberta está alinhada com as observações de Candido (2006) sobre o papel central da literatura no mapeamento das condições humanas em diferentes contextos históricos e sociais.

Por isso, a importância das análises aqui empreendidas reside na contribuição para a compreensão mais profunda da obra de Graciliano Ramos e do papel da enunciação na construção literária. Dessa forma, a autorreferência, ao evidenciar as peculiaridades do discurso de Paulo Honório, permite ao leitor acesso íntimo ao universo interior da personagem e, por extensão, à sociedade permeada pela oligarquia rural e de anseio de poder que ele representa.

Neste trabalho, foi possível verificar que por meio da análise enunciativa, conseguimos compreender com mais propriedade como o protagonista busca legitimar suas ações e pensamentos, enquanto, simultaneamente, nega qualquer possibilidade de alteridade, criando uma personagem complexa, prepotente e intrigante. Os resultados deste estudo podem ampliar nossa compreensão sobre o uso da autorreferência na literatura e seu impacto na construção das personagens literárias. Além disso, as discussões empreendidas podem auxiliar na compreensão da habilidade notável de Graciliano Ramos em criar personagens complexos e multidimensionais, principalmente, no romance aqui investigado.

Diante de todos os aspectos mencionados, pode-se afirmar que as implicações dessas discussões são significativas tanto para os estudiosos da obra São Bernardo, de Graciliano Ramos quanto para pesquisadores do campo da enunciação, pois a autorreferência pode ser ainda mais explorada ao longo da obra, visto que houve um recorte temático na narrativa para a sistematização desta pesquisa, contudo, há discussões, na obra, que podem ser ampliadas em pesquisas futuras. Diante disso, é possível, sim, relacionar os estudos linguísticos aos estudos literários, contribuindo, assim, para a manutenção da interdisciplinaridade.

REFERÊNCIAS:

- ABDALA JÚNIOR, Benjamin. O pio da coruja e as cercas de Paulo Honório. In: MOTA, Lourenço Dantas; ABDALA JÚNIOR, Benjamin. (Orgs). **Personae**: grandes personagens da literatura brasileira. São Paulo: Senac, 2001, p.163 a 194.
- BARTHES, Roland. **“Da ciência à literatura”**. In: O rumor da língua. Trad. Mário Laranjeira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- BENVENISTE, Émile. Baudelaire. **Présentation et transcription de Chloé Laplantine**. Limoges: LambertLucas, 2011.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. 3. ed. Campinas: Pontes, 2023.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral II**. 3. ed. Campinas: Pontes, 2023.
- BENVENISTE, Émile. **Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)**. Edição estabelecida por Jean-Claude Coquet e Irène Fenoglio. Trad. Daniel Costa da Silva et al. 1.ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- BENVENISTE, Émile. (1966-1967). A forma e o sentido na linguagem. In: BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral II**. Trad. Eduardo Guimarães et al. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2023.
- Bíblia Sagrada. Tradução Brasileira**. [s.l.] Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.
- CANDIDO, Antonio. **Ficção e Confissão**. Ouro sobre Azul: Rio de Janeiro, 2006. p. 17 a 100.
- CANDIDO, Antonio. **A personagem de ficção**. [s.l.] São Paulo Perspectiva, 2011.
- Candido, Antonio. **De Cortiço a Cortiço**. Novos Estudos: CEBRAP, 1991.
- CASTRO, Valdiney Valente Lobato de. Quem eram os leitores cariocas do século XIX? . **Revista Unicentro**: 2015. Disponível em:< encurtador.com.br/ciotW>.Acesso em: 08 jul. 2024.
- CARPEAUX, Otto Maria. **O modernismo por Carpeaux**. Rio de Janeiro: LeYa, 2012.
- COSTA, Marco Antônio. Estruturalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de Linguística**. 2. ed. São Paulo. Contexto, 2012. p. 113-126.
- FERRAREZI JUNIOR, Celso; BASSO, Renato. Introdução. In:_____. (Orgs). **Semântica, semânticas**: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2013, p. 13-17.
- FISCHER, Steven Roger. **História da leitura**. Trad. Cláudia Freire. São Paulo: Ed. Unesp, 2006.

- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2012.
- FLORES, V. N. **Introdução à teoria enunciativa de Benveniste**. São Paulo: Parábola, 2013.
- FLORES, Valdir do Nascimento. **Problemas gerais de linguística**. Petrópolis: Vozes, 2019, E-book.
- FLORES, V. N.; TEIXEIRA, M. **Introdução à Linguística da Enunciação**, 2. Ed., São Paulo: Contexto, 2013.
- FLORES, V. N.; TEIXEIRA, M.; BARBISAN, L. B.; FINATTO, M. J. B. **Dicionário de Linguística da Enunciação**. São Paulo: Contexto, 2009.
- FIORIN, José Luiz. **Linguagem e interdisciplinaridade**. 2008, p-29-53.
- ILARI, RODOLFO. Prefácio. In: FERRAREZI JUNIOR, Celso; BASSO, Renato. (Orgs). **Semântica, semânticas: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2013, p.9-11.
- GENETTE, Gérard. **O Discurso da Narrativa**. Lisboa: Vega, 1995.
- GUIMARÃES, Eduardo. Semântica e Pragmática. In: GUIMARÃES, E; ZOPPI-FONTANA, M. (Org.). **Introdução às ciências da linguagem: a palavra e a frase**. 2ª ed. São Paulo: Pontes Editores, 2010, p. 113-143.
- JÚNIOR, José Temístocles Ferreira. A Teoria de Benveniste Sobre a Pessoaalidade. IN: **Criança Autista Na/Pela Linguagem: da Categoria de Pessoa à singularidade do sujeito no processo de Enunciação**. Paraíba: UFPB, 2014. (tese de doutorado).
- LAPLANTINE, Chloé. **Émile Benveniste: poétique de la théorie**. Paris: Ecole doctorale Pratiques et Théories du sens, 2008. (tese de doutorado).
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. O Léxico: Lista, Rede ou Cognição Social. In: NEGRI, Lígia; FOLTRAN, Maria José; OLIVEIRA, Roberta Pires de. (Orgs.). **Sentido e Significação em torno da obra de Rodolfo Ilari**. 01 ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 263-284.
- LUKÁCS, G. **História e consciência de classe: estudos de dialética marxista**. Trad. Telma Costa; Revisão Manuel A. Resende e Carlos Cruz – 2º Edição, Rio de Janeiro: Elfos Ed.; Porto, Portugal, Publicações Escorpião, 1989.
- MARQUES, Ivan. **Para amar Graciliano Ramos**. Faro Editora: São Paulo, 2017.
- MOURÃO, R. **Estruturas: ensaio sobre o romance de Graciliano Ramos**. Tendência, 1969.
- MOISÉS, Massaud. **História da Literatura Brasileira - Vol. III**. Editora Cultrix, 2020.
- MOISÉS, Massaud. **Pequeno dicionário de literatura brasileira**. Editora Cultrix, 1999.

- NUNES, Benedito. **O tempo na narrativa**. Edições Loyola: 2013.
- NETO, Godofredo De Oliveira. Pós-facio. In: RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**. Rio de Janeiro : Record, 1990.
- RAMOS, Graciliano. **Cartas**. Rio de Janeiro: Record, 2022.
- RAMOS, Graciliano. **Infância**. [s.l.] Rio de Janeiro:Record, 2020.
- RAMOS, Graciliano. **Memórias do Cárcere**. Rio de Janeiro: Record, 2022.
- RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**. Rio de Janeiro: Record, 1990.
- SAUSSURE, Ferdinand et al. **Curso de Lingüística Geral**. [s.l.] São Paulo: Cultrix, 2008.
- SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz e STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- _____. **A longa viagem da biblioteca dos reis: do terremoto de Lisboa à Independência do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização, 1969.
- VIER, S. Dossiê Baudelaire e a natureza da linguagem poética. **Fragmentum**, n. 56, p. 163–176, 2020.
- VIER, Sabrina. **Émile Benveniste e a Literatura**. ReVEL, edição especial n. 11, 2016. Disponível em: www.revel.inf.br. Acesso em: ago. de 2023.

ANEXOS:

Segue, abaixo, o manuscrito original, escrito por Benveniste a respeito da produção poética de Baudelaire, 22, fº4 fº256. Este material, mencionado no capítulo 2 desta dissertação, como também os demais analisados pelo linguista, encontram-se na tese de doutorado de Chloé Laplantine, publicada em 2008.

La poésie est identification de la matière linguistique à la signification des mots. Il faut que le son suggère ou imite le sens, mais le sens pris comme suggestion émotive non comme signifié lexical. Le poète ne veut rien nous apprendre, il ne veut pas nous éveiller en nous des idées, il veut atteindre avec les mots mis ensemble la région de nous qu'une émotion peut toucher.

Le poète doit donc détourner les mots de leurs associations ordinaires, donner à certains des valeurs nouvelles, user de répétitions obsédantes, les égarer audacieusement les contraindre, insérer les mythes inattendus, les dénommer.

Ce que le poète dit en vers ne peut être dit qu'en vers.

C'est bien la plus grande erreur en cette matière que de parler du "sens" d'un poème. Le "sens" n'est pas la même valeur en poésie que dans le langage ordinaire. Il faut poser